



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDONÓPOLIS**  
**PRÓ-REITORIA DE ENSINO PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**EMANUELLE HENRIQUE ALVES CAMPOS**

**A LITERATURA DE CAROLINA MARIA DE JESUS EM SALA DE AULA:  
O DIÁRIO COMO RECURSO PEDAGÓGICO PARA A PRODUÇÃO ESCRITA**

Rondonópolis - MT

2025

**EMANUELLE HENRIQUE ALVES CAMPOS**

**A LITERATURA DE CAROLINA MARIA DE JESUS EM SALA DE AULA:  
O DIÁRIO COMO RECURSO PEDAGÓGICO PARA A PRODUÇÃO ESCRITA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação do Instituto de Ciências Humanas e Sociais - Universidade Federal de Rondonópolis como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Professora Doutora Tatiane Silva Santos

Rondonópolis - MT

2025

### Dados Internacionais de Catalogação na Fonte

Ficha Catalográfica elaborada de forma automática com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.

Campos, Emanuelle Henrique Alves.

A literatura de Carolina Maria de Jesus em sala de aula: [recurso eletrônico] : o diário como recurso pedagógico para a produção escrita / Emanuelle Henrique Alves Campos. – Dados eletrônicos (1 arquivo : 103 f., il. color., pdf). – 2025.

Orientador(a): Tatiane Silva Santos.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Rondonópolis, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em Educação, Rondonópolis, 2025.

Inclui bibliografia.

1. Carolina Maria de Jesus. 2. Escrita. 3. Literatura. 4. Ensino. 5. Diário. I. Santos, Tatiane Silva, *orientador*. II. Título.



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDONÓPOLIS  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

**TÍTULO: “A LITERATURA DE CAROLINA MARIA DE JESUS EM SALA DE AULA: O DIÁRIO COMO RECURSO PEDAGÓGICO PARA A PRODUÇÃO ESCRITA”**

**AUTORA: MESTRANDA EMANUELLE HENRIQUE ALVES CAMPOS**

Dissertação defendida e aprovada em **01 de 12 de 2025**.

**COMPOSIÇÃO DA BANCA EXAMINADORA**

**1. TATIANE SILVA SANTOS** (Presidente da Banca/**ORIENTADORA**)

INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDONÓPOLIS

**2. SHIRLENE ROHR DE SOUZA** (Examinadora Interna)

INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDONÓPOLIS

**3. LUCY MIRANDA DO NASCIMENTO** (Examinadora Externa)

INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

**4. KENIA ADRIANA DE AQUINO** (Suplente)

INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDONÓPOLIS

**RONDONÓPOLIS, 01/12/2025.**

---



Documento assinado eletronicamente por **Tatiane Silva Santos, Docente - UFR**, em 01/12/2025, às 14:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **Shirlene Rohr de Souza, Docente - UFR**, em 01/12/2025, às 20:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **LUCY MIRANDA DO NASCIMENTO, Usuário Externo**, em 02/12/2025, às 16:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufr.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufr.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0616036** e o código CRC **F1738CD4**.

---

---

*Dedico este trabalho a meu pai, Vanderlei Henrique Rocha (in memoriam), por ter sido meu primeiro professor e por ter me apresentado a beleza que existia nos livros e na literatura.*

## AGRADECIMENTOS

Inicialmente, agradeço ao Nosso Deus, pelo dom divino da vida, pela força concedida nos momentos de dificuldade, e por iluminar cada passo deste caminho de aprendizado.

Aos estudantes que passam pela minha vida diariamente, pois é a partir do olhar deles que percebo a importância em continuar meus estudos, e por confiarem em minhas palavras quando estou apresentando a beleza que existe nos livros, nas artes, e como a literatura pode salvar e libertar.

À minha orientadora, professora Tatiane Silva Santos, pelo apoio, paciência, orientação, e todo o conhecimento partilhado, mas, acima de tudo, pelo olhar atento e afetuoso sobre tudo o que eu escrevo a respeito de Carolina Maria de Jesus.

Às professoras Lucy Miranda do Nascimento e Shirlene Rohr de Souza, por aceitarem o convite para serem examinadoras na minha banca de defesa, nesta etapa tão significativa da minha vida de estudante, a minha eterna alegria e paz por ouvir vocês dialogarem sobre a temática que escolhi estudar, enquanto sou uma educadora que engatinha nessa trajetória do ensinar.

Aos professores, mestres e doutores da Universidade Federal de Rondonópolis (UFR), pela orientação atenciosa e pela condução cuidadosa ao longo desta pesquisa, e no decorrer das disciplinas cursadas. Em especial ao professor Danilo de Oliveira Nascimento, por todo o carinho, amizade e ensinamentos.

À minha família, pela paciência, e por compreender minha reclusão e silêncio no processo de escrita e leituras. Ao meu pai, que me apresentou a literatura, e nos seus últimos dias de vida me disse: “seja humilde, compartilhe com o mundo o que você aprender, faça tudo que sonhar. Seja doutora, se você quiser, mas não retenha seu conhecimento. Você pode escrever e ler o mundo, e nem precisa sair do seu quarto, do seu mundo miúdo de menina tagarela”. Obrigada, pai! Meu mundo segue miúdo, mas eu sigo crescendo, enquanto compartilho o que vou aprendendo... Paizinho, até a próxima aventura literária.

Agradeço de forma mais atenciosa aos amigos e amigas: Leony Villela Vilar, Eliane Borges, Diogo Diedrich, Sérgio Santos, Fabiana Trindade, e a todos que, de maneira direta ou indireta, me abraçaram nos momentos de clausura, tristeza, angústia, medo, e no recomeço da realização deste sonho, a vocês deixo minha mais profunda gratidão.

À Carolina Maria de Jesus, *in memoriam*, por ser um exemplo de mulher, literata, na condição de ser negra, mãe que criou sozinha três filhos. Por todas as palavras que ela deixou escritas no mundo, que tocam a alma de leitores crianças, jovens ou idosos, ao se depararem com a dura realidade que a autora viveu por anos, enquanto moradora da favela do Canindé, em São Paulo. O trabalho árduo como catadora de papel não a impediu de ser uma escritora como sempre sonhou, desde menina, ao perceber que já sabia ler e escrever, e sentiu-se livre das amarras do mundo, cheia de “audácia” e coragem. Obrigada, Carolina!

*... A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos como encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é minha pele. Preto é o lugar onde moro.*

(Carolina Maria de Jesus, 1960).

## RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo o estudo sobre as estratégias metodológicas para a realização de atividades de escrita trabalhadas em sala de aula a partir da obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), de Carolina Maria de Jesus. As estratégias são analisadas, a partir de quatro dissertações de mestrado, utilizadas como ponto de partida para compreender o valor pedagógico da literatura da autora, especialmente na abordagem de questões como o incentivo à escrita que leva os estudantes às reflexões sobre rotinas de leitura e escrita, pertencimento e identidade racial. A pesquisa parte do pressuposto de que as produções da autora podem promover debates sobre a diversidade de publicações na literatura brasileira e está alinhada às diretrizes da Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e africana nos currículos escolares. Para tanto, explora como a literatura da autora pode ser inserida em práticas pedagógicas que tenham diferentes abordagens, neste caso, especificamente em estratégias para a realização de atividades de escrita que levam ao trabalho com práticas antirracistas e de valorização da identidade negra, contribuindo para o letramento literário e racial, além da formação de uma consciência crítica nos estudantes. A partir das análises das dissertações selecionadas, o estudo busca compreender como as experiências literárias e biográficas carolinianas são trabalhadas em sala de aula e quais são os impactos dessas práticas na percepção dos professores e estudantes. O referencial teórico utilizado para a abordagem em torno do racismo inclui os estudos de Lélia Gonzalez (2020), que aborda a importância do entendimento de conceitos como o de democracia racial e da identidade política e cultural construída a partir da interseccionalidade entre raça, gênero e classe, enfatizando a experiência específica da mulher negra na América Latina. A partir dessa perspectiva, analisa-se como o diário contribui para a construção de novas visões sobre a prática de escrita, as relações raciais e o pertencimento social. Em sequência, tem-se os estudos de Sueli Carneiro (2023), para dar suporte no que diz respeito às questões do racismo, pois a estudiosa o analisa como um mecanismo estrutural de poder que opera em conjunto com o sexismo para subalternizar as mulheres negras. A abordagem de ambas dialoga e avança na crítica ao liberalismo, destacando como a racialidade (um sistema de classificação social baseado na raça) é um instrumento de dominação. Para a abordagem sobre a escrita em sala de aula a pesquisa se orienta em Geraldi (2011); sobre o gênero diário, apoia-se em Didier (1976); além de Lejeune (2008) e na escrevivência de Evaristo (2020), entre outros. O estudo visa, assim, analisar projetos que utilizam a obra da escritora como objeto de ensino, sublinhando as estratégias bem-sucedidas e identificando as lacunas que ainda precisam ser preenchidas para que a literatura da autora seja integrada aos processos educacionais. Espera-se, desse modo, contribuir para o desenvolvimento de novas práticas pedagógicas que promovam uma educação inclusiva e transformadora, valorizando a diversidade cultural e intelectual. A pesquisa, de cunho qualitativo e análise documental, se concentra em analisar as pesquisas científicas já desenvolvidas em torno da literatura caroliniana e suas abordagens em sala de aula.

**Palavras-chave:** Carolina Maria de Jesus; Escrita; Literatura; Ensino; Diário.

## ABSTRACT

This dissertation aims to study the methodological strategies for carrying out writing activities in the classroom based on the work *Room of Despair: Diary of a Slum Dweller* (1960), by Carolina Maria de Jesus. The strategies are analyzed, based on four master's theses, used as a starting point to understand the pedagogical value of the author's literature, especially in addressing issues such as encouraging writing that leads students to reflect on reading and writing routines, belonging, and racial identity. The research assumes that the author's works can promote debates about the diversity of publications in Brazilian literature and is aligned with the guidelines of Law 10.639/03, which makes the teaching of Afro-Brazilian and African History and Culture mandatory in school curricula. To this end, it explores how the author's literature can be incorporated into pedagogical practices with different approaches, specifically in strategies for carrying out writing activities that lead to work with anti-racist practices and the valorization of Black identity, contributing to literary and racial literacy, as well as the formation of a critical consciousness in students. Based on the analysis of selected dissertations, the study seeks to understand how Caroline's literary and biographical experiences are worked on in the classroom and what the impacts of these practices are on the perception of teachers and students. The theoretical framework used for the approach to racism includes the studies of Lélia Gonzalez (2020), which addresses the importance of understanding concepts such as racial democracy and the political and cultural identity constructed from the intersectionality between race, gender, and class, emphasizing the specific experience of Black women in Latin America. From this perspective, it analyzes how the diary contributes to the construction of new views on writing practice, racial relations, and social belonging. Following this, the studies of Sueli Carneiro (2023) provide support regarding issues of racism, as the scholar analyzes it as a structural mechanism of power that operates in conjunction with sexism to subordinate Black women. The approach of both authors engages with and advances the critique of liberalism, highlighting how raciality (a system of social classification based on race) is an instrument of domination. For the approach to writing in the classroom, the research is guided by Geraldi (2011); regarding the diary genre, it relies on Didier (1976); as well as Lejeune (2008) and Evaristo's (2020) writing-from-experience, among others. The study aims, therefore, to analyze projects that use the writer's work as a teaching tool, highlighting successful strategies and identifying the gaps that still need to be filled so that the author's literature can be integrated into educational processes. This research aims to contribute to the development of new pedagogical practices that promote inclusive and transformative education, valuing cultural and intellectual diversity. The qualitative research, based on document analysis, focuses on examining existing scientific research on Carolina Maria de Jesus's literature and its classroom applications.

**Keywords:** Carolina Maria de Jesus; Writing; Literature; Teaching; Diary.

## RESUMEN

El objetivo de esta tesis es estudiar las estrategias metodológicas para realizar actividades de escritura en el aula a partir de la obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), de Carolina Maria de Jesus. Las estrategias se analizan a partir de cuatro tesis de maestría, utilizadas como punto de partida para comprender el valor pedagógico de la literatura de la autora, especialmente en el abordaje de cuestiones como el incentivo a la escritura que lleva a los estudiantes a reflexionar sobre las rutinas de lectura y escritura, el sentido de pertenencia y la identidad racial. La investigación parte del supuesto de que las producciones de la autora pueden promover debates sobre la diversidad de publicaciones en la literatura brasileña y está en consonancia con las directrices de la Ley 10.639/03, que hace obligatoria la enseñanza de la historia y la cultura afrobrasileña y africana en los planes de estudio escolares. Para ello, explora cómo la literatura de la autora puede insertarse en prácticas pedagógicas que tienen diferentes enfoques, en este caso, específicamente en estrategias para la realización de actividades de escritura que llevan al trabajo con prácticas antirracistas y de valorización de la identidad negra, contribuyendo a la alfabetización literaria y racial, además de la formación de una conciencia crítica en los estudiantes. A partir del análisis de las tesis seleccionadas, el estudio busca comprender cómo las experiencias literarias y biográficas carolinianas se trabajan en el aula y cuáles son los impactos de estas prácticas en la percepción de profesores y estudiantes. El marco teórico utilizado para abordar el racismo incluye los estudios de Lélia Gonzalez (2020), que aborda la importancia de comprender conceptos como la democracia racial y la identidad política y cultural construida a partir de la interseccionalidad entre raza, género y clase, haciendo hincapié en la experiencia específica de la mujer negra en América Latina. Desde esta perspectiva, se analiza cómo el diario contribuye a la construcción de nuevas visiones sobre la práctica de la escritura, las relaciones raciales y la pertenencia social. A continuación, se encuentran los estudios de Sueli Carneiro (2023), que respaldan las cuestiones relacionadas con el racismo, ya que la investigadora lo analiza como un mecanismo estructural de poder que opera junto con el sexismo para subalternizar a las mujeres negras. El enfoque de ambas dialoga y avanza en la crítica al liberalismo, destacando cómo la racialidad (un sistema de clasificación social basado en la raza) es un instrumento de dominación. Para el enfoque sobre la escritura en el aula, la investigación se basa en Geraldini (2011); sobre el género diario, se apoya en Didier (1976); además de Lejeune (2008) y en la escritura de Evaristo (2020), entre otros. El estudio tiene como objetivo analizar proyectos que utilizan la obra de la escritora como objeto de enseñanza, destacando las estrategias exitosas e identificando las lagunas que aún deben llenarse para que la literatura de la autora se integre en los procesos educativos. De este modo, se espera contribuir al desarrollo de nuevas prácticas pedagógicas que promuevan una educación inclusiva y transformadora, valorizando la diversidad cultural e intelectual. La investigación, de carácter cualitativo y de análisis documental, se centra en analizar las investigaciones científicas ya desarrolladas en torno a la literatura caroliniana y sus enfoques en el aula.

**Palabras clave:** Carolina Maria de Jesus; Escritura; Literatura; Enseñanza; Diario.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> - Pesquisa das teses e dissertações CAPES – Quarto de despejo.....	25
<b>Figura 2</b> - Busca dissertação 1 CAPES Catálogo de Teses e Dissertações .....	27
<b>Figura 3</b> - Busca dissertação 2 CAPES Catálogo de Teses e Dissertações .....	28
<b>Figura 4</b> - Busca dissertação 3 CAPES Catálogo de Teses e Dissertações .....	29
<b>Figura 5</b> - Busca dissertação 4 CAPES Catálogo de Teses e Dissertações .....	30

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Análise das estratégias metodológicas dos autores das dissertações .....	33
<b>Quadro 2</b> - Análise metodológica das dissertações sobre a obra <i>Quarto de Despejo</i> no contexto escolar .....	61

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>CAPES</b>	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
<b>EJA</b>	Educação de Jovens e Adultos
<b>HQs</b>	Histórias em Quadrinhos Autobiográficas
<b>IA</b>	Inteligências Artificiais
<b>MG</b>	Minas Gerais
<b>MT</b>	Mato Grosso
<b>PPGEdu</b>	Programa de Pós-Graduação em Educação
<b>UEL</b>	Universidade Estadual de Londrina
<b>UERJ</b>	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
<b>UFR</b>	Universidade Federal de Rondonópolis
<b>UFOP</b>	Universidade Federal de Ouro Preto
<b>UFS</b>	Universidade Federal de Sergipe
<b>UFU</b>	Universidade Federal de Uberlândia
<b>UNEB</b>	Universidade do Estado da Bahia
<b>UNEMAT</b>	Universidade do Estado de Mato Grosso
<b>UNIFESP</b>	Universidade Federal de São Paulo
<b>UNILA</b>	Universidade Federal da Integração Latino-Americana

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>2 A LITERATURA CAROLINIANA NO CONTEXTO ESCOLAR: PERCURSOS METODOLÓGICOS</b> .....	22
<b>3 RACISMO ESTRUTURAL E RESISTÊNCIA NA ESCRITA DE MULHERES NEGRAS</b> .....	40
<b>4 O DIÁRIO COMO TRANSFORMAÇÃO: A LITERATURA DE CAROLINA MARIA DE JESUS EM DIFERENTES PERSPECTIVAS</b> .....	48
<b>4.1 A pedagogia do diário: estimular a escrita e a reflexão nos espaços educativos</b> .....	51
<b>4.2 A literatura caroliniana em sala de aula: produção textual reflexiva</b> .....	55
<b>5 A LITERATURA DE CAROLINA MARIA DE JESUS EM SALA DE AULA</b> .....	60
<b>5.1 Milena Paixão da Silva (2016)</b> .....	62
<b>5.2 Thais Fernanda Rodrigues da Luz Teixeira (2018)</b> .....	68
<b>5.3 Jacinaila Louriana Ferreira (2021)</b> .....	75
<b>5.4 Shirley Ornelas Oliveira (2023)</b> .....	82
<b>5.5 Análise comparativa das metodologias: aproximações, distanciamentos e contribuições</b> .....	88
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	92
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	97

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é desenvolvido no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) da Universidade Federal de Rondonópolis (UFR), vinculado à linha de pesquisa “Linguagem, educação e cultura”. A presente pesquisa nasce de um acontecimento específico ocorrido em 2019, em uma turma do oitavo ano da Escola Estadual José Salmen Hanze, em Rondonópolis, Mato Grosso (MT), durante uma aula em que os temas em debate: racismo, violência contra a mulher negra, identidade racial, pertencimento e lugar de fala, despertaram grande interesse dos estudantes e, conseqüentemente, desta professora-pesquisadora.

A partir dessa vivência pedagógica e da inquietação gerada pelas discussões em sala de aula, surgiu a motivação para investigar de forma mais aprofundada a literatura produzida por mulheres negras brasileiras, com ênfase na obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, publicada, originalmente, em 1960.

O tema deste estudo tem como foco a análise de *Quarto de Despejo* como recurso pedagógico na educação brasileira, e toma a obra caroliniana como referência de uma investigação sobre escrita de narrativas, provocada na narrativa diária da autora. Desta forma, investiga-se como a escrita de estudantes pode ser mobilizada a partir da leitura da obra, explorando temas como identidade, desigualdade social, racismo e vivências periféricas. Busca-se compreender como o contato com a obra de Carolina Maria de Jesus, caracterizada pela oralidade, resistência e denúncia social, pode incentivar, no ambiente escolar, a produção de textos escritos com caráter crítico, autoral e socialmente engajado.

Estima-se que as publicações literárias da autora se iniciam em 1940, quando a escritora buscava divulgar seus poemas em jornais da época, como, por exemplo, o periódico *Folha da Manhã* (Farias, 2019, p. 113). Apesar de a escrita ser algo frequente no cotidiano da escritora, a publicação de seu primeiro livro aconteceu somente em 1960. O livro rompeu barreiras sociais e literárias, oferecendo um relato sobre a vida de Carolina na periferia de uma grande cidade. O Diário, originalmente escrito em cadernos que a autora encontrava no lixo, foi lido pelo jornalista Audálio Dantas, que editou e publicou o material. A obra vendeu mais de 10 mil cópias em apenas uma semana e foi traduzida para mais de 13 idiomas, em pouco tempo (Meihsy, 1998, p. 19).

Apesar deste sucesso, a obra da autora foi logo esquecida devido a diversos fatores, principalmente, o racismo que estrutura a sociedade brasileira. Atualmente, *Quarto de Despejo* (1960) permanece relevante, sendo adotado em escolas como instrumento de reflexão sobre

questões sociais, raciais e de gênero, consolidando a escritora como uma voz fundamental na literatura brasileira e mundial.

Nesse contexto mais amplo da literatura produzida por mulheres negras, é imperativo considerar os papéis multifacetados que essas figuras ocupam na sociedade brasileira, frequentemente marcados por resistências interseccionais ao racismo e ao patriarcado. Lélia Gonzalez (2020, p. 82), em *Por um feminismo afro-latino-americano*, delinea esses papéis ao enfatizar a mulher negra como agente de transformação social, posicionada na intersecção de opressões raciais, de gênero e de classe. Assim imbricada, ela não apenas sobrevive às estruturas excludentes como também as desafia, por meio de uma práxis feminista que integra a ancestralidade africana e a luta pela descolonização cultural. A autora argumenta que, na sociedade brasileira, uma mulher negra assume papéis de cuidadora, produtora cultural e política militante, cuja visibilidade é essencial para desconstruir narrativas hegemônicas que são relegadas à marginalidade, promovendo, dessa forma, uma visão de valorização coletiva que ressoa com as denúncias de Carolina Maria de Jesus.

Complementando essa perspectiva, Beatriz Nascimento (2021, p. 56), em *Uma história feita por mãos negras*, aborda especificamente a inserção da mulher negra no mercado de trabalho, salientando como o racismo estrutural e o sexismo operam para confiná-la a ocupações precárias e sub-remuneradas, como o trabalho doméstico informal, que perpetua ciclos de pobreza e invisibilidade econômica. A obra ilustra essa dinâmica por meio de narrativas históricas que revelam a resiliência das mulheres negras que, apesar das barreiras impostas pelo capitalismo racializado, constroem redes de solidariedade e empreendedorismo comunitário, transformando o mercado de trabalho em um espaço de resistência e reafirmação identitária. Essa análise reforça a relevância pedagógica de obras como *Quarto de Despejo* (1960), ao evidenciar como as vivências laborais da autora exemplificam as lutas cotidianas das mulheres negras contemporâneas no Brasil.

Além disso, conforme Régia Agostinho (2024), a trajetória de Maria Firmina dos Reis emerge como um marco pioneiro nessa tradição literária negra, representando a primeira escritora negra a publicar um romance no Brasil. Trata-se de *Úrsula* (1859), uma obra que aborda o racismo escravocrata e as violências de gênero por meio de uma narrativa abolicionista e feminista. Em *Maria Firmina dos Reis: mulher e poder no Brasil*, Agostinho (2024, p. 138) examina o papel de Firmina como intelectual e escritora, destacando como ela navegou pelas restrições impostas à mulher negra no século XIX, utilizando a literatura para afirmar o poder subversivo da voz feminina afro-brasileira e questionar as posições sociais da época. Para a pesquisadora, *Úrsula* (1859) não somente inaugura uma estética literária negra, mas também

pavimenta o caminho para autoras subsequentes, como Carolina Maria de Jesus, ao expor as interseções de raças, gênero e poder que continuam a moldar a sociedade brasileira, tornando-a um referencial indispensável para análises pedagógicas contemporâneas sobre identidade e resistência.

A crítica literária e os escritores da época receberam o primeiro livro com surpresa e admiração. Como afirma Candido (1961 *apud* Meihy, 1998, p. 45): “Carolina Maria de Jesus é um fenômeno singular. Sua escrita, embora despojada de técnicas literárias convencionais, possui uma força documental e poética que choca e comove”.

No entanto, parte da crítica literária brasileira via a obra com certo desconforto, pois ela expunha a miséria e o racismo estrutural que muitos preferiam ignorar. Alguns críticos questionavam seu valor literário, reduzindo-a a um “documento social”, enquanto outros, como o poeta Ferreira Gullar, reconheciam sua importância. Para o poeta, “Carolina não é apenas uma favelada que escreve, ela é uma escritora que desnuda a hipocrisia de uma sociedade desigual” (Gullar, 1960 *apud* Meihy, 1998, p. 20).

Gullar (1960) valoriza a obra da autora ao ultrapassar os limites do olhar condescendente com que parte da elite intelectual a tratava. O estudioso reposiciona a escritora como autora legítima, cuja voz tem força crítica e literária. Conforme o poeta maranhense, há o reconhecimento de que, ao narrar sua vivência na favela, revelando as contradições de um país profundamente marcado pela desigualdade e pelo racismo estrutural, a escrita caroliniana, ainda que fora das convenções estéticas acadêmicas, carrega densidade poética e denúncia social, revelando verdades incômodas que muitos preferiam silenciar. A ideia de Gullar (1960) possibilita ao leitor legitimar a escritora como agente ativa da literatura brasileira, reconhecendo o valor político e artístico de sua obra, pois sua escrita não apenas registra a exclusão social, mas confronta diretamente a hipocrisia de um sistema que perpetua injustiças.

E foi assim que a obra em análise rapidamente ultrapassou as fronteiras do Brasil. Nos Estados Unidos, a tradução da obra caroliniana, intitulada *Child of the Dark* (1960), foi aclamada pela crítica, sendo comparada a títulos como *O diário de Anne Frank*, por seu caráter testemunhal (St. Clair, 1962, p. 7).

Na Europa, a obra foi lida como um documento anticolonial e feminista, especialmente na França e na Alemanha. O livro alcançou grande repercussão internacional e teve particular sucesso na França, em parte por sua força simbólica e política, que dialogava profundamente com contextos sociais franceses da época. O termo francês “*dépotoir*”, equivalente a “quarto de despejo”, amplia esse impacto simbólico: não apenas como um local de lixo ou refúgio físico, mas como metáfora para a própria condição social da favela e de seus habitantes. O fato de a

autora se referir a si mesma como “rebotalho” (em francês, *rebut*), reforça a identificação com os marginalizados, ela personifica o que a sociedade descarta, mas também demonstra esse processo com lucidez e dignidade (St. Clair, 1962, p. 8).

Na Alemanha, a obra foi publicada com o título *Tagebuch der Armut (Diário da Miséria)*, título adotado em pelo menos sete edições. Essa escolha tradutória teve papel central na recepção da obra: ao contrário do original brasileiro, a expressão alemã equivalente a "quarto de despejo" - *Rumpelkammer* - evocava lembranças infantis acolhedoras, destoando da dureza social do texto. Por isso, optou-se por um título mais denotativo e direto, que destacasse o tom trágico e socialmente crítico do Diário (St. Clair, 1962, p. 9).

A repercussão internacional evidencia a força universal da escrita da autora. A comparação feita pela crítica norte-americana entre *Child of the Dark* e *O Diário de Anne Frank* (St. Clair, 1962) revela o reconhecimento de seu caráter testemunhal, em que a subjetividade da autora se entrelaça com uma denúncia social. Ambas as obras revelam vivências extremas – a guerra e a fome – narradas em primeira pessoa, o que desperta empatia e reflexão. Contudo, o impacto da obra não se limitou ao campo da literatura.

Nos anos 2000, o livro ganhou novas edições e estudos acadêmicos no exterior, sendo discutida em universidades como Harvard e Columbia no contexto de literatura periférica e pós-colonialismo (Farias, 2018). A partir dos dados coletados para esta pesquisa, observa-se que o livro é frequentemente adotado em escolas do Ensino Fundamental II e no Ensino Médio, sobretudo em disciplinas como Língua Portuguesa, História e Sociologia.

As obras produzidas pela autora, em vida e póstumas, são: *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada* (1961), *Pedaços da fome* (1963), *Provérbios* (1965), *O Sócrates africano* (1976), *Diário de Bitita* (1986), *Minha vida incluída em Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*, de José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert M. Levine (1994), *Meu estranho diário* (1996), *Antologia pessoal* (1996), *Onde estaes felicidade?* (2014), *Meu sonho é escrever... Contos inéditos e outros contos escritos* (2018), *Cliris: poemas recolhidos* (2019), *O escravo* (2021) e *Os feijões* (2021).

A autora emerge como uma das figuras mais singulares da literatura brasileira do século XX. Mulher negra, nascida em Sacramento, Minas Gerais (MG), aprendeu a ler e escrever ainda na infância, desenvolvendo desde cedo um fascínio pela palavra escrita, que a acompanharia por toda a vida. Antes mesmo da publicação de seu célebre diário, já produzia poemas, crônicas políticas e até mesmo sambas, demonstrando uma relação íntima e sofisticada com a linguagem e a cultura.

A presente pesquisa parte, a princípio, da análise de quatro pesquisas científicas desenvolvidas em sala de aula e que tiveram como foco o processo de escrita dos estudantes do Ensino Fundamental II e Educação de Jovens e Adultos (EJA), as quais tiveram as suas atividades centradas na obra da autora, mais especificamente, na leitura e análise do Diário.

Os trabalhos revelam que a obra da autora vem sendo apropriada academicamente de forma plural e interdisciplinar, com significativas implicações pedagógicas, na medida em que convergem ao ressaltar o contexto transformador da literatura da autora, seja no combate ao racismo, na discussão de gênero, no ensino de história ou na formação de profissionais críticos.

A pesquisa ora apresentada se justifica frente à importância e urgência em debater essas temáticas, apresentando aos estudantes a Lei 10.639/2003 (Brasil, 2003), atualizada pela Lei 11.645, de 10 de março de 2008 (Brasil, 2008), e como esta possibilitou inúmeras mudanças à educação e ao ensino literário, tendo em vista que passou a obrigar o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nos currículos escolares.

O objeto deste estudo é, portanto, a análise de quatro trabalhos científicos (dissertações de mestrado) que trazem uma investigação sobre práticas pedagógicas baseadas na leitura de obra literária *Quarto de despejo*: diário de uma favelada (1960), com foco nas estratégias metodológicas utilizadas por cada pesquisador. As dissertações selecionadas para esta análise foram as seguintes: a) *A voz e o poder do texto literário afro-brasileiro*: uma proposta de intervenção pedagógica para o ensino fundamental com obra quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus, de Milena Paixão da Silva (2016); b) *A memória, a (re)construção das identidades na Pós-Modernidade e uma proposta de intervenção na escola*: a presença da (auto)biografia em algumas novelas gráficas e a produção de um texto autobiográfico em quadrinhos, de Thais Fernanda Rodrigues da Luz Teixeira (2018); c) *Quarto de Despejo*: temáticas atemporais para sala de aula, de Jacinaila Louriana Ferreira (2021); e d) *Multiletramentos na EJA*: uma proposta de ampliação da competência leitora com a obra Quarto de Despejo, diário de uma favelada de Carolina Maria de Jesus, de Shirley Ornelas Oliveira (2023).

A partir do *corpus* selecionado, visa-se compreender como a literatura caroliniana, mais especificamente, o diário da autora, estimula os estudantes criativamente nas práticas de escrita no contexto escolar. A análise inicial aponta que, além do diário como recurso importante para o estímulo das práticas de escrita na escola, grande parte das investigações sobre o tema traz projetos e práticas para o cumprimento da lei 10.639/03; no caso do diário da autora, o protagonismo da mulher negra, a narrativa que relata a situação de precarização da população negra em uma grande capital do país, sua resistência em busca de momentos para práticas de

leitura e escrita frente ao cenário em que vivia, dentre outros pontos importantes para o debate nas escolas.

Parte-se da hipótese de que o sucesso dessas atividades se deve ao fato de que, atualmente, a escrita do diário no papel, que abarca aspectos positivos e negativos do cotidiano, contrasta com o mundo digital, em que as redes sociais mostram, de modo geral, somente recortes positivos do cotidiano. Com base nesse contraste, a escrita de um diário revela-se um instrumento pedagógico de grande valia para o incentivo de práticas de escrita.

Nessa direção, investiga-se como a obra pode ser aplicada em sala de aula a partir das provocações realizadas pelos autores em sua literatura. Levando em conta a análise de quatro pesquisas científicas, pressupõe-se que ocorreram no contexto escolar, a fim de avaliar quais aspectos didático-pedagógicos, que estratégias metodológicas relacionadas à escrita os estudiosos abordaram no desenvolvimento das pesquisas e como estas somaram para a vida dos estudantes. Este estudo compreende as abordagens adotadas pelos pesquisadores em suas análises da obra *Quarto de Despejo* (1960), investigando como essa leitura fundamentou reflexões sobre questões sociais, raciais e educacionais. Discute-se, ainda, qual a melhor maneira de promover, entre os estudantes, uma reflexão crítica sobre a literatura, os próprios direitos, as questões raciais, o pertencimento e a construção da identidade racial, reconhecendo, também, a relevância da Lei 10.639/03 (Brasil, 2003) no contexto educacional.

As pesquisas científicas escolhidas darão suporte para que sejam analisados estes temas e, ainda de que forma se deu o planejamento das aulas dos professores. A análise parte, assim, de um *corpus* formado pelas dissertações que tratam desses temas, a fim de se compreender como estes textos apresentam a escritora e quais os caminhos metodológicos propostos para o trabalho com a literatura caroliniana.

Será possível, conseqüentemente, identificar tendências, lacunas e possibilidades para o ensino da obra de Carolina Maria de Jesus, reconhecendo seu valor literário. As dissertações selecionadas não apenas fundamentam teoricamente esta investigação, mas também servem como espelho das práticas docentes em torno da literatura negra brasileira, em especial aquela produzida por uma das autoras mais emblemáticas do país.

O presente trabalho está estruturado em cinco seções, a começar por esta introdução, além das considerações finais e das referências, com o objetivo de apresentar uma análise crítica sobre o uso do Diário em contextos escolares diversos. A proposta é investigar como essa obra tem sido incorporada em práticas pedagógicas voltadas ao letramento crítico, à valorização da cultura afro-brasileira e à produção textual dos estudantes.

A seção 2, denominada “A literatura caroliniana no contexto escolar: percursos metodológicos”, descreve o caminho metodológico da seleção à análise do corpus documental, composto por dissertações acadêmicas disponíveis no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). São explicitados os processos de busca, os filtros aplicados, a abordagem qualitativa adotada e os critérios de inclusão das pesquisas analisadas.

A seção 3 propõe uma análise crítica da obra *Quarto de despejo*, a partir das concepções teóricas de autoras negras que refletem sobre a interseccionalidade entre raça, gênero, classe e cultura. Ao examinar como o racismo estrutural se manifesta na escrita caroliniana, busca-se evidenciar a literatura como forma de resistência e produção de saberes marginalizados. Essa abordagem dialoga com autoras como Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Patricia Hill Collins, Conceição Evaristo e Carla Akotirene. Além disso, a seção explora a importância pedagógica da obra para a educação antirracista, destacando o diário como prática discursiva de denúncia, memória e afirmação identitária.

Na seção 4 é aprofundada a análise da literatura de Carolina Maria de Jesus a partir do uso do gênero diário enquanto prática discursiva, expressão estética e recurso pedagógico. O objetivo é evidenciar como os registros íntimos da autora transcendem a esfera do pessoal, convertendo-se numa literatura que apresenta ao leitor as múltiplas formas de exclusão e que, ao mesmo tempo, mobilizam reflexões profundas sobre identidade, raça, classe e gênero. Dividida em dois eixos, a seção apresenta, inicialmente, uma leitura crítica do diário da autora, evidenciando sua dimensão literária, estética, histórica e social, e, em seguida, explora experiências pedagógicas que incorporam sua obra em sala de aula, com foco na produção textual reflexiva dos estudantes.

Por fim, na seção 5, analisa-se quatro pesquisas científicas desenvolvidas em programas de mestrado vinculados à área da Educação e dos Estudos Literários, que utilizaram a obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), de Carolina Maria de Jesus, como eixo metodológico e pedagógico em diferentes contextos escolares. O foco desta seção é compreender de que maneira a literatura caroliniana tem sido incorporada às práticas pedagógicas, com ênfase na formação crítica, na valorização da autoria e no fortalecimento das identidades negras e periféricas no ambiente educacional, a partir da análise das dissertações de Silva (2016), Teixeira (2018), Ferreira (2021), Oliveira (2023) e da análise comparativa final.

## 2 A LITERATURA CAROLINIANA NO CONTEXTO ESCOLAR: PERCURSOS METODOLÓGICOS

O percurso metodológico desta pesquisa passou por reformulações significativas ao longo de seu desenvolvimento, motivadas por fatores externos à vontade da pesquisadora, mas que exigiram um redirecionamento criterioso do foco investigativo. Contudo, não houve rompimento com o eixo temático central proposto desde o princípio: a obra *Quarto de Despejo: diário de uma Favelada* (1960), de Carolina Maria de Jesus, e sua potencialidade como instrumento de formação crítica no contexto escolar.

Inicialmente, esta dissertação foi concebida como uma pesquisa de campo a ser realizada com turmas do 9º ano do Ensino Fundamental II de uma escola da rede pública estadual de Mato Grosso. A proposta previa a leitura coletiva e orientada da obra, seguida do desenvolvimento de atividades de leitura, interpretação e produção textual pelos estudantes, com o intuito de analisar, a partir da experiência concreta em sala de aula, os efeitos da literatura caroliniana na construção do pensamento crítico sobre temas como racismo, identidade e pertencimento. No entanto, durante o planejamento da intervenção pedagógica, o governo do Estado de Mato Grosso firmou parceria com a plataforma educacional digital *Letrus*, cuja implementação tornou-se obrigatória para todas as turmas do último ano do Ensino Fundamental II e para o Ensino Médio. Essa diretriz institucional impossibilitou a realização da pesquisa tal como havia sido delineada, em virtude da sobreposição de propostas pedagógicas e da carga horária dedicada exclusivamente às atividades da plataforma.

No contexto contemporâneo da educação brasileira, marcado pela aceleração da digitalização e pela incorporação de tecnologias assistivas ao processo pedagógico, a formação em Língua Portuguesa emerge como um eixo fundamental para o desenvolvimento crítico e reflexivo dos sujeitos. Como docente de Língua Portuguesa e mestranda em Educação, a trajetória profissional e acadêmica desta pesquisadora tem se pautado pela crença de que a leitura e a produção textual não são meros instrumentos, mas práticas dialógicas que fomentam a cidadania e a compreensão das desigualdades sociais. Nesse sentido, planejava-se, para o desenvolvimento da pesquisa de mestrado, uma intervenção em sala de aula que articulasse a leitura e análise do diário caroliniano, com a subsequente exploração do gênero diário como forma de expressão pessoal e social, entre outras produções possíveis, inclusive cordel. Essa abordagem, ancorada em princípios da pedagogia crítica e da educação literária, visava tanto estimular a habilidade de leitura interpretativa quanto promover reflexões sobre temas como

pobreza, racismo e exclusão, alinhando-se à Lei nº 10.639/2003 (Brasil, 2003), que instituiu o ensino de História e Cultura Afro-brasileira no currículo escolar.

Todavia, a imposição da Plataforma Letrus como recurso obrigatório de ensino reconfigurou radicalmente o planejamento pedagógico e inviabilizou a execução da pesquisa de campo. As aulas destinadas à imersão literária e à produção textual autoral foram redirecionadas para o uso da plataforma, sob o argumento de otimização do tempo e padronização das práticas avaliativas, sob o pensamento de que o uso do Chromebook garantiria aos estudantes a ampliação de seus conhecimentos em informática, mas nada disso tem acontecido. Tal imposição revela um equívoco conceitual profundo: a ilusão de que atividades complexas, como a leitura reflexiva de uma obra literária e a construção de narrativas pessoais, possam ser condensadas em meras duas aulas mediadas por algoritmos. Essa compressão temporal ignora a natureza processual da aprendizagem em Língua Portuguesa, que demanda tempo para a fruição textual, a discussão coletiva e a interação na escrita.

Um dos pontos fracos mais evidentes da plataformização promovida pelo Letrus reside na tendência à homogeneização da aprendizagem, que trata os estudantes como entidades uniformes, desconsiderando as heterogeneidades inerentes a qualquer turma. Em um sistema educacional marcado por desigualdades socioeconômicas e culturais, como o brasileiro, os estudantes não partem do mesmo patamar de competências linguísticas ou experiências de vida. A plataforma, ao impor sequências didáticas padronizadas e exercícios pré-formatados, nivela por baixo as trajetórias individuais, promovendo uma ilusão de equidade que, na prática, agrava as disparidades. Por exemplo, enquanto estudantes mais avançados poderiam se beneficiar de desafios personalizados, os menos experientes são conduzidos por caminhos automáticos que priorizam a correção mecânica sobre a compreensão profunda, resultando em uma aprendizagem superficial e descontextualizada.

Ademais, apesar de o Letrus ostentar um viés de produção textual, sua integração com Inteligências Artificiais (IA) tem gerado efeitos contraprodutivos. Observou-se, em sala de aula, que a maioria dos estudantes recorre às IA para gerar textos prontos, ignorando as leituras indicadas e as instruções explícitas da docente para evitar cópias da internet ou assistências automatizadas.

Em uma turma de aproximadamente 30 estudantes, cerca de 96% desobedecem a essas orientações, delegando a responsabilidade criativa à máquina. Essa dependência não apenas compromete o desenvolvimento da escrita autoral, incluindo aspectos como estrutura discursiva, acentuação, paragrafação e coesão textual, como também inibe a leitura propriamente dita. Os textos sugeridos, inclusive aqueles que abordavam a Lei 10.639/2003 e

questões raciais, foram negligenciados; os discentes extraíam comandos da plataforma sem engajamento temático, revelando uma apatia que contrasta com o potencial transformador da literatura caroliniana.

Nesse cenário, conseqüentemente, a aprendizagem em Língua Portuguesa não ocorre de forma significativa: os estudantes não aprimoram a coordenação motora fina associada à escrita manual, perdem o hábito de ler com atenção e falham em compreender enunciados e comandos de forma autônoma, optando por delegar tarefas a outros recursos digitais.

Essa dinâmica fragiliza a formação futura dos indivíduos, que ingressam na vida adulta carregando as mesmas lacunas linguísticas e críticas com as quais adentraram o sistema escolar. A plataforma, longe de corrigir essas deficiências, as perpetua, ao priorizar respostas rápidas e quantificáveis sobre processos reflexivos. Mesmo persistindo em atividades paralelas para fomentar leitura e escrita, o impacto da plataformização é inegável: ela não facilita o trabalho docente, como se propaga, mas o complica, ao impor uma lógica tecno-centrada que desumaniza o ensino.

Diante da grande angústia causada por tal situação, pontua-se que deve haver limites nessa “plataformização” na educação em Língua Portuguesa, principalmente no que diz respeito à produção textual, leitura, análise e interpretação, tendo em vista que instrumentos como o Letrus, sob o pretexto de inovação, reproduzem desigualdades e minam a essência humanista da disciplina. Ao examinar as tensões entre tecnologia e pedagogia crítica, é preciso pensar numa educação literária que contribua e priorize a diversidade dos estudantes, resgatando o potencial emancipatório da leitura e da escrita como práticas de resistência e transformação social.

Como exposto anteriormente, essa mudança instituída pelo Estado originou um impasse e, em diálogo com a orientadora da pesquisa, optou-se por uma reformulação metodológica que mantivesse o foco na obra *Quarto de Despejo* (1960), mas que se fundamentasse na análise de pesquisas já realizadas em contexto escolar, e que partiram da leitura desse diário em específico. O novo percurso metodológico passou, então, a compreender um estudo documental e qualitativo, com o objetivo de investigar de que maneira a referida obra vem sendo trabalhada por outros(as) pesquisadores(as) e professores(as) no ensino básico, especialmente em propostas que envolvessem a sua leitura e a posterior produção escrita por parte dos estudantes.

Para tal fim, recorreu-se ao Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, adotando, como estratégia de busca, a inserção do termo “Quarto de Despejo” na caixa de pesquisa. O intuito era localizar trabalhos acadêmicos de mestrado e doutorado que tivessem como foco a

leitura da obra de Carolina Maria de Jesus no ambiente escolar e, sobretudo, que apresentassem como objeto final a produção textual dos estudantes envolvidos nas experiências investigadas.

A busca inicial resultou em 180 (cento e oitenta) trabalhos cadastrados na base de dados da CAPES; destes, 156 correspondiam a teses e dissertações, distribuídas da seguinte maneira: 28 teses (Doutorado), 109 dissertações (Mestrado) e 19 dissertações (Mestrado Profissional).

A seguir, apresenta-se a Figura 1, que registra a interface de pesquisa da plataforma, evidenciando suas funcionalidades e uso por pesquisadores, gestores acadêmicos e demais interessados na análise e no desenvolvimento da ciência brasileira. Esse recurso tem se consolidado como referência no cenário da pós-graduação e da produção acadêmica nacional.

**Figura 1 - Pesquisa das teses e dissertações CAPES – Quarto de despejo**

The screenshot shows the CAPES website interface for searching theses and dissertations. The search term 'quarto de despejo' is entered in the search bar, resulting in 180 results. The interface includes a navigation menu with options like 'Simplifique!', 'Comunica BR', and 'Participe'. The search results are displayed in a list format, with filters for 'Tipo' (Mestrado, Doutorado) and 'Ano' (2023, 2021). The first result is by PEREIRA, ANA CLEIA SILVA, titled 'TESSITURAS DE MEMÓRIA EM QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA, DE CAROLINA MARIA DE JESUS'.

**180 resultados para quarto de despejo**  
Exibindo 1-20 de 180

**Refinar meus resultados**

**Tipo:** 3 opções

- Mestrado (Dissertação) 109
- Doutorado (Tese) 28

**Ano:** 27 opções

- 2023 43
- 2021 22

1. PEREIRA, ANA CLEIA SILVA. **TESSITURAS DE MEMÓRIA EM QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA, DE CAROLINA MARIA DE JESUS'** 26/04/2023 105 f. Mestrado em LETRAS  
Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO, São Luís Biblioteca  
Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL DA UEMA  
[Detalhes](#)
2. SOUZA, ALINE DE OLIVEIRA FRANCA DE. **Testemunho: a resistência do/no Quarto de Despejo – Diário de uma favelada'** 14/09/2022 117 f. Mestrado em LETRAS E LINGÜÍSTICA  
Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, São Gonçalo Biblioteca  
Depositária: UERJ CEHD REDE SIRIUS  
[Detalhes](#)
3. NASCIMENTO, RAQUEL ALVES DOS SANTOS. **Quarto de Despejo de Carolina Maria de Jesus na Alemanha: Mesma Tradução, Diferentes Leituras - Uma Análise a partir dos Paratextos das Diversas Edições sob a Ótica da Linguística de Corpus.'** 10/03/2022 407 f.  
Doutorado em ESTUDOS DA TRADUÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária:  
[Detalhes](#)
4. BASSANI, SANDRA LUCIA DIMIDIUK. **DISCURSO, PODER E VIRILIDADE DO SUJEITO-MULHER**

Fonte: CAPES – Catálogo de teses e dissertações (2025).<sup>1</sup>

Para a presente análise, optou-se por delimitar o escopo de pesquisa às dissertações de mestrado, considerando que essas produções costumam estar mais diretamente ligadas à prática

<sup>1</sup> Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/> .

docente e ao cotidiano das escolas, além de proporem intervenções pedagógicas voltadas à formação básica. A escolha das dissertações permitiu, assim, mapear diferentes estratégias metodológicas adotadas por professores-pesquisadores no uso do diário caroliniano em sala de aula, com destaque para práticas de leitura crítica, produção de textos autorais, oficinas temáticas, uso de mídias digitais, releituras artísticas e projetos interdisciplinares.

Ciente da importância de um recorte criterioso e do rigor na seleção do *corpus* de análise, realizou-se uma leitura minuciosa dos resumos de cada uma das dissertações, a fim de identificar quais delas haviam sido desenvolvidas em contexto escolar. A partir dessa análise manual e detalhada, foram selecionadas quinze dissertações que atendiam parcialmente aos critérios estabelecidos, por envolverem a leitura da obra e, em alguma medida, atividades de escrita.

No entanto, apenas quatro dessas pesquisas apresentavam, de forma clara e estruturada, a produção textual dos estudantes como resultado da proposta pedagógica e investigativa. Tais dissertações passaram, então, a compor o *corpus* final desta pesquisa. Com isso, o estudo assumiu uma abordagem qualitativa de análise documental, voltada à compreensão das estratégias metodológicas adotadas por essas pesquisas, das atividades desenvolvidas com os estudantes e das formas pelas quais o diário caroliniano foi incorporado ao planejamento pedagógico como instrumento de letramento crítico, reflexão social e construção da escrita.

Entre os trabalhos localizados, ressalta-se a dissertação *A voz e o poder do texto literário afro-brasileiro*: uma proposta de intervenção pedagógica para o ensino fundamental com a obra *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, de Milena Paixão da Silva (2016). A escolha desta dissertação como uma das quatro que compõem o *corpus* final da presente pesquisa justifica-se por sua abordagem metodológica detalhada, fundamentação teórica consistente e, principalmente, pela centralidade conferida à produção textual dos estudantes como resultado direto do processo de mediação literária.

A Figura 2 evidencia a dissertação de Silva (2016) que se destacou por apresentar uma proposta de intervenção pedagógica com forte embasamento teórico e metodológico, estruturada em torno da leitura crítica de *Quarto de despejo* (1960) e da produção de textos autorais como forma de expressão das vivências e percepções dos alunos.

**Figura 2 - Busca dissertação 1 CAPES Catálogo de Teses e Dissertações**

The screenshot shows the CAPES Catalog of Theses and Dissertations search results page. The search query is "Quarto de Despejo". The results list shows one entry: "1. SILVA, MILENA PAIXÃO DA. A VOZ E O PODER DO TEXTO LITERÁRIO AFRO-BRASILEIRO: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL COM A OBRA QUARTO DE DESPEJO, DE CAROLINA MARIA DE JESUS." The entry includes the author's name, the title, and the institution: "UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA, Natal Biblioteca Depositária: Biblioteca Setorial do Campus V - UNEB". The page also features a "Refinar meus resultados" section with filters for Tipo (Mestrado Profissional), Ano (2016), Autor (MILENA PAIXÃO DA SILVA), and Orientador (ROSEMERE FERREIRA DA SILVA).

Fonte: CAPES – Catálogo de teses e dissertações (2025).<sup>2</sup>

A pesquisa foi realizada no âmbito escolar, o que contribui para o diálogo com os objetivos desta investigação, sobretudo por revelar a importância da literatura em contextos marcados por vulnerabilidade social. Assim, a análise dessa dissertação permitirá compreender, de forma mais aprofundada, como as práticas de letramento crítico podem ser desenvolvidas em sala de aula a partir do diálogo com obras que promovem a valorização de vozes historicamente silenciadas.

Na obra *Pode o subalterno falar?*, Gayatri Spivak argumenta que a mulher subalterna é duplamente silenciada pelo patriarcado e pelo colonialismo, sendo impedida de expressar-se em sua própria voz e contexto. Essa crítica à representação sem escuta pode ser articulada ao letramento crítico na escola, especialmente quando se trabalha com obras que trazem vozes marginalizadas (Spivak, 2014, p. 85).

*Quarto de Despejo* (1960) é um exemplo potente de resistência ao silenciamento. Ao narrar sua vida na favela com linguagem marcada pela oralidade e vivência, a literata rompe

<sup>2</sup> Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/> .

com o apagamento imposto à mulher negra e periférica. Sua escrita não somente descreve desigualdades, também afirma sua existência e subjetividade.

Nesse sentido, o contato com obras como o diário caroliniano em sala de aula permite desenvolver práticas de letramento crítico, que promovem a escuta, a análise das relações de poder e a valorização de narrativas historicamente excluídas, alinhando-se ao pensamento de Spivak (2014, p. 14) sobre a urgência de repensar quem pode falar e ser ouvido na sociedade.

Na análise da dissertação de Silva (2016, p. 45), observa-se um compromisso claro com o fortalecimento das vozes discentes por meio da leitura crítica da literatura afro-brasileira, sendo a obra da autora o eixo estruturador de uma proposta pedagógica voltada à valorização da identidade, da consciência social e da autoria. A intervenção pedagógica descrita na pesquisa foi desenvolvida em uma escola pública, com turmas do ensino fundamental II, e baseou-se em metodologias ativas que buscavam, além da compreensão da obra literária, a sua ressignificação a partir da vivência dos próprios estudantes.

A Figura 3 registra a busca que resultou na identificação da dissertação *A memória, a (re)construção das identidades na Pós-Modernidade e uma proposta de intervenção na escola: a presença da (auto)biografia em algumas novelas gráficas e a produção de um texto autobiográfico em quadrinhos*, de Thais Fernanda Rodrigues da Luz Teixeira (2018).

**Figura 3 - Busca dissertação 2 CAPES Catálogo de Teses e Dissertações**

The screenshot displays the CAPES Catalog of Theses and Dissertations search interface. At the top, there is a navigation bar with the CAPES logo and various utility links. Below this, a search bar contains the text 'Quarto de Despejo'. The search results section shows a single result for the dissertation 'A Memória, a (Re)Construção das Identidades na Pós-Modernidade e uma Proposta de Intervenção na Escola: a presença da (auto)biografia em algumas novelas gráficas e a produção de um texto autobiográfico em quadrinhos' by Thais Fernanda Rodrigues da Luz Teixeira, dated 2018. The result is displayed in a list format with a 'Refinar meus resultados' button and a '1' indicator. The filters on the left show 'Tipo: Mestrado Profissional', 'Ano: 2018', 'Autor: THAIS FERNANDA RODRIGUES DA LUZ TEIXEIRA', and 'Orientador:'. The right side of the result shows the full title and author information, along with a 'Detalhes' link.

Fonte: CAPES – Catálogo de teses e dissertações (2025).<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/> .

A proposta de Teixeira (2018, p. 130) contribui para pensar novas formas de trabalhar a subjetividade e a memória dos estudantes em sala de aula, principalmente por meio de práticas de autoria que integram linguagem verbal e visual. Ao estimular os alunos a narrarem suas próprias histórias, utilizando o formato de histórias em quadrinhos autobiográficas, a autora promove um ambiente pedagógico onde a identidade, a memória e a experiência ganham espaço legítimo.

A Figura 4 ilustra a busca que levou à identificação da dissertação *Quarto de Despejo: temáticas atemporais para sala de aula*, de Jacinaila Louriana Ferreira (2021).

**Figura 4 - Busca dissertação 3 CAPES Catálogo de Teses e Dissertações**

The image shows a screenshot of the CAPES Catalog of Theses and Dissertations website. The search results page displays the following information:

- Search Query:** Quarto de Despejo
- Results:** 1 resultado para **Quarto de Despejo: temáticas atemporais para sala de aula**
- Displaying:** 1-20 de 1
- Refine my results:**
  - Tipo:** 1 opção:  Mestrado Profissional
  - Ano:** 1 opção:  2021
  - Autor:** 1 opção:  JACINAILA LOURIANA FERREIRA
  - Orientador:** 1 opção:  GENIVALDO RODRIGUES SOBRINHO
- Result 1:** FERREIRA, JACINAILA LOURIANA. QUARTO DE DESPEJO: TEMÁTICAS ATEMPORAIS PARA SALA DE AULA'. 04/04/2021 323 f. Mestrado Profissional em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO MATO GROSSO - CAMPUS SINOP, Natal Biblioteca Depositária: Biblioteca da UNEMAT
- [Detalhe](#)

Fonte: CAPES – Catálogo de teses e dissertações (2025).<sup>4</sup>

O trabalho, desenvolvido no âmbito de um programa de pós-graduação em ensino, sobressai por propor uma sequência didática rica e adaptada ao contexto do ensino remoto,

<sup>4</sup> Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/> .

utilizando a obra de Carolina Maria de Jesus como ponto de partida para múltiplas atividades pedagógicas.

Utilizando a obra de Carolina Maria de Jesus como eixo central, Ferreira (2021, p. 35) propõe atividades que estimulam o pensamento crítico, a escuta e a valorização de experiências marginalizadas. É interessante notar que a seleção de práticas contempladas pela dissertação revela uma abordagem diversa, que considera diferentes territórios e realidades escolares, o que reforça a literatura de autoria negra como estratégia pedagógica transformadora.

A leitura e análise do trabalho de Ferreira (2021, p. 37) indicam como a obra foi mobilizada como um instrumento para o diálogo entre a experiência literária e a vida cotidiana dos estudantes. O uso da escrita de diários pessoais, inspirado diretamente no formato da obra caroliniana, possibilitou que os estudantes expressassem suas percepções sobre o cotidiano durante a pandemia, refletissem sobre questões sociais como desigualdade, racismo e invisibilidade, e construíssem textos autorais com sentido e propósito.

Por fim, a Figura 5 traz o registro da busca que resultou na identificação da dissertação *Multiletramentos na EJA: uma proposta de ampliação da competência leitora com a obra Quarto de Despejo*, diário de uma favelada de Carolina Maria de Jesus, de Shirley Ornelas Oliveira (2023).

**Figura 5 - Busca dissertação 4 CAPES Catálogo de Teses e Dissertações**

The screenshot shows the CAPES Catalog of Theses and Dissertations search interface. The search bar contains the text 'Quarto de Despejo'. Below the search bar, there is a 'Buscar' button. The results section shows one result for the search query. The result is a dissertation by Shirley Ornelas Oliveira, titled 'Multiletramentos na EJA: uma proposta de ampliação da competência leitora com a obra Quarto de despejo: diário de uma favelada de Carolina Maria de Jesus'. The result is displayed in a list format with a '1' in a box next to it. The page also features a 'Refinar meus resultados' section with filters for Tipo, Ano, Autor, and Orientador. The CAPES logo and navigation menu are visible at the top of the page.

Fonte: CAPES – Catálogo de teses e dissertações (2025).<sup>5</sup>

<sup>5</sup> Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/> .

A análise dessa dissertação demonstra como a abordagem dos multiletramentos amplia o campo da literatura como instrumento de letramento crítico, especialmente no contexto da EJA. A dissertação se distingue por aliar uma leitura crítica da obra com práticas pedagógicas inclusivas, respeitando a pluralidade de saberes dos alunos da EJA e promovendo o engajamento com a leitura e a escrita de forma significativa e contextualizada (Oliveira, 2023, p. 35).

Na perspectiva apresentada por Oliveira (2023), o conceito de multiletramentos refere-se à ampliação da noção tradicional de letramento, reconhecendo que a leitura e a escrita não se restringem ao domínio da norma culta ou do texto impresso, mas envolvem múltiplas linguagens, mídias e práticas sociais de significação. Essa abordagem, inspirada nos estudos do Grupo de Nova Londres (The New London Group, 1996), entende que, em uma sociedade marcada pela diversidade cultural e tecnológica, é essencial considerar diferentes modos de expressão verbais, visuais, sonoros e digitais como formas legítimas de produção de sentido.

No contexto da EJA, Oliveira (2023) argumenta que os multiletramentos possibilitam valorizar os saberes prévios e experiências de vida dos alunos, promovendo uma aprendizagem mais significativa e inclusiva. Ao trabalhar a obra *Quarto de Despejo*, a dissertação demonstra como práticas pedagógicas baseadas nos multiletramentos incentivam a leitura crítica da realidade social, articulando a linguagem literária às vivências concretas dos alunos. Dessa forma, a literatura deixa de ser vista apenas como conteúdo escolar e passa a atuar como instrumento de letramento crítico e emancipatório, permitindo aos estudantes refletirem sobre questões de raça, classe, gênero e desigualdade, ao mesmo tempo em que desenvolvem competências de leitura, escrita e interpretação em múltiplos contextos comunicativos.

Assim, mesmo diante das limitações impostas por fatores alheios à proposta inicial, a essência do objetivo desta pesquisa foi mantida, redirecionando o olhar para investigações já realizadas, o que permitiu, inclusive, ampliar a compreensão sobre as possibilidades e desafios do uso da literatura caroliniana na escola pública brasileira. O percurso metodológico traçado reafirma o compromisso desta dissertação com uma educação antirracista, crítica e transformadora, alicerçada no valor da literatura como instrumento de leitura de mundo e de (re)escrita de si (Oliveira, 2023, p. 35).

Em *O direito à literatura* (2011), Antonio Candido afirma que o acesso à literatura é um direito humano essencial, pois contribui para a formação afetiva, intelectual e social dos indivíduos. Nesse sentido, a obra de Carolina Maria de Jesus, ao demonstrar as experiências das camadas marginalizadas e expor as desigualdades sociais, exemplifica o papel da literatura como metodologia de humanização e consciência crítica, conforme propõe Candido (2011).

A luta pelos direitos humanos abrange a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso aos diferentes níveis da cultura. A distinção entre cultura popular e cultura erudita não deve servir para justificar e manter uma separação iníqua, como se do ponto de vista cultural a sociedade fosse dividida em esferas incommunicáveis [...] de fruidores. Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável (Candido, 2011, p. 193).

Candido (2011) se refere à formação crítica que a literatura promove, ao desmascarar ordens sociais, silenciamentos e exclusões. Ao evidenciar situações de negação de direitos, como a miséria, a servidão e a mutilação espiritual, ela permite novas leituras da realidade, questionando discursos dominantes (Candido, 2011, p. 188).

Ainda conforme esse autor, a literatura não é apenas um direito humano fundamental, mas também um recurso essencial na luta pela dignidade e pela consciência dos próprios direitos (Candido, 2011, p. 188). Além disso, afirma ele, a literatura contribui para a formação ética e crítica dos indivíduos, ao revelar injustiças, ampliar horizontes e humanizar experiências. Essa concepção encontra expressão na obra *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, cuja escrita proporciona a uma mulher negra, pobre e marginalizada, alguém historicamente excluída dos espaços de fala e de representação.

Nesse sentido, a importância da perspectiva de Candido está em legitimar obras como a de Carolina Maria de Jesus dentro do espaço literário e educacional, reconhecendo seu valor formativo e transformador. Ao ser levada para a escola, essa literatura propicia aos estudantes o contato com outras realidades e o exercício da empatia, da escuta e da reflexão crítica, pilares de uma educação verdadeiramente humanizadora.

As dissertações analisadas revelam o esforço de educadores e pesquisadores em integrar essa obra em estudo ao cotidiano escolar de forma significativa, crítica e interdisciplinar. Entre as estratégias observadas, ressaem atividades como rodas de leitura, produção de diários pessoais, releituras artísticas, oficinas temáticas, debates mediados, além da utilização de multiletramentos, com o apoio de mídias digitais, músicas, vídeos, Histórias em Quadrinhos Autobiográficas (HQs), entre outros.

Nesse sentido, o Quadro 1 apresenta uma síntese organizada das estratégias metodológicas identificadas nas dissertações, destacando os objetivos pedagógicos, os métodos utilizados, os níveis de ensino envolvidos e os principais resultados alcançados com a aplicação das propostas. A sistematização dessas informações permite uma visão panorâmica de como a obra tem sido mobilizada nos processos de ensino-aprendizagem, especialmente como instrumento de valorização das identidades afro-brasileiras, estímulo à leitura crítica e incentivo à autoria estudantil.

Ademais, o quadro possibilita identificar tendências e lacunas nas práticas pedagógicas analisadas, contribuindo para futuras pesquisas e intervenções educacionais que busquem promover uma educação antirracista, emancipadora e comprometida com a justiça social.

**Quadro 1 - Análise das estratégias metodológicas dos autores das dissertações**

Nº	Título/Autoria/Instituição	Metodologia
1	A voz e o poder do texto literário afro-brasileiro: uma proposta de intervenção pedagógica para o ensino fundamental com obra <i>Quarto de Despejo</i> , de Carolina Maria de Jesus Milena Paixão da Silva (2016), Universidade do Estado da Bahia	Leitura orientada e compartilhada, debates mediados, produção de textos autorais (diários, cartas), releituras criativas (dramatizações, ilustrações, encenações teatrais), memorial expositivo.
2	Uma Escrita de si como Fala do Outro: um estudo do diário de Carolina Maria de Jesus Erika Nunes de Jesus (2016), Universidade do Estado da Bahia	A metodologia adotada neste estudo é de natureza qualitativa e bibliográfica. A pesquisa de caráter interventivo, propõe possibilidades de mediação pedagógica e de práticas de leitura literária no contexto da escola pública.
3	As Muitas Vidas e Identidades de Carolina Maria de Jesus: o uso do biográfico e do autobiográfico no ensino das relações étnico raciais Edson Guimarães de Azeredo (2018) Universidade do Estado do Rio de Janeiro	A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico, articulando a análise de fontes literárias e biográficas com a prática pedagógica no ensino de História.
4	A memória, a (re)construção das identidades na Pós-Modernidade e uma proposta de intervenção na escola: a presença da (auto)biografia em algumas novelas gráficas e a produção de um texto autobiográfico em quadrinhos Thais Fernanda Rodrigues da Luz Teixeira (2018) Universidade Estadual de Londrina	Pesquisa-ação, leitura crítica de novelas gráficas, produção de histórias em quadrinhos autobiográficas, análise temática e formal da obra, debates sobre identidade e memória.
5	Gênero em <i>Quarto de Despejo</i> : a literatura marginal como instrumento didático Ana Carolina da Silva (2019) Universidade Federal de Ouro Preto	A pesquisa adota abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico e documental, articulando a análise de gênero na obra de Carolina Maria de Jesus aos estudos sobre literatura marginal e gênero na educação.
6	A Geografia no <i>Quarto de Despejo</i> : uma contribuição interdisciplinar para a implementação da Lei 10.639/03 Hellen Cristine da Silva Costa (2020) Universidade Federal de Uberlândia	A pesquisa é qualitativa e bibliográfica, baseada na análise da obra <i>Quarto de Despejo</i> em diálogo com a BNCC e com a Lei 10.639/2003, visando propor práticas pedagógicas interdisciplinares entre Literatura e Geografia que valorizem a cultura negra e promovam uma educação antidiscriminatória.
7	Para Além do <i>Quarto de Despejo</i> : injustiça ambiental, literatura e resistência na obra de Carolina Maria de Jesus Kelen Gurgel Meirelles (2020) Centro Universitário de Volta Redonda	A pesquisa, de caráter qualitativo e aplicado, desenvolveu um minicurso de extensão em Educação Ambiental baseado nas obras de Carolina Maria de Jesus, articulando literatura e consciência socioambiental. Foram utilizadas análises bibliográficas, discursivas e questionários avaliativos para verificar o alcance dos objetivos propostos.
Nº	Título/Autoria/Instituição	Metodologia
8	<i>Quarto de Despejo</i> : temáticas atemporais para sala de aula Jacinaïla Louriana Ferreira (2021) Universidade do Estado de Mato Grosso	Leitura compartilhada, escrita de diários pessoais, análise textual, discussão temática, oficinas online, produção de conteúdo em rede social, publicação de livro coletivo.

9	Cartografias identitárias, educacionais e de subjetivação nas manifestações artísticas contemporâneas: A narrativa em Carolina Maria de Jesus Gabriel Henrique Camilo (2021) Universidade Estadual de Londrina	A pesquisa adota uma metodologia qualitativa e analítico-interpretativa, baseada na constituição, descrição e análise das obras de Carolina Maria de Jesus, articulando estudos literários, autobiográficos e educacionais sob referenciais teóricos como escrevivência, literatura menor e ativismo.
10	Carolina Maria de Jesus: a preservação da memória e o impacto na contemporaneidade da literatura produzida pela mulher negra brasileira Clarice Maria Silva Campos (2022) Fundação Casa Rui Barbosa	A pesquisa utiliza uma metodologia qualitativa e bibliográfica, baseada na análise das obras e biografias de Carolina Maria de Jesus, com enfoque em narrativas contra hegemônicas e questões de interseccionalidade.
11	Práticas Pedagógicas Antirracistas: vida e obra de Carolina Maria de Jesus como conteúdo curricular na aplicação da Lei 10.639/03 Michael Dias de Jesus (2023) Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP	A metodologia de caráter qualitativo, combina revisão bibliográfica, estudo teórico e pesquisa empírica com seis professores da educação básica, analisando dados segundo Bardin (2016). O enfoque foi avaliar como a vida e obra de Carolina Maria de Jesus subsidiam práticas pedagógicas antirracistas nas escolas públicas.
12	Multiletramentos na EJA: uma proposta de ampliação da competência leitora com a obra <i>Quarto de Despejo</i> , diário de uma favelada de Carolina Maria de Jesus Shirley Ornelas Oliveira (2023) Universidade Federal de Sergipe	Rodas de leitura, debates temáticos, releituras artísticas, uso de múltiplos gêneros e mídias (músicas, vídeos, HQs, imagens), produção de diários de leitura, autoavaliação, sequência didática multimodal.
12	Oficinas de leitura baseadas no livro de Carolina Maria de Jesus “ <i>Quarto de despejo - Diário de uma favelada</i> ”: Contribuições para formação integral e leitura crítica no Proeja do Colégio Pedro II Thais Marinho da Silva (2023) Instituto Federal do Rio de Janeiro Marinha	A pesquisa qualitativa e participante coletou dados via entrevistas e questionários com seis alunas do Proeja. Foram realizadas 14 oficinas de leitura de <i>Quarto de Despejo</i> , avaliadas por entrevistas semiestruturadas com sigilo e voluntariedade.
14	Escrevivência e dialogismo na Obra de Carolina Maria de Jesus: análise dos enunciados nas canções do disco <i>Quarto de Despejo (1961)</i> à luz do livro homônimo Thaina de Santana Alencar (2024) Universidade Federal da Integração Latino-Americana	Abordagem qualitativa com análise documental, exploratória e descritiva das canções do disco <i>Quarto de Despejo</i> , utilizando fichamentos, periódicos e análises temáticas. Fundamenta-se em conceitos como escrevivência, interseccionalidade, diáspora e dialogismo para relacionar o disco à obra literária homônima.

Fonte: a autora (2025).

O quadro acima evidencia a diversidade de abordagens metodológicas adotadas nas pesquisas que utilizaram a obra da autora como recurso didático. Observa-se uma forte presença de metodologias qualitativas, como estudos de caso, pesquisa-ação e análise documental, o que revela a preocupação dos pesquisadores em compreender os contextos escolares de forma aprofundada e participativa.

A seguir, apresenta-se uma análise das principais estratégias metodológicas adotadas nas dissertações selecionadas para a presente pesquisa.

A dissertação intitulada *A voz e o poder do texto literário afro-brasileiro: uma proposta de intervenção pedagógica para o Ensino Fundamental com a obra Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus*, de Milena Paixão da Silva (2016), na Universidade do Estado da

Bahia (UNEB), em Santo Antônio de Jesus-BA, propõe uma intervenção pedagógica voltada ao ensino fundamental, tendo como eixo o estudo da obra caroliniana. A pesquisa tem como foco a valorização do texto literário afro-brasileiro como método de ensino capaz de promover aprendizagens significativas, ancoradas na realidade social e cultural dos alunos.

A proposta metodológica da intervenção fundamenta-se na perspectiva de aprendizagem significativa, em que novos conteúdos são assimilados de forma integrada aos conhecimentos prévios dos estudantes, tornando-se relevantes para sua formação pessoal, social e intelectual. Nesse sentido, o trabalho com a obra é pensado para dialogar com a vivência dos estudantes, principalmente os que pertencem a contextos de vulnerabilidade social e racial, aproximando a literatura da vida.

A dissertação intitulada *A memória, a (re)construção das identidades na Pós-Modernidade e uma proposta de intervenção na escola: a presença da (auto)biografia em algumas novelas gráficas e a produção de um texto autobiográfico em quadrinhos*, defendida por Thais Fernanda Rodrigues da Luz Teixeira (2018), na Universidade Estadual de Londrina, na cidade de Londrina-PR, propõe uma intervenção pedagógica inovadora voltada para o ensino de temas como identidade, memória e cultura, por meio das novelas gráficas. A pesquisa, de caráter qualitativo e interventivo, foi realizada em contexto escolar e estruturada com base nos pressupostos da pesquisa-ação, o que permitiu uma aproximação entre teoria e prática no ambiente educacional.

A partir da proposta de intervenção descrita, observa-se que a obra é utilizada como um recurso metodológico de forte capacidade formativa, em articulação com outras narrativas gráficas e autobiográficas. A principal estratégia metodológica relacionada à obra reside em seu uso como exemplo de escrita autobiográfica impactante e autêntica, permitindo que os estudantes compreendam a importância do “lugar de fala” e da autoria como formas de construção de identidade, memória e resistência.

No artigo “*Quarto de Despejo: temáticas atemporais para sala de aula*”, Jacinaila Louriana Ferreira (2021), vinculada à Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), propõe uma estratégia metodológica a partir do projeto desenvolvido com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental na Escola Estadual Professora Zeni Vieira, em Sinop-MT, pode-se identificar estratégias metodológicas inovadoras e eficazes, centradas na valorização da leitura literária e da vivência dos estudantes, com base na obra. A proposta pedagógica parte de uma abordagem que integra a literatura à realidade social dos estudantes, promovendo um ensino mais significativo, crítico e transformador.

A dissertação *Multiletramentos na EJA: uma proposta de ampliação da competência leitora com a obra Quarto de Despejo, diário de uma favelada de Carolina Maria de Jesus*, defendida por Shirley Ornelas Oliveira (2023) na Universidade Federal de Sergipe, em São Cristóvão-SE, propõe uma intervenção pedagógica voltada à EJA, tendo como foco o desenvolvimento da competência leitora a partir dos pressupostos teóricos dos multiletramentos. Defendida no contexto da necessidade de práticas educativas mais inclusivas e significativas para o público da EJA, a pesquisa parte da obra caroliniana como ponto de partida para a valorização da leitura crítica, da diversidade de vozes e da vivência de sujeitos historicamente marginalizados.

A metodologia utilizada é qualitativa, com caráter interventivo, baseada nos princípios da pesquisa-ação. A pesquisadora elaborou e aplicou uma sequência didática junto a turmas da EJA, utilizando como eixo principal a leitura e interpretação do Diário, obra autobiográfica de forte carga social e histórica, que demonstra o cotidiano de uma mulher negra, pobre e moradora da favela, no Brasil da década de 1950. O texto serve como provocação para discussões sobre identidade, desigualdade, resistência e cidadania.

Segundo Oliveira (2023, p. 25), apesar de problemas como limitações acadêmicas, jornadas de trabalho extensas e contextos de vulnerabilidade, houve um alto grau de envolvimento, interesse e comprometimento com as atividades propostas. De acordo ainda com Oliveira (2023, p. 26), a experiência reforçou a relevância de se investir em ações pedagógicas inclusivas e humanizadas no Proeja, capazes de reconhecer os sujeitos da EJA como protagonistas de sua própria formação. A metodologia adotada revelou-se eficaz não apenas no incentivo ao hábito da leitura, mas também na construção de uma educação crítica, democrática e transformadora, reafirmando o ensino literário como estratégia pedagógica na formação cidadã.

O interesse em desenvolver o estudo ora apresentado surge, primeiramente, da necessidade de conhecer a importância da literatura no processo de ensino da escrita, com ênfase na literatura caroliniana. Busca-se compreender de que forma os diários da autora podem contribuir para que estudantes, em diferentes níveis de escolaridade, a partir do exercício da escrita, reflitam, no espaço escolar, sobre temas como racismo, identidade racial e pertencimento no espaço escolar. Ao articular os resultados das dissertações analisadas com a trajetória de Carolina e com os princípios do letramento literário, pretende-se realizar uma análise que integre os diferentes tempos e contextos, promovendo uma leitura crítica e socialmente engajada.

Ao analisar esse material, busca-se compreender de que maneira o contato com a obra contribui para ampliar o repertório crítico dos estudantes, permitindo-lhes reconhecer suas próprias vozes e histórias como dignas de expressão. Nesse sentido, pretende-se evidenciar o papel da literatura como estratégia pedagógica na promoção de uma educação mais sensível às questões de identidade e pertencimento.

A metodologia é qualitativa, porque serão estudados fenômenos que já aconteceram em determinado tempo, local e cultura (brasileira, no caso do presente estudo). Em uma pesquisa qualitativa, na qual o objetivo do estudo é de análise documental para o percurso metodológico, é interessante pensar nas ideias de Simone A. Tuzzo e Claudomilson F. Braga (2016), que explicam

[...] enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigorosamente estruturada, permitindo que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques, sugere que a pesquisa qualitativa oferece ao pesquisador um vasto campo de possibilidades investigativas que descrevem momentos e significados rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos. Os pesquisadores dessa área utilizam uma ampla variedade de práticas interpretativas interligadas, na esperança de sempre conseguirem compreender melhor o assunto que está ao seu alcance (Tuzzo; Braga, 2016, p. 142).

Fica evidente que o pesquisador se propõe a investigar os documentos a fim de que estes sanem os questionamentos levantados e os objetivos da pesquisa. E, para efetuar uma análise mais adequada das pesquisas científicas utilizadas como *corpus*, a análise documental na pesquisa qualitativa se mostrou essencial, pois, como elucida André Cellard (2008, p. 12), o documento escrito é uma fonte preciosa nas ciências sociais.

A metodologia qualitativa adotada neste estudo justifica-se pela natureza dos fenômenos investigados, que são inseridos em um contexto histórico, cultural e social específico, no caso, o brasileiro. Esse tipo de abordagem permitiu a análise aprofundada e contextualizada dos documentos, levando à compreensão dos sentidos e significados construídos nas narrativas carolinianas e nas reflexões pedagógicas decorrentes.

Ao recorrer às contribuições de Tuzzo e Braga (2016, p. 144), o percurso metodológico ganha uma fundamentação que valoriza a flexibilidade e a criatividade inerentes à pesquisa qualitativa. Como sublinham os autores, essa modalidade não se limita a estruturas rígidas, mas abre espaço para que o pesquisador explore múltiplos ângulos e interpretações, capturando a complexidade dos fenômenos sociais e culturais. Tal abertura é fundamental para a análise documental, que demanda sensibilidade para identificar nuances e conexões que transcendem o mero registro factual.

Para os autores, a pesquisa qualitativa investiga os “momentos e significados rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos” (Tuzzo; Braga, 2016, p. 144), enfatizando o caráter interpretativo do trabalho acadêmico. Essa perspectiva é particularmente adequada para este estudo, pois a análise dos diários da autora envolve compreender experiências vividas, expressões de dor, resistência e identidade que carregam múltiplas camadas de sentido. O diálogo entre o documento e o contexto social amplia o entendimento do conteúdo, evidenciando a interligação entre o individual e o coletivo.

A metodologia qualitativa orienta a coleta e análise dos dados documentais, ao passo que legitima o uso de práticas interpretativas variadas, que possibilitam um olhar sensível e crítico sobre a obra. Essa abordagem contribui para que a pesquisa não se restrinja à descrição superficial dos textos, mas se aprofunde na compreensão dos significados, promovendo uma análise rica e contextualizada dos fenômenos estudados.

Tanto na área da educação como em outras áreas, a análise documental é pouco explorada, mas, conforme explicam Menga Lüdke e Marli E. D. A. André (1986, p. 38), “[...] pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja completando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema”. Sendo assim, torna-se interessante compreender o que é a análise documental, e de que forma ela auxilia no desenvolvimento desta pesquisa.

A análise documental consiste na investigação sistemática de documentos, entendidos como fontes primárias de informação, que podem revelar aspectos históricos, culturais, sociais e individuais relevantes para o objeto de estudo. Esses documentos são interpretados em seu contexto, buscando captar os significados implícitos nas palavras, imagens ou registros, e proporcionar uma compreensão mais ampla do fenômeno investigado.

Logo, permite que o pesquisador trace relações entre os conteúdos dos documentos e os referenciais teóricos, ampliando o entendimento sobre questões complexas como racismo estrutural, identidade e resistência. Tal procedimento, segundo Tuzzo e Braga (2016, p. 149), proporciona um olhar mais aprofundado sobre “momentos e significados rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos”, tornando a análise não apenas descritiva, mas interpretativa e crítica.

A avaliação da análise metodológica é fundamental para esta pesquisa, considerando que dispõe um método rigoroso e flexível que evidencia a investigação qualitativa. Ao examinar minuciosamente as dissertações e suas interconexões com a literatura teórica, esta técnica permite desvelar camadas de significado que contribuem para o entendimento do papel da

literatura caroliniana no engajamento dos estudantes com temáticas de desigualdade e resistência, bem como na promoção da produção textual autoral.

Consoante a essa proposta metodológica, o presente estudo se configura, pois as pesquisas científicas utilizadas como *corpus* de análise, a busca e leituras pelos estudos já realizados a partir da literatura caroliniana, que tratam de abordar e desenvolver em estudantes de Ensino Fundamental II e EJA (Ensino Fundamental e Médio), o conhecimento e a compreensão em torno das questões que permeiam o racismo, a identidade racial, pertencimento, etc., viabilizam a obtenção de respostas para as questões levantadas e alcançar os objetivos traçados, tendo em vista o que foi encontrado nos textos e na forma como os estudiosos desenvolveram seus trabalhos em sala de aula.

A relevância da leitura de Carolina Maria de Jesus em sala de aula ultrapassa o valor literário, oportunizando que os estudantes acessem experiências sociais marginalizadas e, ao mesmo tempo, desenvolvam uma consciência crítica sobre temas como racismo, desigualdade, pobreza e gênero. Diante disso, este trabalho buscou identificar, analisar e sintetizar os enfoques metodológicos de dissertações que utilizaram a obra como recurso pedagógico no ensino básico e médio, com o propósito de compreender de que forma o livro foi mobilizado por professores-pesquisadores, quais abordagens didáticas foram adotadas e quais reflexões surgiram no contato dos discentes com a narrativa da autora.

### 3 RACISMO ESTRUTURAL E RESISTÊNCIA NA ESCRITA DE MULHERES NEGRAS

A área da Educação aborda a importância de trabalhar com gêneros textuais que favoreçam a construção da identidade do sujeito e promovam a interação entre experiência pessoal e linguagem. A escrita de Carolina Maria de Jesus, marcada pela vivência da pobreza e pela denúncia das desigualdades, permite que o ambiente educativo se torne um lugar de escuta e reflexão sobre o racismo estrutural que atravessa a história brasileira. O gênero diário, em especial, tem sido valorizado nas pesquisas aqui analisadas por sua característica de escrita em primeira pessoa, o que possibilita uma aproximação direta com as percepções e vivências do enunciador (Gonzalez, 2020, p. 57-58).

A literatura caroliniana em formato de diário favorece o engajamento emocional dos estudantes ao estimular empatia e a compreensão de diferentes perspectivas, sobretudo de vozes minorizadas. O diário caroliniano permite aos estudantes refletirem sobre a importância do registro cotidiano como instrumento de resistência e denúncia social, e trabalhar com o diário na sala de aula possibilita que eles não apenas analisem o contexto histórico e social da obra, mas também se sintam incentivados a produzir seus próprios diários, estimulando uma experiência de produção textual que valoriza o relato pessoal e estimula o pensamento crítico.

A compreensão das múltiplas camadas de exclusão que atravessam a vida da mulher negra no Brasil exige uma abordagem que vá além das explicações simplistas ou meramente identitárias. Trata-se de compreender as estruturas históricas, sociais e simbólicas que perpetuam desigualdades profundamente enraizadas. Nesse sentido, é essencial recorrer a autoras negras que não apenas denunciaram essas opressões, mas também produziram epistemologias próprias, forjadas a partir de vivências concretas, coletivas e ancestrais.

A escrita de Carolina Maria de Jesus, em sua obra *Quarto de Despejo* (1960), revela o racismo estrutural ao narrar a precariedade cotidiana de uma mulher negra na favela, onde a fome e o desprezo social se entrelaçam com o sexismo. Sua prosa, crua e visceral, humaniza a luta pela sobrevivência, mostrando como o racismo não é um evento isolado, mas uma rede de exclusões que afeta o corpo e a alma. Essa perspectiva se alinha ao pensamento de Lélia Gonzalez, que, no artigo *A mulher negra na sociedade brasileira* (1984), introduz uma ideia de “amefricanidade” para descrever a interseccionalidade entre raça, gênero e cultura, enfatizando que “a opressão racial e sexual não pode ser isolada separadamente, pois se alimentam mutuamente em um sistema de dominação” (Gonzalez, 1984, p. 82), convidando a uma reflexão humanizada: ao reconhecer essas interseções, pode-se vislumbrar a resistência como um ato de

reafirmação cultural, onde as mulheres negras reinventam suas identidades para além das margens impostas pela sociedade.

A análise dessa autora ganha ainda maior profundidade quando se considera a noção de “amefricanidade”, que ela propõe como uma categoria político-cultural capaz de conectar as experiências das mulheres negras brasileiras à diáspora africana (Gonzalez, 2020, p. 92). A *amefricanidade* reconhece a herança cultural africana como uma força viva, manifesta na oralidade, na resistência e na criação literária das mulheres negras nas Américas.

A noção de “amefricanidade”, desenvolvida pela autora, é um recurso teórico-política de enorme relevância para compreender a produção literária de autoras negras como Carolina Maria de Jesus. Ao propor esse conceito, Gonzalez (2020, p. 92) busca superar os limites impostos pelas categorias tradicionais de análise racial e cultural, oferecendo uma perspectiva que articula a experiência das mulheres negras latino-americanas a partir de uma posição enraizada tanto na cultura africana quanto nas marcas coloniais que estruturaram as Américas.

Ampliando essa análise, Sueli Carneiro, em *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil* (2011, p. 112), argumenta que o racismo estrutural perpetua uma “matriz de opressão” que silenciou as mulheres negras, mas também desperta nelas uma força coletiva de resistência. Ela destaca que “a interseccionalidade não é apenas uma teoria acadêmica; é uma vivência que nos obriga a criar estratégias de sobrevivência e transformação” (Carneiro, 2011, p. 115), humanizando o debate ao conectar a teoria à prática cotidiana, como o ativismo comunitário e a preservação de saberes ancestrais.

Ao considerar as reflexões de Sueli Carneiro, é possível analisar a visão caroliniana, por meio de uma abordagem interseccional, que articula gênero, classe e raça de forma integrada. Embora a escritora não empregue explicitamente o termo “interseccionalidade” em suas obras, ela antecipa e fundamenta o conceito ao examinar as opressões interligadas de raça, classe e gênero.

Antes de aprofundar a discussão, é essencial considerar que a experiência das mulheres negras não pode ser fragmentada em categorias isoladas, como gênero, raça ou classe, pois isso desconsidera a complexidade das violências interseccionais. Nesse cenário, surge a interseccionalidade como uma metodologia analítica e política essencial para interpretar a realidade e fomentar a justiça social, conforme proposto por Kimberlé Crenshaw (1989). Essa fragmentação teórica desconsidera a complexidade das opressões vividas por sujeitos que estão na intersecção de múltiplas violências. É justamente nesse ponto que a interseccionalidade surge como um método analítica e política potente para interpretar a realidade e promover justiça social.

O conceito do termo *interseccionalidade* foi cunhado pela jurista afro-americana Kimberlé Crenshaw<sup>6</sup>,

Surge da Teoria Racial Crítica, assim como Patricia Williams. As duas dialogam desde a década de 1970 e sabemos que Crenshaw grava o conceito como uma crítica, não só ao feminismo “branco”, mas, também, aos seus colegas homens da Critical Race Theory. As mulheres negras que pertencem à CRT, desde a década de 1980, denunciam a hipervalorização das experiências dos homens negros, no interior do movimento. Os escritos de Crenshaw e Williams representaram um “giro” interseccional e feminista no interior da CRT, o que permite um diálogo claro mais adiante com as considerações de Collins (Crenshaw, 2002, p. 1345, grifos da autora).

Esse conceito de interseccionalidade, cunhado por Crenshaw no âmbito da Teoria Racial Crítica, dialoga com contribuições de autoras como Patricia Williams. Desde a década de 1980, Crenshaw e Williams criticaram o feminismo “branco” e o movimento negro masculino por priorizarem experiências unilaterais, propiciando o chamado “giro” interseccional e feminista na Teoria Racial Crítica (Crenshaw, 2002, p. 1345). Patricia Hill Collins (2017, p. 15) amplia essa perspectiva, enfatizando que a interseccionalidade não é apenas um conceito acadêmico, mas uma abordagem prática que revela as relações de poder e as desigualdades simultâneas, como racismo, sexismo e classismo, especialmente em grupos marginalizados.

Patricia Hill Collins (1990), em sua obra *Pensamento Feminista Negro*, complementa essa visão ao propor uma “matriz de dominação” que interliga raça, classe e gênero, afirmando que “as mulheres negras, através de suas narrativas, desafiam o conhecimento dominante e constroem uma epistemologia da resistência, onde a voz das marginalizadas se torna um instrumento de libertação” (Collins, 1990, p. 25). Essa ideia, ao ser aplicada ao contexto brasileiro, desvela a importância de humanizar o acadêmico, reconhecendo que a resistência não é abstrata, mas um ato de amor e solidariedade entre gerações.

Collins destaca o papel da mulher negra intelectual, que transcende o modelo acadêmico tradicional ao incorporar experiências cotidianas de resistência e ancestralidade. Conceitos como “outsider inside” (Collins, 2019, p. 32) ilustram como mulheres negras em espaços acadêmicos ocupam posições marginais, gerando uma visão crítica das estruturas de poder. Carla Akotirene (2019), dialogando com Collins e incorporando elementos de decolonialidade e “escrevivências” (termo de Conceição Evaristo), posiciona a interseccionalidade como uma experiência encarnada, enraizada na subjetividade e na memória ancestral, tornando-a uma

---

<sup>6</sup> Kimberlé Williams Crenshaw, intelectual afro-estadunidense e defensora dos direitos civis americanos e uma das principais estudiosas da teoria crítica da raça, é professora em tempo integral na Faculdade de Direito da UCLA e na Columbia Law School, onde se especializa em questões de raça e gênero.

prática pedagógica para ler o mundo a partir das vivências interligadas de raça, gênero, classe e território.

Akotirene propõe uma “cantiga decolonial” movida por razões psíquicas, espirituais e intelectuais, que posiciona a interseccionalidade como uma experiência encarnada, enraizada na subjetividade e na memória ancestral das mulheres negras. A autora reforça que a interseccionalidade não é apenas um recurso teórico, mas uma necessidade prática para ler o mundo a partir das vivências interligadas de raça, gênero, classe e território (Akotirene, 2019).

Ambas as autoras criticam as limitações das análises isoladas que compartimentalizam as categorias de opressão. Collins (2019, p. 32) argumenta que gênero foi historicamente condicionado ao feminismo branco, raça ao movimento negro, e classe à crítica marxista, o que exclui as mulheres negras. A interseccionalidade supera essas limitações, oferecendo uma leitura mais precisa da realidade social. Essa fragmentação, conforme pontuam juristas como Crenshaw e Williams, ignora a sobreposição e a simultaneidade das opressões vividas por mulheres negras. Nessa direção, o entendimento interseccional se propõe a superar essas barreiras analíticas e limitações, proporcionando uma leitura mais fiel da realidade social e dos sujeitos que a compõem (Collins, 2019, p. 32).

Já Conceição Evaristo, em *Escritos de si, escritos de nós* (2012, p. 64), eleva essa discussão ao enfatizar a “escrevivência” como uma forma de resistência literária, em que as mulheres negras reescrevem suas histórias para contestar o apagamento histórico. Ela afirma que “a escrita é um ato de insurgência, um modo de transformar a dor em potência, permitindo que as vozes silenciadas ecoem e redefinam o mundo” (Evaristo, 2012, p. 67). Assim, ao lado de Jesus, Gonzalez, Carneiro e Collins, Evaristo nos inspira a uma abordagem humanizada do tema, em que o racismo estrutural é desvendado não como um destino afetado, mas como um desafio que pode ser superado através da criação de novos saberes. As estudiosas não apenas evidenciam as opressões, mas também propõem formas de existir, resistir e produzir conhecimento a partir das margens, convidando todos a uma reflexão mais inclusiva e empática sobre a condição humana.

A escrita caroliniana pode ser vista como uma expressão dessa continuidade cultural, que ressignifica a experiência da diáspora através da memória e da narrativa. No diário, quando ela escreve: “Eu sou uma negra que veio da senzala, mas carrego em mim a força dos meus avós” (Jesus, 2014, p. 88), a autora não apenas reafirma sua identidade, mas também invoca uma linhagem de resistência que atravessa gerações, celebrando a resiliência de uma cultura que sobreviveu às violências do passado escravocrata.

Gonzalez (2020, p. 149) também enfatiza a violência simbólica e física que atravessa a vida das mulheres negras, tanto no âmbito doméstico quanto no público. A literata, em seus diários, dá visibilidade a essa opressão ao narrar as relações de trabalho abusivas e desiguais que enfrentou. Em *Quarto de Despejo* (1960), ela registra: “Os brancos têm tudo, e nós pretos não temos nada” (Jesus, 2014, p. 50), uma afirmação que evidencia a segregação racial que estrutura as relações sociais no Brasil.

Gonzalez (2020, p. 149) contribui de maneira decisiva para a leitura dessa denúncia ao sublinhar que a experiência das mulheres negras no Brasil está marcada pela interseção entre a violência simbólica e a física, ambas operando de forma contínua nos espaços público e privado. A escritora, ao narrar sua vivência como mulher negra, pobre e favelada, explicita essas formas de violência, principalmente por meio de sua condição de trabalhadora precarizada.

Em *Pedaços da Fome* (1963), a autora explora a violência de gênero e racial através da personagem Vera Eunice, que sofre abusos e discriminação: “Eu era uma negra, e ninguém me queria por perto” (Jesus, 1963, p. 35). Este trecho ilustra como a literata, mesmo em uma narrativa ficcional, continua a expor as desigualdades que afetam as mulheres negras, narrando as experiências de marginalização que raramente encontravam espaço na literatura brasileira da época.

Ao analisar a citação retirada de *Pedaços da Fome* (1963), sintetiza-se a profunda interseção entre raça, gênero e exclusão social que permeia a produção caroliniana, mesmo quando esta adota o formato da ficção. Embora essa obra seja comumente classificada como romance, ela conserva o tom autobiográfico e de denúncia que caracteriza seus diários, evidenciando que, independentemente do gênero textual, a escritora segue comprometida com a exposição das estruturas de opressão que afetam as mulheres negras no Brasil.

As ideias de Carneiro (2023, p. 25) complementam essa análise, oferecendo uma perspectiva teórica que aprofunda a compreensão das opressões narradas pela escritora. Em *Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser*, Carneiro (2023, p. 27-29) argumenta que o racismo estrutural opera como um mecanismo de controle social que inferioriza e subalterniza a população negra, com impactos particularmente severos sobre as mulheres.

Desta forma, a reflexão de Carneiro (2023, p. 28) complementa e aprofunda a análise das experiências narradas pela escritora, mostrando que suas denúncias não são relatos pontuais, mas manifestações de um confronto simbólico com uma estrutura social que, para subalternizar, precisa fabricar o outro como “não-ser”. A escrita caroliniana, por sua vez, transforma-se em

gesto de reparação simbólica, um processo colonial em reversão, no qual a mulher negra, enquanto autora, resiste, nomeia e reconquista sua humanidade e seu saber.

A promulgação da Lei nº 11.645/2008 (Brasil, 2008) representou um marco fundamental na construção de uma educação mais plural e inclusiva no Brasil, ao modificar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Lei 9.394/96 (LDB) (Brasil, 1996) e tornar obrigatória a abordagem da história e da cultura dos povos indígenas e afro-brasileiros no currículo escolar. Mais do que incluir novos conteúdos, essa lei rompe com a lógica de uma narrativa única da história nacional, promovendo o acesso a outras histórias, muitas vezes silenciadas, e fomentando uma educação intercultural e antirracista (Brasil, 2008). Essa perspectiva dialoga diretamente com o alerta de Chimamanda Ngozi Adichie (2019, p. 32), que afirma que “[...] as histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para valorizar e humanizar. [...] reparar essa dignidade despedaçada”. Assim, reduzir pessoas ou culturas a uma única narrativa empobrece o conhecimento e reforça estereótipos e desigualdades, o que exige uma reorientação pedagógica para promover a justiça social.

Pensar outras histórias, portanto, é um ato político e pedagógico. Como aponta Candau (2012),

A educação intercultural tem tido uma trajetória original e plural nos países do continente. Por meio desta citação fica claro que, de um âmbito restrito, a educação escolar indígena, a educação intercultural é concebida hoje como um elemento fundamental na construção de sistemas educativos e sociedades que se comprometem com a construção democrática, a equidade e o reconhecimento dos diferentes grupos socioculturais que os integram (Candau, 2012, p. 242).

Essa análise de Candau (2012, p. 242) é essencial para se compreender como a educação intercultural transcende o mero acréscimo de conteúdos, exigindo uma transformação estrutural nas práticas educacionais. No contexto brasileiro, isso implica não apenas em incorporar a Lei 11.645/2008<sup>7</sup>, mas também desafiar as disposições de conhecimento que privilegiam perspectivas eurocêntricas, fomentando a equidade e o reconhecimento de saberes marginais. Essa abordagem crítica reforça a ideia de que a educação deve ser um processo contínuo, onde a diversidade cultural é vista como um pilar da democracia, incentivando os educadores a questionarem suas próprias posições e a integrarem vozes subalternas no currículo.

---

<sup>7</sup> BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008: altera a Lei nº 9.394/1996 para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 11 mar. 2008. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm).

Desta forma, a estudiosa aborda, de forma crítica, a exigência do reconhecimento da diversidade cultural como direito e valorização de saberes historicamente marginalizados. Da mesma forma, Nilma Lino Gomes (2017, p. 18) ressalta a importância do papel do movimento negro no enfrentamento ao racismo:

[...] uma coisa é certa: se não fosse à luta do Movimento Negro, nas suas mais diversas formas de expressão e de organização, com todas as tensões, os desafios e os limites, muito do que o Brasil sabe atualmente sobre a questão racial e africana, não teria acontecido. E muito do que hoje se produz sobre a temática racial e africana, em uma perspectiva crítica e emancipatória, não teria sido construído. E nem as políticas de promoção de igualdade racial teriam sido construídas e implementadas (Gomes, 2017, p. 18).

O que Gomes (2017) ressalta é como um chamado à ação, destacando que o ativismo negro não é apenas histórico, mas fundamental para a implementação efetiva de políticas como a Lei 11.645/2008. Isso mostra a interseccionalidade entre luta social e educação, onde o movimento negro atua como específico para as peças históricas, impulsionando mudanças que vão além do legislativo e permeiam a formação de uma sociedade mais justa. Sem esse engajamento, as políticas antirracistas corrigem o risco de permanecer no papel, reforçando a necessidade de educadores assumirem um papel ativo na desconstrução do racismo estrutural.

Pensando na literatura brasileira produzida por uma mulher negra, como é o caso de Carolina, vale ressaltar o que explica Gonzalez (2020, p. 55) a respeito do lugar da mulher negra tanto na força de trabalho quanto nas relações sociais, isto é, que “[...] importa caracterizar o racismo como uma construção ideológica cujas práticas se concretizam nos diferentes processos de discriminação racial”. E isto pensado a partir do discurso de exclusão que permeia os ideais e interesses dos que se beneficiam com essa prática e seguem atuando da mesma forma há séculos. Em seguida, a investigadora argumenta:

Nas sociedades de classes, a ideologia é uma representação do real, mas *necessariamente falseada*, porque é necessariamente orientada e tendenciosa – e é tendenciosa porque seu objetivo não é dar aos homens o *conhecimento objetivo* do sistema social em que vivem, mas, ao contrário, oferecer-lhes uma representação mistificada desse sistema social para mantê-los em seu “lugar” no sistema de exploração de classe (Gonzalez, 2020, p. 55, grifos da autora).

A partir da argumentação acima, compreende-se por que muitas pessoas reagem com resistência quando são questionadas sobre o discurso que utilizam. Frequentemente, afirmam que não são racistas porque empregam pessoas negras, têm amigos negros ou convivem com eles em diferentes espaços sociais.

Gonzalez (2020, p. 56) traz uma crítica contundente à ideologia nas sociedades de classe, apontando seu caráter falseador e mistificador da realidade social. Segundo ela, a

ideologia não busca esclarecer, mas naturalizar desigualdades, mantendo os indivíduos em posições hierarquizadas, especialmente dentro do sistema de exploração de classe. Essa análise é fundamental para o entendimento das sutilezas do racismo estrutural. Quando pessoas afirmam não serem racistas porque convivem com negros ou os empregam, estão, muitas vezes, reproduzindo inconscientemente uma ideologia que define o “lugar” social do negro como subalterno.

A necessidade de justificar atitudes com base em uma convivência superficial revela uma visão limitada e condicionada por essa ideologia dominante. Esse tipo de discurso não liberta, mas aprisiona, pois, reforça estereótipos e impede o reconhecimento pleno da cidadania e da humanidade do outro. Ao repetir práticas antigas sob a aparência de inclusão, a estrutura social se mantém inalterada. A crítica de Gonzalez (2020, p. 57) desnuda a importância de desconstruir esses discursos “inocentes”, compreendendo que o verdadeiro antirracismo exige mudança estrutural e uma revisão profunda das formas como o negro é percebido, tratado e posicionado socialmente. A mudança do discurso precisa vir acompanhada da transformação real das relações sociais.

A literatura caroliniana concorre para que essas questões sejam trazidas à discussão de forma sensível e crítica, uma obra que oferece subsídios para a compreensão das dinâmicas sociais de exclusão e discriminação, contribuindo para a construção de uma educação sem este racismo estrutural, como preconiza a Lei 10.639/2003 (Brasil, 2003).

Ao se trabalhar a questão do pertencimento e da identidade racial em sala de aula, o diário da autora permite que estudantes negros e negras se reconheçam como protagonistas de suas próprias histórias, o que é essencial para o fortalecimento da autoestima e para a superação das violências simbólicas que permeiam as relações escolares.

Desta forma, a literatura caroliniana se revela um recurso pedagógico poderoso, capaz de promover reflexão crítica, empatia e valorização das identidades negras. Ao integrar essas obras ao currículo escolar, fortalece-se não apenas o conhecimento histórico e social, mas também a construção de ambientes educativos mais inclusivos e conscientes, nos quais estudantes podem reconhecer e afirmar sua própria voz diante das desigualdades estruturais.

#### 4 O DIÁRIO COMO TRANSFORMAÇÃO: A LITERATURA DE CAROLINA MARIA DE JESUS EM DIFERENTES PERSPECTIVAS

A literatura de Carolina Maria de Jesus, especialmente em *Quarto de Despejo*, revela o diário como instrumento de transformação, tanto individual quanto coletiva, ao registrar experiências que evidenciam a violência estrutural, o racismo e a marginalização social impostos à mulher negra no Brasil.

Nesse sentido, sua escrita se insere no horizonte crítico apontado por Lélia Gonzalez (2020), para quem a mulher negra ocupa uma posição subalternizada, confinada historicamente a trabalhos precarizados e a relações sociais marcadas pela desumanização. Ao narrar a própria sobrevivência em meio à fome, ao desprezo e à exploração cotidiana, trechos como “Eu pedia esmola e as pessoas me olhavam com desprezo” (Jesus, 2014, p. 55) e relatos sobre o tratamento desumano recebido como empregada doméstica demonstram não apenas a materialidade da opressão, mas também o valor de sua escrita enquanto espaço literário, resistência e afirmação de humanidade. Assim, seu Diário transcende o registro íntimo, configurando-se como prática estética e política que desestabiliza narrativas hegemônicas e amplia o repertório crítico sobre gênero, raça e classe no Brasil.

Ao implementar essas experiências na forma do diário, a literata redefine o gênero: mescla o íntimo e o político, o cotidiano e o estrutural. Como aponta Didier (1976, p. 76), o diário pode ser um “contra-discurso” quando usado por sujeitos silenciados para expor realidades invisibilizadas.

No contexto educacional, essas passagens permitem promover reflexões críticas entre os estudantes sobre trabalho, dignidade, raça e desigualdade. Ao identificar ecos dessas experiências em suas próprias vidas ou na realidade ao seu redor, os estudantes são estimulados a pensar a literatura não como abstração, mas como método de leitura e intervenção no mundo.

Carolina Maria de Jesus transformou suas vivências de exclusão em narrativas expressivas que desafiam o cânone literário e ecoam as dores, alegrias, sonhos e resistências das populações periféricas. Apesar de sua consagração pelos diários, esse gênero não era sua preferência. Em *Casa de Alvenaria*, ela revela: “Eu não gosto de escrever Diário. [...] Quero escrever romances dramas e tenho que escrever Diário” (Jesus, 2021, p. 218).

A autora explicita o conflito entre o que desejava criar e o que lhe foi permitido publicar, o que lhe era solicitado pelo seu editor Audálio Dantas. Esse trecho da obra expõe a restrição de sua liberdade criativa, marcada por condicionamentos editoriais e pelas expectativas sociais que impunham à autora o papel de “testemunha da pobreza”, mas não de artista plena.

Apesar de sua consagração pelo gênero diário, com *Quarto de Despejo* (1960) alcançando notoriedade nacional e internacional, a escritora não se via limitada a esse formato. Seu desejo por escrever romances e dramas indica não apenas ambição estética, mas também o anseio por explorar outras possibilidades narrativas e de imaginação literária, espaços historicamente negados às mulheres negras e pobres no Brasil.

Essa escolha pela publicação inicial do diário foi influenciada pelo jornalista Audálio Dantas, que viu no formato diarístico um meio de atingir o público da época. Perpétua (2003, p. 45) destaca que essa decisão editorial, embora tenha garantido visibilidade, restringiu a percepção da autora como uma escritora multifacetada, capaz de explorar diversos gêneros com uma literatura única.

Perpétua (2003, p. 45) lança luz sobre um aspecto central na trajetória editorial da escritora: a influência determinante de Audálio Dantas na escolha do gênero diário como forma de apresentação pública de sua escrita. Embora essa decisão tenha possibilitado uma ampla visibilidade para *Quarto de Despejo* (1960) e projetado a escritora nacional e internacionalmente, ela também contribuiu para uma leitura reducionista de sua obra.

A referida autora alerta para o risco dessa rotulação, pois a escritora era multifacetada, produzia textos diversos e expressava, em sua própria fala, o desejo de experimentar outras formas narrativas. O formato diarístico, embora eficaz para avaliar a crueldade da vida nas favelas, não traduzia a totalidade de sua ambição literária. Essa escolha editorial reflete também uma desigualdade estrutural no campo literário, onde mulheres negras, especialmente de origem pobre, são frequentemente confinadas a espaços e temas específicos.

Reconhecer essa limitação é essencial para reavaliar a contribuição da autora à literatura brasileira. Ela não foi uma cronista da miséria, como muitos críticos tentaram rotular, mas uma autora com voz própria, criatividade impactante e repertório amplo, cujo trabalho desafia os moldes impostos pelo mercado e pela crítica.

A escrita autobiográfica, expressa em *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (1960), *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada* (1961) e *Diário de Bitita* (1986), representa um marco na literatura brasileira, especialmente por tratar sobre a experiência de uma mulher negra que viveu na periferia e enfrentou as adversidades da exclusão social.

Embora sua escrita seja acessível, a linguagem caroliniana é complexa em sua capacidade de articular reflexões sociais e políticas, capturando as nuances de sua realidade com uma profundidade que desafia as convenções literárias tradicionais. Por exemplo, em um trecho do diário, ela escreve: “Eu queria entrar no cinema. Mas a bilheteira me olhou e disse: ‘Aqui não é lugar pra sua gente’” (Jesus, 2014, p. 82), um trecho que revela não apenas a

exclusão racial, mas também a consciência crítica da autora sobre as estruturas de poder que a marginalizam. Essa complexidade se manifesta também em sua habilidade de entrelaçar o cotidiano com reflexões sobre desigualdade, como em: “Eu vejo os brancos passeando, e eu, uma negra, só trabalhando” (Jesus, 2014, p. 65), mostrando uma percepção aguda das dinâmicas sociais.

A passagem citada do diário demonstra a profundidade da escrita caroliniana, que revela uma complexidade significativa ao captar as nuances das opressões vividas no cotidiano. O trecho acima expõe de forma direta e contundente a exclusão racial sistematizada na sociedade brasileira, mas também revela a consciência crítica da autora sobre os mecanismos de discriminação e segregação. Essa fala evidencia o racismo estrutural, que não se manifesta apenas em atos explícitos, mas em barreiras cotidianas que marginalizam corpos e vozes negras.

A observação de Jesus (2014), na qual comenta que visualiza um branco passeando, e ela uma negra, trabalhando, revela a habilidade da escritora em relacionar experiências individuais com um panorama social mais amplo, articulando desigualdade racial e de classe. A capacidade de Carolina na articulação do particular e o universal, o pessoal e o político, confere à sua obra uma dimensão literária que desafia as convenções tradicionais, que muitas vezes relegam narrativas periféricas a um simples registro documental. A autora cria uma expressão literária impactante, que transforma a experiência da exclusão em denúncia e resistência, expressando a força e a complexidade de sua perspectiva.

Segundo Lejeune (2008, p. 15), o pacto autobiográfico estabelece um compromisso entre autor, narrador e personagem, garantindo ao leitor que o “eu” que escreve é o mesmo que viveu as experiências relatadas. No Diário, essa relação manifesta-se pela forma como a autora se apresenta como sujeito de sua própria história, com uma narrativa que expõe as condições precárias da favela e a violência estrutural que permeia sua vida.

Portanto, nesta obra, o pacto autobiográfico legitima a expressão da autora e fortalece a dimensão política do texto. A escritora, ao ocupar o lugar de narradora e personagem, constrói uma identidade literária que resiste à marginalização, afirmando-se como sujeito histórico e social. Esse compromisso entre autora e leitor reforça a importância de sua obra para a literatura brasileira e para as discussões sobre raça, classe e gênero.

Entende-se que Jesus (1986) expressa de forma clara a percepção precoce da escritora sobre seu lugar na hierarquia racial e social. Essa internalização da discriminação racial desde a infância é um elemento crucial para compreender a formação da consciência crítica presente em sua escrita. A escritora não apenas relata fatos, mas traz à tona como o racismo estruturado moldou sua identidade e suas relações sociais.

#### 4.1 A pedagogia do diário: estimular a escrita e a reflexão nos espaços educativos

Em seu diário, Carolina expõe as experiências de violência e exclusão que vivenciou, permitindo que o leitor perceba as estruturas racistas que moldam sua realidade. A reconstrução subjetiva de sua história de vida, conforme Lejeune (2008, p. 64), implica uma reflexão profunda sobre o próprio eu, transformando suas experiências de marginalização em um ato de resistência literária. Por exemplo, ao narrar a fome de seus filhos, ela escreve: “Meus filhos pediam comida e eu não tinha nada pra dar. Fui ao lixo buscar restos” (Jesus, 2014, p. 45), salientando a interseção entre pobreza, racismo e maternidade. Essa narrativa trata-se de uma reflexão sobre as condições impostas pela exclusão social.

O diário é caracterizado como uma forma aberta, capaz de abarcar diversos registros, como crônicas e fragmentos, o que se reflete na multiplicidade de vozes e experiências que a autora traz em seus textos, como os diálogos com vizinhos e as reflexões sobre a política da época (Didier, 1976, p. 48). No Diário, por exemplo, Carolina comenta: “Eu leio os jornais e vejo que os políticos não se importam com a favela” (Jesus, 2014, p. 95), demonstrando uma leitura crítica do contexto político brasileiro dos anos 1960.

Ao incorporar diálogos com vizinhos, relatos do cotidiano e análises pessoais, a escritora utiliza o diário como espaço para narrar não só sua própria experiência, mas também a de sua comunidade, criando um mosaico de perspectivas que contribuem para a construção de um relato coletivo e multifacetado. Essa multiplicidade rompe com a ideia tradicional de autobiografia linear e fechada, oferecendo um contato mais direto e plural com a realidade vivida nas periferias urbanas brasileiras.

A dimensão crítica da escrita caroliniana não se limita a um relato intimista ou pessoal, mas posiciona sua narrativa dentro de um contexto político mais amplo, evidenciando uma leitura consciente e crítica da realidade brasileira da década de 1960. Essa observação revela o distanciamento entre as elites políticas e as populações marginalizadas, demonstrando a indiferença e o abandono institucional que perpetuam as desigualdades.

De acordo com Soares e Elisário (2024, p. 179), por meio da escrita do diário pessoal, a autora se constitui na sociedade como instrumento de autoformação, rememoração e resistência. Sendo assim, entende-se que dentro de uma perspectiva enunciativo-discursiva, o diário configura-se como um espaço privilegiado de construção do sujeito, onde a linguagem é usada para narrar experiências, elaborar sentidos e refletir sobre a própria existência. Desta forma, a obra comprova como a escrita íntima pode tornar-se pública e política, ao expor a

realidade marginalizada de uma mulher negra, pobre e favelada (Soares; Elisiário, 2024, p. 179).

Ao escrever sobre seu cotidiano, Carolina transforma-se em voz ativa diante do silenciamento imposto historicamente a sujeitos como ela. Essa importância do diário como gênero biográfico se alinha às discussões de Soares e Elisiário (2024, p. 180), que apontam o diário como mecanismo de rememoração e recurso formativo nas práticas de leitura e escrita, promovendo letramentos que vão além do domínio técnico da língua.

O relacionamento com a língua, oral e escrita, é essencial para a participação social, pois permite comunicar-se, argumentar, construir conhecimento e compartilhar visões de mundo. *Quarto de Despejo* (1960) exemplifica a força do diário como prática de escrita que articula vivência, memória e consciência crítica. Com linguagem expressiva, Carolina Maria de Jesus demonstra o cotidiano na favela do Canindé, revelando suas dificuldades, reflexões sociais e identidade como mulher negra, pobre e escritora (Moreira *et al.*, 2022, p. 3).

Nesse contexto, o diário se configura como um instrumento de resistência e valorização, um processo que busca valorizar todas as etapas da construção do saber, incentivando os alunos a assumirem-se como autores. As atividades visam melhor estimular a escrita como expressão autônoma, respeitando as singularidades e os diferentes usos linguísticos. O ato de escrever torna-se uma prática de letramento que reconstrói o sujeito e o mundo, assumindo um papel político e social (Moreira *et al.*, 2022, p. 7).

A obra *Le journal intime*, traduzindo *O Diário Íntimo*, da teórica francesa Béatrice Didier (1976), oferece uma análise sobre o gênero diário pessoal, destacando sua função como espaço de construção identitária e resistência. Segundo Didier (1976, p. 85), o diário íntimo é um meio privilegiado para a expressão da subjetividade, dando ao autor a chance de registrar não apenas eventos cotidianos, mas também reflexões íntimas que muitas vezes desafiam estruturas sociais opressoras. Por meio do estudo das pesquisas científicas selecionadas, fica evidente a importância de desenvolver em sala de aula a leitura e os processos de escrita com os estudantes, pois revela como o gênero diarístico é um veículo de emancipação, não só para quem se encontra à margem, mas para todos.

A autora destaca a importância do diário como um espaço privilegiado para a construção da identidade e resistência individual. Didier (1976, p. 86) argumenta que o diário íntimo vai além da mera anotação factual, funcionando como um veículo de expressão da subjetividade, onde o autor pode explorar suas emoções, pensamentos e reflexões mais profundas. Essa dimensão torna o diário um espaço que, muitas vezes, desafia as estruturas sociais opressoras,

ao permitir a manifestação de vozes que, na esfera pública, são frequentemente silenciadas ou marginalizadas.

Incluir a leitura e os processos de escrita diarística nas práticas pedagógicas contribui para o desenvolvimento da autonomia dos estudantes, especialmente daqueles que, como a escritora, pertencem a grupos socialmente marginalizados. O diário viabiliza que os alunos se expressem, reflitam sobre suas vidas e questionem as estruturas sociais que os cercam, promovendo um processo de fortalecimento e construção identitária. Dessa forma, a valorização do gênero diarístico no contexto educacional amplia o repertório literário dos estudantes e os envolve em uma prática de escrita que pode ser política e libertadora.

Ao trabalhar com o diário caroliniano em sala de aula, os educadores podem fomentar discussões importantes sobre desigualdade social, racismo, gênero e direitos humanos, conectando a literatura com a realidade dos estudantes. Essa abordagem interdisciplinar fortalece o papel da educação como espaço de formação crítica e cidadã, estimulando a inclusão e o reconhecimento das diversas experiências de vida.

Didier (1976), em *O diário íntimo*, analisa o diário como um gênero híbrido, situado entre a literatura e o documento histórico. Para a estudiosa, o diário é um “espaço de liberdade” no qual o autor pode explorar sua interioridade sem as convenções narrativas impostas por outros gêneros (Didier, 1976, p. 83). Essa característica o torna especialmente atraente para indivíduos cujas vozes são sistematicamente silenciadas, como mulheres, pobres e minorias étnicas.

A análise de Didier (1976, p. 47) sobre o diário como um gênero híbrido, revela uma dimensão essencial para compreender melhor esta obra literária, especialmente em contextos de exclusão social e cultural. Ao situar o diário entre a literatura e o documento histórico, Didier (1976, p. 82) destaca sua capacidade singular de capturar não apenas a subjetividade do autor, mas também de fornecer um testemunho direto e íntimo do tempo e das circunstâncias vividas. Essa dupla natureza confere ao diário um caráter único, que transcende as fronteiras tradicionais da escrita literária e documental, tornando-o um espaço privilegiado para a expressão pessoal e social.

Didier enfatiza que o diário funciona como um “espaço de liberdade” (1976, p. 83), onde o autor pode explorar sua interioridade sem estar preso às estruturas rígidas de gêneros narrativos convencionais. Essa liberdade formal viabiliza uma escrita espontânea, fragmentada, que reflete os pensamentos e emoções em seu fluxo natural, e que não necessita seguir uma lógica linear ou um estilo literário predefinido. Essa característica é fundamental para

proporcionar a comunicação aos indivíduos cuja experiência é marcada pelo silenciamento e pela invisibilidade social.

A abertura e flexibilidade do gênero diarístico oferecem aos sujeitos marginalizados um espaço para se expressarem livremente, documentando suas vidas, dores, resistências e perspectivas de mundo. O diário ultrapassa o simples relato pessoal para assumir uma função política e social, na medida em que desafia as narrativas dominantes.

A ideia do diário como um gênero híbrido reforça a importância de se valorizar essa forma de escrita dentro dos estudos literários e nas práticas pedagógicas. Ao reconhecer o diário como um espaço onde se cruzam a experiência individual e o contexto histórico-social, educadores e pesquisadores podem promover uma abordagem mais inclusiva e plural da literatura, que acolha diversas formas de expressão e reconheça a riqueza das vozes tradicionalmente excluídas.

Didier (1976, p. 28) argumenta que “o diário íntimo é um gênero que se adapta às necessidades de seu autor, podendo assumir formas diversas”. A estudiosa ainda explica que o diário íntimo pode obter formas que vão “desde confissões líricas até relatos objetivos do cotidiano” (Didier, 1976, p. 63). Carolina Maria de Jesus subverte as expectativas do gênero ao mesclar observações brutais sobre a fome e a violência com passagens poéticas e reflexões filosóficas. Seu Diário não é apenas um registro pessoal, mas um documento que expõe as contradições de uma sociedade que trata os pobres como “lixo”, daí a metáfora do “quarto de despejo”.

A escrita caroliniana apresenta também passagens carregadas de sensibilidade poética e reflexão filosófica, exprimindo sua capacidade de articular diferentes registros discursivos no mesmo texto. Essa mescla fortalece a dimensão artística da obra e amplia seu alcance, pois, ao mesmo tempo em que emociona e sensibiliza, também instiga o leitor a pensar criticamente sobre as condições sociais e as estruturas de poder que geram desigualdade e opressão.

Essa pluralidade formal e temática no diário exemplifica o que Didier (1976, p. 106) propõe sobre a flexibilidade do gênero, mostrando que o diário não é um gênero fixo, mas um campo aberto para experimentações que atendem às demandas expressivas do autor. A obra da Carolina é uma reinvenção do diário, que incorpora elementos de crônica social, literatura de testemunho, poesia e reflexão filosófica, criando um texto híbrido e instigante.

A obra caroliniana representa um movimento de ampliação do gênero diarístico, no qual a voz marginalizada ganha espaço para narrar sua experiência, desafiar estereótipos e apontar opressões. A escrita caroliniana, ao utilizar a estrutura do diário íntimo para expor as contradições da sociedade brasileira, inaugura um modo de escrever que é, ao mesmo tempo,

profundamente pessoal e radicalmente político. Seu diário é, um espaço de resistência, onde a subjetividade se conecta à luta por justiça social e visibilidade.

Ao unir as reflexões teóricas de Didier (1976, p. 116) com a prática da autora, apontam-se caminhos para a pesquisa literária e educacional: investigar como outros escritores periféricos, inspirados ou não pela escritora, utilizam o diário como uma estratégia de sobrevivência simbólica e estética. Nesse sentido, o diário deixa de ser apenas um espaço de expressão para tornar-se um gesto político, de afirmação da existência e de reivindicação de voz.

A análise de dissertações de mestrado, como citado, pode ser um rico campo de investigação para compreender como a forma diarística continua sendo apropriada por sujeitos à margem do sistema cultural dominante. Esses escritos muitas vezes transitam entre a arte e o testemunho, entre a denúncia e a autoafirmação, entre o privado e o público, reafirmando a atualidade da teoria de Didier (1976, p. 116) e a força pioneira da escrita caroliniana. Sendo assim, essa abordagem teórico-literária amplia a compreensão do diário não apenas como um gênero literário, mas como uma estratégia de luta e de afirmação da humanidade em contextos de opressão. A escritora e outros autores periféricos transformam o ato de escrever em uma forma de resistência e de intervenção no mundo, reconfigurando o lugar da literatura na sociedade.

A escritora afirma sua humanidade e sua intelectualidade em um meio que tende a desumanizar e infantilizar os pobres. Ao se posicionar como leitora e escritora, ela rompe com o estigma de que o favelado é incapaz de pensamento complexo ou produção cultural relevante. A escrita passa a ser uma forma de contar sua história, uma maneira de reivindicar pertencimento a um campo simbólico – o da literatura – do qual foi historicamente excluída.

Desse modo, o diário transcende a dimensão autobiográfica e torna-se um marco de resistência estética e política. A autora reinventa o diário como um meio de registro de ocorrências, consciência e libertação, demonstrando que, mesmo diante da fome e da exclusão, o ato de escrever pode ser uma poderosa arma contra a marginalização. Consequentemente, sua obra confirma plenamente as reflexões de Didier (1976, p. 139) e contribui para ampliar o entendimento do diário íntimo como espaço de ruptura, insurgência e emancipação.

#### **4.2 A literatura caroliniana em sala de aula: produção textual reflexiva**

A partir da análise autobiográfica de *Quarto de despejo* (1960), torna-se pertinente explorar a compreensão pedagógica dessa narrativa no ensino fundamental, especialmente em

atividades de produção textual, como a escrita de diários. A presente pesquisa examina como *Quarto de Despejo*: diário de uma favelada (1960) pode ser utilizado em sala de aula, com base nas teorias de Barthes (2015), Koch e Elias (2018) e Geraldi (1999), e nas práticas pedagógicas descritas em pesquisas científicas selecionadas e já apresentadas na seção 3.

O diário caroliano, quando trabalhado pedagogicamente, oferece uma oportunidade para que os estudantes desenvolvam habilidades de escrita, ao mesmo tempo em que se engajam com questões sociais como racismo e desigualdade. Por exemplo, o trecho em que a autora escreve: “Eu queria comprar um pedaço de carne, mas não tinha dinheiro. Fui ao açougue e pedi um osso. O açougueiro riu de mim” (Jesus, 2014, p. 60), pode ser usado para discutir a exclusão social e estimular os alunos a escreverem sobre experiências vivenciadas.

A passagem retirada do diário, em que a autora relata a experiência de pedir um osso no açougue e ser ridicularizada pelo açougueiro, funciona como um exemplo das múltiplas dimensões da exclusão social vivida pela população periférica. Essa narrativa carrega um significado simbólico profundo ao evidenciar a humilhação diária imposta pela desigualdade econômica e social. A narrativa da autora desnuda a dificuldade material da pobreza ao mesmo tempo em que enfatiza o impacto psicológico da rejeição e do preconceito enfrentados por quem vive à margem da sociedade.

A escrita da autora, revela uma complexidade reflexiva e política que a torna acessível e impactante para os estudantes. Roland Barthes (2015, p. 28) argumenta que o texto é um espaço de prazer e descoberta, onde o leitor participa ativamente na construção de sentidos, e Koch e Elias (2018, p. 21) complementam ao frisar que a escrita é um processo interativo, envolvendo planejamento e revisão para a produção de sentidos. Juntas, essas perspectivas sugerem que a leitura pode despertar o prazer pela escrita, incentivando os estudantes a produzirem textos autorais que reflitam suas vivências, enquanto desenvolvem competências textuais de forma contextualizada.

A articulação das ideias de Barthes (2015, p. 28) denota que a leitura e a produção textual, quando ancoradas em obras como o Diário de Carolina Maria de Jesus, podem despertar nos estudantes um prazer genuíno pela escrita, que vai além do cumprimento de tarefas escolares. A familiaridade com a literatura e a escrita, pois Carolina escrevia e lia todos os dias, fez com que o conteúdo da sua escrita literária se tornasse socialmente significativo e contribuísse para essa experiência positiva, ao passo que a reflexão política implícita nos textos desafia os estudantes a pensarem criticamente sobre suas próprias realidades.

Observou-se no espaço escolar, trabalhar com diários como o da autora oportuniza desenvolver habilidades de leitura crítica e escrita autoral, ao mesmo tempo que valoriza

saberes e vivências diversas. Sendo assim, o diário pessoal, nesse contexto, emerge como meio de reconhecimento de si e do outro, ampliando a compreensão dos alunos sobre as múltiplas identidades sociais e culturais. Na visão de Soares e Elisiário (2024, p. 185), o diário caroliniano não apenas documenta uma trajetória de vida, mas também inspira práticas pedagógicas voltadas à humanização, à escuta e à construção de narrativas que rompem com a invisibilidade.

Com base na reflexão apresentada, é possível reafirmar o valor pedagógico dos gêneros biográficos, especialmente o diário pessoal, como recursos significativos na formação do sujeito e no desenvolvimento integral das competências linguísticas. Complementando Soares e Elisiário (2024, p. 186), concordam que a partir da obra caroliniana, compreende-se que o diário transcende o caráter íntimo e passa a operar como uma forma de (auto)conhecimento e resistência, permitindo ao sujeito narrador construir sentidos sobre sua vivência e posicionar-se frente às adversidades do mundo.

A produção textual em sala de aula, quando bem orientada, pode ser um instrumento poderoso para o desenvolvimento da expressão pessoal e da consciência crítica dos estudantes. João Wanderley Geraldi (1999, p. 147), em sua obra *O texto na sala de aula*, defende uma abordagem que ultrapassa a mera reprodução de modelos prontos, incentivando a escrita como processo de interação e significação. Nesse contexto, é pertinente dizer que o gênero diário, especialmente após a leitura de obras como o diário caroliniano, oferece uma oportunidade singular para que os estudantes explorem sua subjetividade enquanto refletem sobre questões sociais.

Em sequência, Geraldi (1999, p. 1) parte do pressuposto de que a linguagem é interação, e não apenas um código a ser decifrado. Para o autor, o ensino de língua portuguesa deve priorizar situações reais de comunicação, nas quais os alunos possam se expressar como sujeitos ativos, e não como meros reprodutores de normas gramaticais. Essa concepção desloca o foco da aprendizagem da língua de uma abordagem puramente normativa para uma prática discursiva que considera o sujeito em sua dimensão social, histórica e cultural. Com isso, o processo de ensino-aprendizagem passa a valorizar não apenas a correção formal, mas, sobretudo, a capacidade de significar e de produzir sentidos em contextos reais. Ao compreender a linguagem como prática social, abre-se espaço para uma educação linguística mais emancipatória, que promove o protagonismo dos estudantes, permitindo-lhes reconhecer-se como agentes produtores de discurso e de conhecimento, inseridos em práticas comunicativas diversas.

O diário é um texto de caráter dialógico: mesmo sendo um registro íntimo, pressupõe um “outro” imaginário (o próprio diário como interlocutor); permite a autoria efetiva: o aluno

escreve sobre suas experiências, sentimentos e opiniões, assumindo o papel de autor, e não de copista; favorece a reflexão crítica: ao narrar seu cotidiano, o estudante pode estabelecer paralelos com realidades sociais mais amplas, como faz Carolina Maria de Jesus.

Geraldi (1999, p. 48) sublinha que a produção textual deve ter um sentido real para o estudante. Escrever um diário inspirado na autora não seria um exercício artificial, mas uma forma de os estudantes se apropriarem da escrita como instrumento de expressão e intervenção. O autor traça caminhos que podem ser percorridos para o trabalho com o gênero diário em sala de aula, como, por exemplo, as seguintes estratégias: leitura e análise da obra, no caso, o diário caroliniano; debater trechos em que a escritora relata seu cotidiano, destacando como ela transforma experiências pessoais em crítica social; comparar o diário da autora com outros modelos (como diários literários ou históricos), mostrando a diversidade do gênero.

Sendo assim, as pesquisas científicas que foram desenvolvidas, e que são o *corpus* desta, ao trabalhar o gênero diário como caminho para uma escrita significativa, reafirmam que a proposta de Geraldi (1999, p. 25), defendida em *O texto na sala de aula*, encontra no gênero diário um aliado vigoroso para uma pedagogia da escrita que valoriza a expressão literária do estudante. “A escola precisa criar condições para que o aluno escreva como sujeito, e não como cumpridor de tarefas” (Geraldi, 1999, p. 25). Ao ler a literatura caroliniana e produzir seus próprios registros diarísticos, os estudantes podem apropriar-se da escrita como prática livre e significativa; estabelecer conexões entre a própria realidade e questões sociais mais amplas; e, desenvolver habilidades textuais de forma autêntica, não mecânica. O diário deixa de ser apenas um exercício escolar e se torna uma estratégia de autoconhecimento e intervenção no mundo, tal como aconteceu com Carolina Maria de Jesus.

A obra caroliniana oferece aos estudantes a possibilidade de confrontar as desigualdades raciais e sociais que moldam suas realidades, incentivando-os a refletirem sobre suas posições no mundo. De acordo com Michael Dias de Jesus (2023, p. 65), quando um estudante, ao ler o Diário, escreve: “Eu já senti na pele o que Carolina sentiu, quando me olham diferente por ser negro”, ele não apenas se identifica com a experiência narrada, mas também inicia um processo de conscientização que o ajuda a resistir às formas de opressão.

A análise dos diários em sala de aula possibilita que os estudantes se engajem com temáticas como racismo e desigualdade social, enquanto exercitam a escrita autobiográfica. Essa prática da escrita, conforme Koch e Elias (2018, p. 22), favorece a reflexão identitária, fazendo com que os alunos construam narrativas a partir de suas experiências. A abordagem interdisciplinar, combinando leitura, escrita e discussões, incentiva a elaboração de textos que dialoguem com vivências pessoais e coletivas. Essa abordagem é exemplificada em projetos

educacionais analisados em dissertações de mestrado, que demonstram como os professores utilizam a literatura caroliniana para promover a escrita reflexiva e a consciência social.

Os diários carolinianos, analisados sob as perspectivas de Barthes (2015), Koch e Elias (2018), Geraldí (1999) e Evaristo (2020), revelam-se práticas pedagógicas eficazes para o Ensino Fundamental. As práticas descritas nas dissertações mostram que a literatura caroliniana, especialmente do seu Diário, incentiva a produção textual reflexiva e a ampliação do repertório sociocultural dos estudantes, promovendo uma prática educativa que valoriza a reflexão identitária e a consciência social.

## 5 A LITERATURA DE CAROLINA MARIA DE JESUS EM SALA DE AULA

As dissertações selecionadas evidenciaram a recorrência de estratégias pedagógicas baseadas na leitura em voz alta da obra (Jesus, 1960), produção de diários pessoais inspirados no estilo da própria Carolina e rodas de conversa para discussão das temáticas raciais e sociais, o que realça a relevância da obra como instrumento de diálogo e escuta ativa em sala de aula.

Alinhando-se aos tópicos anteriores desta dissertação, que abordaram o racismo estrutural e a interseccionalidade de gênero e raça na educação brasileira (conforme seções 2, 3 e 4), esta seção amplia o escopo ao conectar tais discussões às contribuições de pesquisadoras pioneiras. A figura da mulher negra, central na obra de Jesus, emerge como um eixo crítico para analisar como o racismo se entrelaça com o sexismo, perpetuando exclusões sociais. Nesse sentido, as pesquisas de mestrado analisadas, como as de Silva (2016), Teixeira (2018), Ferreira (2021) e Oliveira (2022), demonstram que a inserção de textos como o diário da autora em contextos educacionais enriquece o repertório literário dos estudantes e também catalisa debates sobre identidade e resistência, alinhando-se diretamente aos objetivos propostos aqui.

O Quadro 2 apresenta uma análise metodológica de dissertações que exploram a obra da escritora, no contexto escolar. As dissertações analisadas apontam para a expressividade da literatura caroliniana como recurso que permite ao professor estimular tanto a compreensão cognitiva quanto a sensibilidade emocional dos estudantes. A prática de leitura em voz alta, por exemplo, favorece a percepção de nuances textuais e a aproximação afetiva com os personagens, enquanto a produção de diários pessoais propicia que os alunos articulem suas experiências e sentimentos, promovendo a reflexão sobre suas próprias vivências e a realidade social ao seu redor. As rodas de conversa complementam esse processo ao criar um espaço seguro de escuta e troca de perspectivas, fortalecendo habilidades comunicativas e a empatia entre os participantes.

Portanto, o quadro a seguir organiza e sintetiza essas informações, oferecendo uma visão sistemática das estratégias metodológicas empregadas, dos objetivos de ensino perseguidos e dos efeitos observados na prática pedagógica. Essa sistematização evidencia a importância de obras como *Quarto de Despejo* no desenvolvimento de uma educação que valorize a diversidade, incentive o protagonismo estudantil e fomenta debates críticos sobre racismo, desigualdade e resistência social, consolidando a literatura caroliniana como instrumento pedagógico de grande relevância para o contexto educacional brasileiro contemporâneo.

**Quadro 2 - Análise metodológica das dissertações sobre a obra *Quarto de Despejo* (1960) no contexto escolar**

Nº	Título	Metodologia
1	A voz e o poder do texto literário afro-brasileiro: uma proposta de intervenção pedagógica para o ensino fundamental com obra <i>Quarto de Despejo</i> , de Carolina Maria de Jesus Milena Paixão da Silva (2016), Universidade do Estado da Bahia, Santo Antônio de Jesus-BA	Leitura orientada e compartilhada, debates mediados, produção de textos autorais (diários, cartas), releituras criativas (dramatizações, ilustrações, encenações teatrais), memorial expositivo. Etapas das estratégias metodológicas: <b>I – Perfil de Experiência de Leitura:</b> Questionários e leituras despertaram o interesse e vínculo afetivo com a literatura. <b>II – Encontrando o Tesouro:</b> Discussões revelaram baixo hábito de leitura e necessidade de novas estratégias; <b>III – Conhecendo Carolina:</b> Biografia de Carolina ampliou a consciência crítica e social dos alunos; <b>IV – Meu Diário:</b> Produção de diários estimulou autoria e reflexão sobre vivências pessoais; <b>V – Cotidianos:</b> Debates sobre periferia promoveram autoestima e valorização das origens; <b>VI – Colecionando Palavras:</b> Atividade destacou a riqueza linguística e manteve o engajamento dos alunos; <b>VII – Relações Etnicorraciais:</b> Reflexões fortaleceram o reconhecimento da literatura afro-brasileira; <b>VIII – Trocando Experiência:</b> Escrita de diários consolidou autoria e motivação para escrever; <b>IX – Palavras Postadas:</b> Troca de cartas uniu leitura, escrita e ação social; <b>X – Socializando:</b> Discussões literárias reforçaram pertencimento e valorização cultural; <b>XI – Memorial Quarto de Despejo:</b> Exposição final evidenciou aprendizado e consciência crítica.
2	A memória, a (re)construção das identidades na Pós-Modernidade e uma proposta de intervenção na escola: a presença da (auto)biografia em algumas novelas gráficas e a produção de um texto autobiográfico em quadrinhos Thais Fernanda Rodrigues da Luz Teixeira (2018), Universidade Estadual de Londrina, Londrina-PR	Pesquisa-ação, leitura crítica de novelas gráficas, produção de histórias em quadrinhos autobiográficas, análise temática e formal da obra, debates sobre identidade e memória.
3	<i>Quarto de Despejo</i> : temáticas atemporais para sala de aula Jacinaila Louriana Ferreira (2021) Universidade do Estado de Mato Grosso, Sinop-MT	Leitura compartilhada, escrita de diários pessoais, análise textual, discussão temática, oficinas online, produção de conteúdo em rede social, publicação de livro coletivo.
4	Multiletramentos na EJA: uma proposta de ampliação da competência leitora com a obra <i>Quarto de Despejo</i> , diário de uma favelada de Carolina Maria de Jesus Shirley Ornelas Oliveira (2023), Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão-SE	Rodas de leitura, debates temáticos, releituras artísticas, uso de múltiplos gêneros e mídias (músicas, vídeos, HQs, imagens), produção de diários de leitura, autoavaliação, sequência didática multimodal.

Fonte: a autora (2025).

O quadro apresentado reúne quatro dissertações que utilizaram a obra *Quarto de Despejo* (1960) como eixo central de propostas metodológicas voltadas ao contexto escolar. A

partir das metodologias descritas, observa-se um esforço consistente por parte das pesquisadoras em dialogar com práticas educativas diversas que levaram às produções escritas dos estudantes. As estratégias utilizadas, como leitura compartilhada, produção de textos autorais, releituras criativas, uso de mídias diversas e oficinas temáticas, comprovam a relevância do texto literário como meio de reflexão e transformação social.

A análise das quatro dissertações selecionadas, que trabalham com a obra *Quarto de Despejo* (1960), de Carolina Maria de Jesus, apresentam pontos de convergência significativos, especialmente no uso do gênero diário como recurso pedagógico. A seguir, apresenta-se uma análise a partir de três eixos temáticos: (1) apresentação da autora e da obra aos estudantes; (2) o uso do diário como prática de escrita autoral; e (3) os efeitos da produção escrita dos estudantes para a construção da identidade.

### **5.1 Milena Paixão da Silva (2016)**

A apresentação da autora Carolina Maria de Jesus e sua obra *Quarto de Despejo* constitui o ponto de partida da proposta pedagógica elaborada por Milena Paixão da Silva (2016). Essa etapa inicial, segundo a autora da dissertação, visa não apenas introduzir a literatura afro-brasileira no ambiente escolar, mas também estabelecer uma conexão profunda entre os estudantes e a realidade social representada no texto. O projeto desenvolvido por Silva (2016) enfatiza a importância de mostrar a autora como uma figura que representa resistências e protagonismos, incentivando os estudantes a se reconhecerem no texto.

A proposta foi estruturada de modo a aproximar os participantes do universo literário afro-brasileiro, estimulando tanto a reflexão crítica quanto o envolvimento afetivo com os textos. As atividades buscaram articular leitura, interpretação e produção textual, especialmente por meio da elaboração de diários pessoais inspirados em Carolina Maria de Jesus, o que possibilitou aos alunos expressarem suas próprias vivências e percepções sociais. Dessa forma, o projeto consolidou um percurso formativo que valorizou a leitura literária como prática de empatia, consciência social e autoria.

A análise dos dados apresentados por Silva (2016) revela que as estratégias metodológicas que abordam as atividades realizadas em sala de aula, centradas na escrita de Carolina Maria de Jesus, proporcionaram o desenvolvimento da leitura crítica, da escrita autoral, da reflexão social e étnico-racial e da valorização da literatura afro-brasileira.

Desta forma, Milena Paixão faz uma análise das seguintes etapas da pesquisa: IV – Meu Diário, que aborda a produção de diários com base na obra *Quarto de Despejo*; VIII – Trocando

Experiência, demonstrando a importância da motivação para a escrita na prática; e XI – Memorial *Quarto de Despejo*, abordando o conhecimento adquirido pelos estudantes no incentivo à leitura e escrita.

A partir do trabalho desenvolvido por Milena Paixão, e análise das partes supracitadas, é possível dizer que o projeto alcançou resultados significativos no desenvolvimento da leitura, da escrita e da formação crítica dos alunos. Além de ficar evidente que a produção dos diários reflexivos se destacou como momento de autoria e autoconhecimento, dando aos estudantes a oportunidade de relacionar suas experiências cotidianas às vivências narradas por Carolina Maria de Jesus.

A *Etapa IV – Meu Diário*, realizada em 04 de maio de 2016, teve como objetivos principais conectar a leitura literária, especialmente das obras de Carolina Maria de Jesus, à vida real, estimular o autoconhecimento e a reflexão crítica por meio da produção de diários, possibilitar o reconhecimento de proximidades e diferenças entre sujeitos historicamente distintos e incentivar a prática da escrita autoral e reflexiva (Silva, 2016, p. 79).

O primeiro momento desta etapa consistiu na entrevista com Seu Antônio, trabalhador que vive da coleta de materiais recicláveis. A atividade contou com a presença de educandos de várias turmas, que demonstraram grande curiosidade sobre a vida do convidado. A pesquisadora relata que, durante a entrevista, Seu Antônio contou sobre suas dificuldades e alegrias cotidianas, transmitindo importantes lições de vida, ao mesmo tempo em que se estabeleceram paralelos com a experiência de Carolina Maria de Jesus.

A etapa da entrevista, realizada com o catador de material reciclável, assume um papel simbólico e epistemológico de grande relevância na pesquisa em análise. Esta atividade consistiu em um momento de escuta atenta de sujeitos historicamente marginalizados, cujas trajetórias de vida revelam formas específicas de resistir, existir e narrar o mundo a partir da experiência concreta da exclusão. Esse gesto de escuta encontra forte ressonância na escrita de Carolina Maria de Jesus, que, ao registrar seu cotidiano em cadernos resgatados do lixo, transforma a precariedade em matéria de denúncia e de afirmação de sua subjetividade. Ao narrar suas jornadas, escolaridades, relações familiares e visões sobre o próprio trabalho, na pesquisa da Milena Paixão o entrevistado participou ativamente de um processo de valorização da própria existência e da transformação da linguagem.

A ação de Silva na etapa IV em que entrevista o catador é fundamental para a valorização do trabalho e suas diversas possibilidades. A obra *Carolinas: a nova geração de escritoras negras brasileiras* (2021) que foi produzida a partir da FLUP (Feira Literária das Periferias) no Rio de Janeiro, na Parte 3 - *Escrito em todos os brasis, em todos os tempos do*

*agora*, organizada por Fred Coelho (2021, p. 163-245), e que foi dedicada aos textos escritos por catadoras de papel que ressignificaram o gesto de catar papel a partir da literatura de Carolina Maria de Jesus. Assim como a atividade realizada por Silva (2016) as experiências vividas pelos catadores no trabalho, mesclam-se às suas histórias de vida, trazendo novas perspectivas que podem servir como mote para a escrita.

No segundo momento do trabalho pedagógico, os educandos foram convidados a produzir textos no gênero diário, a partir de uma aproximação sensível com suas próprias vivências. A atividade foi organizada de forma a estimular a escrita autoral e reflexiva, permitindo que os estudantes registrassem, com liberdade, acontecimentos do cotidiano, sentimentos e percepções sobre o ambiente escolar e familiar. Antes da escrita, houve um processo preparatório que incluiu a leitura orientada de fragmentos da obra *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, destacando a força de sua escrita como expressão de denúncia e resistência.

Contudo, a proposta não se limitou à produção dos diários. Outras ações integradas foram desenvolvidas, como a escrita de cartas simbólicas endereçadas ao Colégio Eurípedes Barsanulfo (onde Carolina estudou), possibilitando um diálogo afetivo e histórico com a trajetória da autora. Os estudantes também participaram da organização de um memorial expositivo, o *Memorial Quarto de Despejo*, no qual foram apresentados textos, reflexões e trechos significativos das produções autorais, valorizando publicamente a autoria dos alunos e promovendo a memória coletiva construída ao longo do projeto.

Essas atividades foram todas conduzidas dentro de uma proposta fundamentada na pedagogia de projetos, alinhada a uma perspectiva crítica de educação, e articuladas ao conceito de escrevivência, reafirmando o diário como espaço de afirmação de identidades. Além disso, o uso de mídias digitais, como a criação de um grupo virtual intitulado *Quarto de Despejo*, também fez parte da metodologia, tornando o processo pedagógico mais dinâmico e próximo das práticas culturais dos estudantes.

Conforme descreve Milena Paixão, esses registros não permaneceram apenas no âmbito individual: parte dos textos foi compartilhada em rodas de leitura e escuta entre os colegas, promovendo um espaço de troca e valorização das múltiplas vozes presentes na sala. Essa experiência mostrou-se importante por aproximar os estudantes da linguagem como recurso de expressão e transformação social, resgatando a importância de escrever sobre si e compartilhar experiências. Tal como Carolina escrevia em cadernos encontrados no lixo, ressignificando o descartável e transformando-o em memória coletiva, os educandos também aprenderam a ver suas histórias como dignas de serem narradas e ouvidas.

Desse modo, vale ressaltar que o trabalho de Milena Paixão corrobora para o que é apresentado na subseção 4.2 desta pesquisa de mestrado, que aborda a respeito da literatura caroliniana em sala de aula, a partir das concepções de Geraldi (1991), que evidencia como a produção do diário pelos estudantes revela-se uma prática de valor formativo, especialmente por favorecer a expressão de subjetividades em um espaço escolar que, muitas vezes, silencia experiências individuais. Ao escreverem sobre si, os alunos constroem sentidos sobre sua realidade, assumindo uma postura ativa diante do próprio processo de aprendizagem.

A proposta de Milena Paixão dialoga diretamente com a perspectiva do autor, pois para este, o trabalho com textos na sala de aula deve ultrapassar a função instrumental da língua e se voltar à construção de sentidos e à autoria. Nesse processo interacional da escrita do diário, os alunos passam a ser produtores de discurso, relacionando suas vivências com o mundo que os cerca. Esse tipo de atividade também evidencia o papel da linguagem como prática social, na qual o texto funciona como lugar de identidade, memória e resistência. A experiência da escrita diária, dessa forma, se constitui em um ato político e pedagógico que valoriza o sujeito-aluno em sua singularidade.

Na Etapa IV, Milena Paixão promoveu uma significativa articulação entre teoria e prática ao conectar a leitura literária à realidade dos educandos, favorecendo a construção de uma aprendizagem crítica, reflexiva e identitária. No entanto, ao longo dessa etapa, surgiram diversos desafios, como a limitação de recursos materiais, a necessidade de reorganizar o cronograma inicialmente previsto e a oscilação na participação dos sujeitos. Essas adversidades exigiram que a professora-pesquisadora ajustasse sua abordagem metodológica de forma dinâmica, adaptando-se às condições reais do cotidiano escolar. Essa experiência revelou, na prática, que a rigidez de um planejamento tradicional muitas vezes não contempla as complexidades e imprevistos do ambiente educativo, especialmente quando se trata de contextos marcados por vulnerabilidade social. O enfrentamento desses obstáculos evidenciou que a flexibilidade, seja no tempo, na condução das atividades ou na escuta atenta das demandas dos estudantes, não apenas favorece o andamento do trabalho pedagógico, mas também se configura como elemento essencial para garantir o engajamento e a permanência dos alunos no processo de aprendizagem.

Já a *Etapa VIII – Trocando Experiências*, realizada em 24 de maio de 2016, teve como objetivo principal possibilitar o compartilhamento de práticas de escrita entre os sujeitos da pesquisa e jovens autores participantes do projeto “Dedinho de Prosa”. Embora a presença do convidado originalmente previsto não tenha se concretizado, a situação gerou uma reflexão significativa, pois a mediadora conduziu a etapa dando seguimento ao compartilhamento que

os sujeitos envolvidos já fariam entre si, dialogando sobre suas produções escritas e de que forma esse processo os fez mudarem a forma como se sentiam e se reconheciam em sociedade, e esse momento deixou evidente para Milena Paixão, como ela mesma pontua, sobre a importância de práticas pedagógicas contínuas que motivem os jovens a desenvolverem habilidades de escrita e a reconhecerem o valor de suas produções no contexto social e literário (Silva, 2016, p. 83).

É possível perceber que essa etapa representa um momento significativo de escuta, diálogo e valorização da autoria juvenil. A atividade evidencia a relevância dos espaços pedagógicos que se abrem à oralidade, ao compartilhamento e à legitimação das vivências dos estudantes. Mesmo diante do imprevisto da ausência do convidado, o encontro não se esvaziou, pelo contrário, revelou a força da mediação docente na condução de momentos de troca afetiva e intelectual. A iniciativa de leitura voluntária dos registros anteriores e a disposição da professora-pesquisadora em compartilhar sua própria produção autoral com os estudantes transformaram esse momento em uma ação de reconhecimento mútuo e fortalecimento do protagonismo estudantil. Essa experiência ressoa com a perspectiva da escrita como construção de identidade e participação no mundo, articulando-se com os pressupostos da pedagogia crítica e com a noção de linguagem como prática social. Dessa forma, a criação de espaços de escuta e autoria não apenas incentiva a escrita, mas também reafirma o direito dos sujeitos à palavra e à visibilidade de suas experiências, reforçando o valor social e político do ato de escrever.

A segunda parte da etapa foi dedicada à organização da culminância do projeto, momento em que os alunos transformaram as aprendizagens construídas nas oficinas em produções expositivas e performáticas. Para isso, foram estruturados stands temáticos, cada um com uma função específica. No “Varal de Registro”, os estudantes expuseram trechos selecionados de seus próprios diários, pendurados em barbantes como um varal literário, permitindo que os visitantes lessem suas percepções, relatos e sentimentos gerados a partir da leitura de *Quarto de despejo*. No espaço “Conhecendo Carolina”, eles reuniram informações pesquisadas sobre a vida e a obra de Carolina Maria de Jesus, apresentadas em cartazes, painéis e pequenos textos informativos. No stand “Coleta Seletiva de Palavras”, criaram recipientes semelhantes a lixeiras recicláveis para classificar palavras-chave encontradas na obra e nas discussões em sala, promovendo uma reflexão lúdica sobre linguagem e temática social. Já no eixo “Relações Etnorraciais”, prepararam materiais reflexivos envolvendo preconceito, identidade negra e desigualdades, articulando teoria e vivências pessoais. O espaço do “Teste das Bonecas” propôs a reprodução do experimento de Kenneth e Mamie Clark, articulado com debates sobre autopercepção e racismo internalizado. Em “Palavras Postadas”, os alunos

produziram mensagens curtas em formato de postagens, como se fossem publicadas em redes sociais, comentando a obra e sua importância social. Por fim, no stand “Percurso”, organizaram uma linha do tempo com as etapas realizadas ao longo do projeto, evidenciando seu próprio processo de aprendizagem.

Além dos stands, os estudantes planejaram e apresentaram encenações dramáticas e performances musicais inspiradas em episódios do diário de Carolina e em temas emergentes nos debates do grupo. Todo esse trabalho coletivo não apenas reuniu e materializou os conteúdos estudados, mas também reforçou a colaboração entre os participantes e possibilitou a aplicação prática das reflexões desenvolvidas ao longo das etapas anteriores do projeto (Silva, 2016, p. 90).

Desta forma, a referida etapa destacou-se pela importância da produção textual em gênero diário, pelo incentivo à autoria e reflexão sobre o mercado editorial, e pela motivação dos jovens para a prática da escrita além do ambiente escolar. Mesmo diante de adversidades, a etapa demonstrou que experiências pedagógicas adaptáveis podem fortalecer a autonomia, a criatividade e a valorização da escrita como valiosa forma de expressão e aprendizado crítico.

E por fim, a *Etapa XI – Memorial Quarto de Despejo*, aplicada no dia 25 de maio de 2016, constitui o momento culminante da proposta, reunindo as aprendizagens construídas, os textos produzidos, materiais utilizados, trechos de cartas e registros realizados ao longo da intervenção. Inclui, ainda, a apresentação de um breve monólogo da autora, encenado por uma aluna voluntária, e a exposição organizada pelos participantes no auditório da escola, aberta tanto às demais turmas quanto à comunidade local (Silva, 2016, p. 91).

O que se evidencia nesta etapa é a representação do ápice simbólico e pedagógico da intervenção proposta por Milena Paixão. Essa culminância do projeto revelou-se como espaço de afirmação das vozes dos estudantes, que assumem a autoria de suas aprendizagens e a curadoria de suas experiências. Ao organizarem uma exposição com textos, objetos simbólicos, registros e até performances, como o monólogo inspirado em Carolina Maria de Jesus, os sujeitos da pesquisa não apenas revisitam os caminhos trilhados, mas transformam suas vivências em narrativa compartilhada com a comunidade escolar e local.

Em uma atividade cotidiana de produção de texto em sala de aula, geralmente o professor marca as correções e devolve o texto aos alunos, o que centraliza as falhas na escrita. A exposição dos textos como realizada por Silva (2016), dá um outro sentido à produção escrita, na medida em que ela é compartilhada com o grupo.

Essa dimensão pública do memorial permite compreender a escola como espaço de produção de saberes culturalmente situados, onde a linguagem torna-se prática social viva. A

presença de agentes culturais da comunidade, trançadeiras, grafiteiros, dançarinos, amplia ainda mais essa proposta ao valorizar os repertórios locais e estabelecer pontes entre os saberes escolares e os saberes populares, tão caros ao legado de Carolina.

A Etapa XI destacou-se por consolidar a compreensão sobre relações étnico-raciais, a importância da leitura e da escrita, o fortalecimento da autoestima dos sujeitos educacionais e a aproximação de Carolina Maria de Jesus com a prática pedagógica, garantindo que sua obra literária afro-brasileira permaneça presente no espaço escolar.

Um dos aspectos mais apreciáveis, segundo a pesquisadora Milena Paixão, foi a dedicação dos sujeitos envolvidos ao longo do desenvolvimento do projeto. O esforço empreendido na preparação das atividades e no compartilhamento das aprendizagens demonstrou um engajamento contínuo, que resultou no fortalecimento da consciência crítica e identitária dos participantes. Esse fortalecimento se deu por meio da leitura de *Quarto de Despejo*, que possibilitou aos educandos refletirem sobre suas próprias realidades, reconhecerem suas vozes como legítimas e valorizarem a experiência de narrar o cotidiano. As discussões promovidas a partir da obra de Carolina Maria de Jesus contribuíram para ampliar o entendimento sobre questões sociais, de raça, classe e desigualdade, promovendo um processo de fortalecimento discursivo e social. Além disso, durante as apresentações, Silva (2016) observou o desenvolvimento da segurança e da autonomia dos estudantes, evidenciado pelo entusiasmo e pela autoestima expressos nas interações com os visitantes. A leitura e a escrita foram reafirmadas como práticas centrais de construção de sentido e de intervenção no mundo, tanto na obra de Carolina quanto nas produções dos alunos (Silva, 2016, p. 92).

A partir do estudo da pesquisa científica desenvolvida por Milena Paixão, verificou-se que mediante o trabalho com a literatura afro-brasileira, os participantes desenvolveram consciência crítica, autoestima, autonomia e o reconhecimento da importância da leitura e da escrita, compartilhando suas experiências com a comunidade escolar e reforçando o compromisso de manter a obra de Carolina Maria de Jesus viva na educação.

## **5.2 Thais Fernanda Rodrigues da Luz Teixeira (2018)**

A dissertação de Thais Fernanda Rodrigues da Luz Teixeira (2018) apresenta uma proposta pedagógica desenvolvida com estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental, articulando leitura e análise da obra *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, ao estudo dos gêneros autobiográfico e biográfico, conforme orienta o Currículo do Estado de São Paulo (Teixeira, 2018, p. 128). A investigação estrutura-se em três etapas: elaboração, implementação

e análise dos resultados, e se ancora metodologicamente na pesquisa-ação, mobilizando o diário de aula como recurso central de registro, reflexão e acompanhamento das intervenções realizadas.

Durante o desenvolvimento, segundo apontamentos da pesquisadora, utilizou-se o diário de aula, visando registrar os acontecimentos da intervenção e as atividades dos alunos. Esses registros, juntamente com as práticas em sala de aula, estiveram integrados à metodologia da pesquisa-ação, permitindo acompanhar de forma reflexiva e sistemática o processo educativo e os efeitos das ações desenvolvidas.

Ao utilizar o diário de aula como eixo da prática investigativa, Teixeira dialoga com entendimentos que são fundamentais também na presente pesquisa. Conforme lembra Geraldini (1991), escrever no contexto escolar deve ser antes de tudo um ato significativo, que permita ao sujeito organizar e ressignificar o vivido. O diário cumpre exatamente essa função: instaura um espaço de análise, distanciamento crítico e reflexão sobre a prática pedagógica.

Isso se articula, ainda, ao que propõe Didier (1976) quando compreende o diário como gênero privilegiado para a expressão subjetiva e a construção do sujeito escrevente. Ao ser incorporado à pesquisa-ação, o diário assume uma dupla dimensão: funciona como dispositivo de autoescuta do professor-pesquisador e como mecanismo de compreensão das interações, dificuldades, avanços e sensibilidades manifestadas pelos estudantes ao longo da experiência.

Com base na análise realizada, observa-se que o uso do diário de aula, tal como descrito por Teixeira, excede sua função de registro e se transforma em prática reflexiva que permite ao professor captar nuances das interações dos estudantes com a literatura caroliniana. Esse movimento torna-se especialmente relevante ao se considerar que *Quarto de despejo* (1960) é, uma escrita que emerge de uma experiência racializada, gênero-marcada e socialmente marginalizada. Nesse contexto, as contribuições de Lélia Gonzalez (2020) e Sueli Carneiro (2023), no decorrer das seções anteriores, ampliam o entendimento dessa escolha pedagógica.

Embora Teixeira não dialogue diretamente com essas autoras, a proposta mobiliza dimensões que dialogam com seus pressupostos. Gonzalez (2020) enfatiza que a experiência da mulher negra na sociedade brasileira é construída na intersecção entre racismo, desigualdade social e violência simbólica, elementos que atravessam toda a escrita de Carolina Maria de Jesus. Assim, quando os estudantes analisam o diário caroliniano, eles não apenas lidam com um texto autobiográfico, mas entram em contato com uma narrativa que revela o que Gonzalez identifica como a naturalização do “lugar social” imposto às mulheres negras. Teixeira, ao propor que os estudantes reconheçam na obra as condições históricas e culturais vividas pela autora, amplia o espaço pedagógico para que tais dimensões sejam percebidas.

De forma semelhante, Carneiro (2023) analisa o racismo como mecanismo estrutural que organiza relações sociais e produz exclusões persistentes. Em diálogo com essa perspectiva, as atividades descritas por Teixeira indicam que os estudantes foram capazes de identificar, nos relatos de Carolina, a desigualdade, a fome e o estigma social que estruturam a vida na favela. Quando comentam que a autora “ultrapassa limites” e “refaz o próprio destino” (Teixeira, 2018, p. 210), os estudantes reconhecem um processo de ruptura com o que Carneiro define como os padrões normativos de subalternização, compreendendo a escrita caroliniana como gesto de resistência e afirmação de si.

Desse modo, a leitura realizada da pesquisa de Thais Fernanda reforça que o diário de aula, longe de ser um instrumento burocrático, constitui-se como prática crítica, viva e formativa, possibilitando ao professor captar nuances que escapam à observação imediata e que são fundamentais para compreender a maneira como os alunos se relacionam com a escrita autobiográfica.

No contexto das atividades em sala de aula sobre a escrita de Carolina Maria de Jesus, os alunos participaram de discussões centradas na obra *Quarto de Despejo*, refletindo sobre a trajetória de vida da autora e a importância da autobiografia como registro pessoal e social. As atividades incentivaram a análise das experiências da autora, a identificação de elementos autobiográficos e a compreensão do contexto social da favela em que Carolina viveu, garantindo uma aproximação crítica entre os estudantes e a realidade histórica e cultural da obra (Teixeira, 2018).

Os alunos colocaram que, quando Carolina publicou o seu livro, ela realizou um sonho e conseguiu sair da favela, mesmo que, durante todo esse tempo, ninguém estivesse acreditando nela (*Diário de aula*, 09 de agosto de 2017).

Carolina consegue ultrapassar os seus limites quando publica seu livro e é reconhecida pelo seu talento de escrever. (Sujeito 23. Encontro 01: Uma conversa sobre autobiografia)

Quando ela quebra o estereótipo e publica sua autobiografia, refazendo seu destino, é a hora de superação. (Sujeito 8. Encontro 01: Uma conversa sobre autobiografia) (Teixeira, 2018, p.210)

Durante essas atividades, os alunos expressaram percepções sobre a superação pessoal de Carolina, reconhecendo que a publicação de *Quarto de Despejo* representou a realização de um sonho e a quebra de estereótipos sociais. Conforme aponta Teixeira (2018, p. 210), comentários como os de que “Carolina ultrapassou limites”, “[...] foi reconhecida por seu talento e refazendo seu destino” indicam que os estudantes compreenderam a dimensão simbólica e transformadora da escrita autobiográfica, reconhecendo não apenas a importância literária da obra, mas também o protagonismo da autora em seu contexto social

No contexto das atividades realizadas, os estudantes foram convidados a discutir a obra *Quarto de Despejo* (1960), refletindo sobre a trajetória da autora, suas condições de vida e a força testemunhal da escrita autobiográfica. As análises empreendidas pelos alunos indicam que compreenderam não apenas aspectos estruturais do gênero, mas também a dimensão social e política da obra.

Registros do diário de aula evidenciam percepções como: “*Carolina realizou um sonho e conseguiu sair da favela, mesmo que ninguém acreditasse nela*” (Diário de aula, 09 ago. 2017). “*Ela ultrapassa seus limites quando publica seu livro e é reconhecida pelo talento*” (Sujeito 23). “*Quando rompe o estereótipo e publica sua autobiografia, ela refaz o próprio destino*” (Sujeito 8) (Teixeira, 2018, p. 210).

Ao longo das atividades, os estudantes analisaram trechos de *Quarto de despejo* e compararam situações de injustiça presentes na obra com outras narrativas, como *Persépolis*, identificando invasões de privacidade, violações de direitos e violências estruturais. As observações de Teixeira mostram que essa comparação ajudou os estudantes a problematizarem desigualdades, perceberem o funcionamento de estereótipos e compreenderem que a escrita autobiográfica pode ser instrumento de denúncia, movimento coerente com a noção de racialidade como sistema de poder discutida por Carneiro (2023).

A sondagem oral foi realizada com o objetivo de identificar o conhecimento prévio dos alunos acerca das características, funções e contextos de produção de textos autobiográficos e biográficos. Essa sondagem ocorreu por meio de uma conversa inicial em sala de aula, na qual os docentes propuseram perguntas abertas sobre o que os estudantes entendiam por autobiografia, se já haviam lido ou produzido textos desse gênero e quais autores conheciam (Teixeira, 2018, p. 128). Durante o diálogo, os alunos demonstraram familiaridade com o tema, citando exemplos de obras e reconhecendo aspectos estruturais e temáticos característicos desse tipo de narrativa. Esse retorno positivo apontou que os estudantes tinham um bom domínio conceitual, o que favoreceu a continuidade das atividades de análise e interpretação da obra *Carolina*, de Sirlene Barbosa e João Pinheiro (2016).

À luz de Koch (2018), essa etapa da pesquisa evidencia a importância da ativação de conhecimentos prévios e da interação verbal para a construção conjunta de sentidos. Como a autora enfatiza, a leitura e a escrita não são práticas isoladas, mas atividades discursivas, dependentes das experiências, saberes e práticas socioculturais dos sujeitos. Assim, ao dialogar com os estudantes e reconhecer seus repertórios, Thais Fernanda cria condições para que o trabalho com *Quarto de Despejo* (1960) se torne significativo e ancorado em experiências concretas.

O uso do diário de aula revela-se fundamental como metodologia de reflexão crítica sobre a prática pedagógica, promovendo uma escrita que reinterpreta o vivido. Segundo Geraldi (1991), escrever na escola deve ser um ato significativo e funcional, e, nesse contexto, o diário torna-se um espaço de autoria, no qual o professor organiza, analisa e ressignifica os acontecimentos do cotidiano escolar. Sendo assim, a pesquisa da Thaís Fernanda, que permeia o processo de escrita, permite ao docente perceber nuances que, muitas vezes, escapam à observação imediata, funcionando como um instrumento de distanciamento crítico e de reinvenção da prática.

A partir desta análise da pesquisa realizada por Thaís Fernanda, entende-se que o diário de aula é um instrumento valioso, pois permite ao professor notar detalhes que, muitas vezes, passam despercebidos na rotina escolar. Esse processo de registro e reflexão favorece não apenas o desenvolvimento profissional, mas também a construção de uma prática mais consciente e significativa para os alunos. No entanto, é importante que o uso dos diários não se torne apenas uma exigência burocrática, mas um instrumento vivo, que realmente inspire o educador a repensar e transformar suas ações pedagógicas.

As aulas foram organizadas em três fases: leitura crítica das obras, estudo das características formais do gênero diário e da HQ, e produção final de histórias em quadrinhos autobiográficas, nas quais os estudantes narraram experiências significativas ocorridas no ambiente escolar.

No *Encontro 02 — Caracterizando a autobiografia*, os alunos tiveram contato com a novela gráfica autobiográfica *Adeus tristeza* de Belle Yang (2012) e puderam analisar quais características sinalizam um texto autobiográfico. Destacaram o início da obra, que há o uso da 1ª pessoa nos pronomes pessoais (*eu, nós*), pronomes possessivos (*meu, minha, nossa, nossas*), verbos no pretérito utilizados no decorrer da narrativa (Teixeira, 2018, p. 211).

Verifica-se que, no *Encontro 02 — Caracterizando a autobiografia*, os estudantes realizaram em sala de aula atividades relacionadas à escrita de Carolina Maria de Jesus, tomando como referência *Quarto de Despejo*. O contato inicial com a novela gráfica autobiográfica *Adeus Tristeza* de Belle Yang (2012) permitiu aos estudantes identificarem características essenciais de textos autobiográficos, como o uso da 1ª pessoa, pronomes possessivos e verbos no pretérito, habilidades que foram posteriormente aplicadas na análise da obra de Carolina. Essas atividades favoreceram a compreensão da narrativa autobiográfica e proporcionaram recursos para que os alunos relacionassem aspectos formais da escrita à dimensão social e histórica presente em *Quarto de Despejo* (Teixeira, 2018, p. 211).

A atividade tem importância formativa, pois materializa aquilo que Geraldi (1991) e Koch (2018) defendem: a escrita precisa ser compreendida como prática discursiva situada. Ao analisar textos reais, os estudantes identificam formas linguísticas associadas a finalidades comunicativas e compreendem como essas escolhas constroem sentidos autobiográficos, um processo essencial para a formação de escritores competentes e conscientes.

Já em relação às atividades em sala de aula sobre a escrita caroliniana, conforme aponta Teixeira (2018), os estudantes se engajaram na análise crítica de *Quarto de Despejo*, identificando elementos que revelaram desigualdades sociais, racismo e fome no contexto da favela. A professora-pesquisadora promoveu discussões que levaram os estudantes a perceberem como a autobiografia de Carolina reflete o sofrimento humano e as barreiras sociais enfrentadas, incentivando a empatia e a compreensão da literatura como meio de reflexão sobre problemas sociais.

Verifica-se que, para os alunos, é muito cruel a invasão feita no universo do Outro, principalmente quando as “identidades diferentes” fogem ao “padrão social” e são evidenciadas pejorativamente. Tal atitude de defensiva, de “comprar a briga do outro”, já havia sido notada pela professora-pesquisadora na obra *Carolina*, quando eles demonstraram empatia pelo sofrimento da escritora e assumiram para si a problematização do racismo, da fome, especialmente as desigualdades sociais, que tendem a ser comparadas com a capacidade intelectual do sujeito e não é colocada a igualdade de oportunidades como uma possível solução. Mas, enfatiza-se, na sociedade, o “jogo da meritocracia”. Em *Persépolis*, a invasão se dava com a guerra, os sujeitos perdiam o domínio de suas escolhas e passavam a seguir as predisposições da Revolução Cultural (Islâmica) (Teixeira, 2018, p. 219).

Ao analisar o recorte acima, conclui-se que as atividades desenvolvidas proporcionaram aos estudantes sensibilidade e postura crítica, comparando situações de injustiça presentes na obra de Carolina com outras experiências narradas em textos estudados, como *Persépolis*. Com o reconhecimento da invasão de espaços privados e as limitações impostas a indivíduos marginalizados, os estudantes assumiram a problematização de desigualdades e refletiram sobre a construção social de estereótipos, percebendo como a escrita de Carolina Maria de Jesus permite discutir racismo, fome e exclusão de forma concreta e humana.

O trabalho abordou, ainda, uma reflexão sobre as concepções de autobiografia e biografia a partir da leitura e análise de diferentes obras que exploram experiências pessoais e relatos de vida sob variadas perspectivas culturais e sociais. Como gênero-âncora, utilizou-se *Persépolis*, de Marjane Satrapi (2007), uma narrativa em quadrinhos autobiográfica que apresenta a infância e juventude da autora durante e após a Revolução Islâmica no Irã. A obra se destaca pela forma como combina memória pessoal e contexto histórico, mostrando como as

vivências individuais são atravessadas por transformações políticas e sociais (Teixeira, 2018, p. 219).

A dissertação de Thais Fernanda defende que a prática da escrita diarística possibilita aos estudantes abordarem uma variedade de temas relacionados à sua vida pessoal, como sonhos, medos, dificuldades, bem como aspectos do cotidiano escolar e familiar. Segundo a pesquisadora, esse exercício amplia a percepção que os alunos têm de si mesmos e do ambiente em que vivem, favorecendo uma compreensão mais complexa dessas experiências. A autora também argumenta que o diário atua como uma ponte entre a vivência individual e a coletiva, além de preparar os estudantes para a produção de HQs autobiográficas, nas quais a dimensão visual se articula ao texto escrito, enriquecendo-o (Teixeira, 2018, p. 221).

Ao enfatizar o caráter formativo e expressivo da escrita diarística, a autora reforça aspectos que Geraldi (1991) e Didier (1976) já apontam: o diário como espaço de subjetividade, de experimentação da linguagem e de construção do sujeito escrevente. Assim, minha leitura é de que a análise de Teixeira corrobora a compreensão de que o gênero diário, quando trabalhado pedagogicamente, não apenas desenvolve a escrita, mas também favorece processos de reflexão, autoria e consciência de si, elementos fundamentais para que os estudantes avancem posteriormente na criação das HQs autobiográficas.

As observações de Teixeira corroboram a compreensão de que o trabalho com o gênero diário em sala de aula desenvolve a capacidade de expressão e reflexão; favorece a construção da autoria; amplia a consciência do estudante sobre sua experiência; prepara o terreno para outras produções textuais, como as HQs autobiográficas.

Desta forma, os estudantes expressaram sentimentos, conflitos e conquistas por meio das HQs, utilizando elementos gráficos para enriquecer suas narrativas. A atividade originou uma experiência imersiva e significativa, promovendo reflexão sobre identidade, memória e pertencimento. Ademais, revelou como os estudantes se percebem e desejam ser percebidos, a partir de símbolos visuais, como roupas, expressões e elementos de status.

A sistematização das produções possibilitou identificar tendências e singularidades nas narrativas. A proposta metodológica reforçou a escuta ativa e a valorização da subjetividade, promovendo uma prática de ensino que reconhece os estudantes como autores e sujeitos de sua própria história. A partir da análise da dissertação de Thais Fernanda Teixeira, observa-se que sua proposta articula leitura, discussão e produção textual de forma integrada; reconhece o gênero diário como instrumento de formação crítica; mobiliza a escrita autobiográfica para reflexão sobre questões sociais; fomenta autoria, identidade e expressão subjetiva. Assim, a pesquisa de Teixeira mostra que trabalhar com o gênero diário, tanto no diário de aula quanto

na escrita dos estudantes, amplia o potencial pedagógico da escrita, tornando-a prática significativa, reflexiva e socialmente situada.

### **5.3 Jacinaila Louriana Ferreira (2021)**

Na proposta pedagógica de Jacinaila Louriana Ferreira (2021), a apresentação da obra e da trajetória de Carolina Maria de Jesus foi fundamental para criar um elo entre os estudantes e uma realidade social muitas vezes invisibilizada.

A estratégia metodológica utilizada pela pesquisadora foi desenvolvida com a turma do 9º ano do período matutino da Escola Estadual Professora Zeni Vieira, composta por 30 alunos. A escola atende estudantes do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, em sua maioria residentes em bairros, comunidades e sítios distantes, o que torna o uso do transporte escolar uma necessidade cotidiana. Desta forma, as ações metodológicas foram planejadas de modo a promover a participação ativa dos alunos, valorizando suas realidades e experiências, além de possibilitar uma aprendizagem significativa por meio de atividades dinâmicas, colaborativas e contextualizadas com o cotidiano dos estudantes.

Ao contextualizar a vida e o tempo de Carolina, buscou-se enfatizar como sua escrita nasce da experiência, da dor e da coragem, convidando os estudantes a refletirem sobre as condições sociais que ainda hoje afetam tantos jovens e crianças. Neste processo apresentado, Carolina deixou de ser uma figura distante para se tornar um ponto de identificação e inspiração, aproximando-se da vivência dos discentes. Essa conexão fez com que o ensino da literatura ganhasse sentido e relevância para eles, que passaram a enxergar a leitura como uma forma de reconhecimento, fortalecimento e transformação social (Ferreira, 2021, p. 8). A metodologia utilizada reforça a importância da literatura autobiográfica como estratégia pedagógica, especialmente quando associada ao trabalho com o gênero diário. Aqui, o diálogo ocorre diretamente com Didier (1976), para quem o diário é uma forma de escrita que emerge da intimidade e do testemunho do cotidiano, possibilitando ao sujeito organizar e atribuir sentido às próprias experiências. Ao trazer Carolina como modelo de escrita de si, Ferreira cria um terreno fértil para que os alunos também reconheçam o valor de suas narrativas pessoais.

Essa estratégia se alinha às discussões de Lélia Gonzalez (2020), para quem a experiência da mulher negra no Brasil é atravessada por estruturas de racialização que constroem lugares sociais subalternizados. A leitura mediada da obra, conduzida por Ferreira, possibilita que os estudantes percebam que a escrita de Carolina não é apenas autobiográfica,

mas articula resistência e afirmação identitária, elementos que, conforme Gonzalez, desestabilizam a narrativa hegemônica que historicamente silencia a voz da mulher negra.

Da mesma forma, ao promover debates sobre desigualdade, fome, exclusão e racismo, a proposta dialoga com as reflexões de Sueli Carneiro (2023), que compreende o racismo como dispositivo estrutural de poder. Ao identificarem nos relatos de Carolina situações de injustiça ainda presentes na sociedade contemporânea, os estudantes desenvolvem a percepção crítica de que a literatura pode evidenciar mecanismos de opressão e, simultaneamente, abrir caminhos para uma leitura social transformadora.

De acordo com Ferreira (2021), na estratégia metodológica utilizada

Propõe-se oficinas literárias on-line com a participação de pesquisadores de Carolina Maria de Jesus, e divide-se de acordo com os pressupostos de Solé (1998) com as estratégias de leitura: antes, durante e depois da leitura, não se trata de um modelo rígido, mas de passos direcionadores dessa pesquisa e a proposta a ser executada em sala de aula a partir da leitura da obra aqui já referenciada, porém com diferenciações diante de um modelo idealizado pelos propositores do trabalho como consequência do momento de pandemia, apresenta-se neste capítulo o trabalho desenvolvido antes da leitura (Ferreira, 2021, p. 14).

Sendo assim, na proposta acima, o planejamento das aulas valorizou a apresentação contextualizada da autora e da obra, com ênfase na ligação entre literatura e realidade social dos estudantes. Essa estrutura de leitura interativa converge com o que Koch (2018) defende ao compreender o texto como um espaço de interação e construção de sentidos que se realiza coletivamente. Assim, o trabalho de Ferreira não reduz a leitura a um processo mecânico, mas a um ato sociocognitivo que envolve inferências, escuta e compartilhamento, fatores que fortalecem a formação de leitores críticos.

As aulas foram organizadas a partir da leitura crítica da obra, com ênfase nas temáticas transversais, como racismo estrutural, desigualdade, cidadania e direitos humanos. As discussões em sala propiciaram uma leitura dialógica, em que os estudantes foram incentivados a relacionar as experiências narradas por Carolina com suas próprias vivências e com a realidade atual.

As discussões sobre *Quarto de despejo* (1960) prepararam os estudantes para atividades práticas de escrita, como diários e registros autorais, aproximando-os da perspectiva autobiográfica de Carolina e da função social de sua escrita (Ferreira, 2021). Assim,

A partir da fala da pesquisadora e do posicionamento dos alunos, que ainda estavam lendo a obra *Quarto de despejo*, observou-se por meio das atitudes o quanto o diálogo estabelecido durante a aula foi motivador, dado que os alunos escritores demonstraram a partir de então, ainda mais interesse na leitura e participação nas

atividades que se seguiram por meio das temáticas atemporais apresentadas no livro (Ferreira, 2021, p.51).

O recorte em destaque aborda de forma significativa, o papel do diálogo como elemento essencial no processo de ensino e aprendizagem, especialmente quando se trata da leitura de uma obra tão valiosa quanto *Quarto de Despejo*. A observação de que os alunos demonstraram maior interesse e envolvimento após o debate comprova que a mediação da professora-pesquisadora foi capaz de transformar a leitura em uma experiência compartilhada e significativa. Essa interação dialógica rompe com a ideia tradicional de leitura como ato solitário e reforça a importância da escuta, da troca e da construção coletiva do conhecimento.

Durante o processo de leitura, Ferreira (2021, p. 51) observa que os estudantes demonstraram crescente interesse pela obra e maior engajamento nas atividades propostas. Isso se deu principalmente pela força das temáticas atemporais presentes na escrita de Carolina, que despertaram identificações e reflexões profundas. Tal envolvimento reforça a ideia de que o diálogo, elemento central apontado pela pesquisadora é fundamental para o desenvolvimento de posturas leitoras críticas. Em consonância com Galdi (1991), a aula deixa de ser um espaço de transmissão unilateral para se tornar um espaço de construção coletiva e partilhada de sentidos.

A partir do diálogo estabelecido em sala de aula e das orientações da pesquisadora, os alunos expressaram significativo interesse pela leitura e participação nas atividades. O envolvimento com as temáticas atemporais de *Quarto de Despejo* estimulou os estudantes a produzirem registros escritos mais engajados e reflexivos, evidenciando que a obra de Carolina Maria de Jesus tanto despertou a atenção para a leitura literária quanto serviu como modelo de escrita autoral e crítica social, incentivando a produção de textos que dialogassem com suas próprias experiências e percepções (Ferreira, 2021).

Todos os alunos, conforme combinado em aula on-line, deveriam ter um diário de leitura, físico ou virtual, no qual anotariam, assim como no diário de Carolina Maria de Jesus, as suas vivências, seu cotidiano, bem como suas impressões durante a leitura, das aulas e produções, pois a partir desse momento seriam eles os autores de suas próprias histórias. O processo de produção dos diários escritos aconteceu mediado pelas orientações da professora-pesquisadora via aplicativos de conversa como uma forma de trabalhar o registro como parte fundamental do aprendizado e leitura mediada pela revisão e refação textual (Ferreira, 2021, p. 43).

Analisando a proposta dos diários de leitura, tornou-se possível uma melhor percepção de uma prática pedagógica inovadora e humanizadora, que valoriza a escrita como processo e instrumento de reflexão. Ao convidar os alunos a se tornarem autores de suas próprias histórias, o trabalho promove o desenvolvimento da competência textual e o fortalecimento da identidade

e da autoestima dos participantes. Sendo assim, essa atividade ultrapassa o campo da leitura e da escrita, configurando-se como um espaço de emancipação, onde o ato de escrever se transforma em resistência, expressão e autoconhecimento, valores que dialogam diretamente com o legado de Carolina Maria de Jesus.

A implementação dos diários de leitura, físicos ou virtuais, viabilizam que os alunos se tornassem autores de suas próprias histórias, registrando suas vivências, impressões sobre a leitura de *Quarto de Despejo* (1960) e reflexões das aulas. Mediado pela professora-pesquisadora, o processo de escrita incentivou a revisão e a reformulação textual, consolidando a compreensão da escrita como prática crítica e autoral, similar à experiência de Carolina Maria de Jesus, que transformou seu cotidiano em narrativa literária, e fortalecendo habilidades de registro, reflexão e produção textual entre os estudantes (Ferreira, 2021, p. 43).

Esse procedimento, mediado por orientações via aplicativos de conversa, buscava trabalhar a escrita como parte do processo de aprendizagem, vinculando leitura, registro, revisão e refacção textual. À luz de Didier (1976), essa prática reafirma o diário como um gênero que acolhe a subjetividade e a espontaneidade do escrevente, sendo espaço formativo privilegiado para a construção da autoria. Ao mesmo tempo, a ênfase na revisão e na reformulação textual articula-se ao que Geraldini (1991) aponta como central no processo de escrita: a reconstrução contínua da linguagem, na qual o sujeito reelabora pensamentos e compreensões.

Avaliando a proposta de produção dos diários de leitura, nota-se uma estratégia de extrema importância e formativa, pois inseriu os alunos em uma posição ativa diante do processo de aprendizagem, aproximando-os da experiência vivida por Carolina Maria de Jesus. Nessa direção, a partir do momento que escrevem sobre o próprio cotidiano, sentimentos e percepções durante a leitura, estes estudantes compreendem, na prática, o valor da escrita como instrumento de expressão e registro da realidade. Essa atividade também promoveu o desenvolvimento da autonomia e da autoria, estimulando a reflexão crítica sobre si mesmos e sobre o contexto social em que vivem.

Nesse sentido, a proposta de produção dos diários permite perceber uma prática pedagógica humanizadora, que coloca o aluno na posição de autor e sujeito de sua própria história. No contexto das atividades em sala de aula, os alunos foram apresentados à obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (1960), de Carolina Maria de Jesus, como exemplo de escrita autobiográfica que reflete experiências de vida marcadas por desigualdade social, racismo e pobreza. As discussões mediadas pela professora deram aos estudantes a compreensão da relevância social e literária do texto, incentivando a leitura crítica e a

identificação de elementos da narrativa que pudessem inspirar suas próprias produções escritas, aproximando-os da experiência autoral da escritora (Ferreira, 2021).

A obra *Quarto despejo: Diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, é um retrato de temas que nunca deixaram e ser atuais, por isso trazemos um recorte de algumas que se sobressaltam durante a leitura e citamos partes da obra, pois é a partir de construções atemporais que se realizou o trabalho do diário de leitura por meio de imagens e legendas (Ferreira, 2021, p. 141).

Avaliando o excerto acima, salienta-se a relevância atemporal da obra de Carolina Maria de Jesus, bem como a importância de sua leitura no contexto educacional contemporâneo. A contextualização de que os temas abordados “nunca deixaram de ser atuais” se mostram especialmente significativa, pois evidencia como as reflexões de Carolina, sobre pobreza, desigualdade social, fome, racismo e exclusão, continuam ressoando na realidade brasileira, revelando um país que ainda enfrenta desafios semelhantes aos retratados na década de 1950.

Sendo assim, percebe-se que, ao relacionar o texto de Carolina às próprias vivências e percepções dos estudantes, o trabalho contribui para a formação de leitores críticos e cidadãos mais conscientes de seu papel na sociedade. Trata-se, portanto, de uma metodologia que valoriza a literatura como instrumento de reflexão e transformação pessoal e coletiva.

Durante as atividades em sala de aula sobre a escrita de Carolina Maria de Jesus, os estudantes foram incentivados a ler e refletir sobre o diário caroliniano, analisando como a autora transformou seu cotidiano de dificuldades em narrativa literária. As discussões abordaram a pobreza relatada, a força, a determinação e a esperança presentes no texto, permitindo que os estudantes percebessem a literatura como instrumento de expressão pessoal e social e como modelo de escrita autoral que dialoga com experiências humanas universais (Ferreira, 2021, p. 148).

Segundo ainda Ferreira (2021), destaca-se que *Quarto de despejo* (1960) transcende a descrição da pobreza ao revelar a valorização literária e humana de Carolina Maria de Jesus. Sua escrita mobiliza leitores, inspira novas possibilidades e transforma vulnerabilidade em resistência, esperança e reconstrução de sonhos, reafirmando o valor subjetivo e social de sua voz (Ferreira, 2021, p.148).

Analisando o recorte anterior, verificou-se uma percepção de forma muito sensível o impacto transformador que a leitura de *Quarto de Despejo* exerceu sobre os alunos quando associada a práticas de escrita autoral e reflexiva. A proposta de inspiração aos estudantes na produção de seus próprios diários, a partir da escrita de Carolina Maria de Jesus, revelou-se uma estratégia pedagógica valiosa, pois transforma a leitura em um ato de identificação e

criação. Ao registrarem seus sonhos, vivências e percepções, os alunos não apenas compreendem a força literária da autora, mas também percebem a escrita como um espaço de liberdade, resistência e autoconhecimento.

A leitura e as atividades de análise e registro realizadas em sala de aula possibilitaram que os estudantes se engajassem em produções autorais inspiradas na escrita de Carolina. Por meio de diários e registros reflexivos, os estudantes expressaram seus sonhos, vivências e percepções, reconhecendo que a literatura pode revelar força e esperança mesmo em contextos adversos. Essa prática denotou que a obra de Carolina Maria de Jesus vai além do retrato da pobreza, oferecendo aos alunos uma experiência de leitura crítica e autoral que estimula a reflexão sobre superação, criatividade e expressão pessoal (Ferreira, 2021, p.148).

Sendo assim, sob o ponto de vista crítico, o texto ressalta um aspecto fundamental: a literatura de Carolina Maria de Jesus transcende o relato da pobreza para se tornar um testemunho de dignidade e humanidade. Essa leitura mediada e reflexiva faz com que os estudantes reconheçam que, mesmo diante da adversidade, a palavra escrita pode ser um instrumento de superação e esperança. Com esta análise, assume-se que essa prática pedagógica reafirma o papel social e formativo da literatura, visto que ela desperta consciência, empatia e senso de autoria. Assim, o trabalho com *Quarto de Despejo* (1960) vai além da interpretação textual, configurando-se como uma experiência de vida, arte e transformação.

Nas atividades em sala de aula sobre a escrita de Carolina Maria de Jesus, os estudantes foram incentivados a assumir o papel de protagonistas da própria aprendizagem. Por meio da leitura de *Quarto de Despejo* (1960) e das discussões mediadas pela professora, os estudantes puderam refletir sobre os desafios enfrentados pela autora, reconhecendo o valor de sua escrita como forma de expressão pessoal e social. As atividades oportunizaram que os alunos se envolvessem ativamente, produzindo registros, diários e análises críticas que aproximaram suas vivências da experiência literária de Carolina (Ferreira, 2021). Dessa maneira,

Trabalhar Carolina é como despertar de um sono, concretização de sonhos e reinício de histórias que precisam ser contadas, mudadas, superadas e principalmente reinventadas pelos jovens. É importante ressaltar que Carolina não é escritora somente do diário ou um livro só. Ela é uma escritora múltipla que nos deixou um legado inspirador, poemas, romances, crônicas, peças teatrais, músicas e provérbios. Acompanhamos em cada parágrafo dessa conclusão contínua de um ciclo sem fim, depoimentos dos alunos após a leitura de *Quarto de despejo*, considerando que sem eles esse trabalho nunca seria possível. Colocar o aluno no centro da aprendizagem, como protagonista desta ação, é também ceder a ele, o espaço e todos os méritos de realização, sem motivos, motivAÇÃO, nunca existirá (Ferreira, 2021, p. 159).

Analisando o texto acima, verificou-se a importância de uma reflexão mais profunda e inspiradora sobre o papel de Carolina Maria de Jesus na formação leitora e humana dos estudantes. Conforme observa Ferreira (2021), a produção de Carolina vai muito além do livro *Quarto de despejo* (1960) e esta informação é fundamental para ser passada aos estudantes, pois leva aos alunos a perspectiva múltipla da autora.

Os depoimentos dos estudantes evidenciam o impacto ampliado, sendo que muitos afirmam que conhecer Carolina transformou sua forma de ler e de olhar o mundo, pois perceberam que a autora não escrevia apenas sobre dificuldades, mas também sobre sonhos, resistência e possibilidades. Outros relatam que se sentiram tocados pela sinceridade de seus registros e passaram a valorizar mais suas próprias experiências, entendendo-as como dignas de narrativa. Há ainda aqueles que reconhecem em Carolina um exemplo de coragem e autenticidade, alguém que, mesmo enfrentando a marginalização, encontrou na escrita um caminho de expressão e liberdade.

Sendo assim, considerou-se extremamente relevante a ênfase dada ao protagonismo estudantil. Ao colocar o aluno no centro do processo de aprendizagem, o trabalho promove a autonomia, a autoria e a motivação, abordados como aspectos fundamentais para uma educação transformadora. A ideia de que “sem motivos, motivaÇÃO, nunca existirá” sintetiza de forma poética a essência da prática pedagógica proposta: aprender com envolvimento, significado e emoção. Dessa forma, o texto celebra não apenas Carolina Maria de Jesus, mas também os estudantes que, inspirados por ela, se tornam autores de suas próprias histórias.

Ao trabalhar em sala de aula a escrita caroliniana, os estudantes participaram ativamente de atividades que integraram leitura, reflexão e produção textual. O estudo de *Quarto de Despejo* (1960) permitiu que eles compreendessem a obra como um registro de resistência, criatividade e subjetividade. As discussões e exercícios propostos mostraram que os estudantes conseguiam relacionar os temas do livro às suas próprias experiências e contextos, exercitando empatia, senso crítico e interpretação literária (Ferreira, 2021, p. 159).

Foi possível verificar que nas atividades em sala de aula sobre a escrita de Carolina Maria de Jesus, os alunos demonstram motivação para assumir o papel de protagonistas da própria aprendizagem. Percebe-se, ainda, que mediante a leitura de *Quarto de Despejo* e das discussões mediadas pela professora, os estudantes puderam refletir sobre os desafios enfrentados pela autora, reconhecendo a relevância de sua escrita como forma de expressão pessoal e social. As atividades fizeram com que os alunos se envolvessem ativamente, produzindo registros, diários e análises críticas que aproximaram suas vivências da experiência literária de Carolina.

#### 5.4 Shirley Ornelas Oliveira (2023)

Na proposta metodológica de Shirley Ornelas Oliveira (2023), a apresentação de Carolina Maria de Jesus e sua obra *Quarto de Despejo*: diário de uma favelada foi um momento crucial para estabelecer conexão entre os estudantes da EJA e a literatura. Apresentar Carolina como uma escritora negra, mulher e mãe solo, que escreveu sua experiência de vida em um contexto de pobreza extrema, abriu caminhos para que os estudantes se reconhecessem em suas vivências e compreendessem a importância da literatura como instrumento de resistência social.

A composição da turma de estudantes observada por Oliveira (2023) em sua estratégia metodológica pertenceu à *ETAPA V - Tempo Formativo*, caracterizada por elementos singulares e relevantes para o processo de ensino e aprendizagem. Segundo a autora, o trabalho foi desenvolvido com um grupo heterogêneo, composto por 31 alunos com idades entre 18 e 45 anos, o que evidencia uma diversidade de trajetórias de vida, experiências e motivações.

A partir desses dados apresentados pela pesquisadora, entende-se que essa pluralidade, longe de configurar um obstáculo, constitui uma oportunidade valiosa para o trabalho pedagógico, uma vez que possibilita trocas intergeracionais e favorece reflexões mais amplas sobre os temas discutidos em sala.

Observa-se que a escolha por trabalhar com *Quarto de Despejo* (1960) dialoga de forma profunda com as reflexões de Lélia Gonzalez (2020) sobre a constituição da experiência negra no Brasil. Gonzalez ressalta que o cotidiano das mulheres negras é estruturado por relações de racialidade e desigualdade que, historicamente, silenciam suas narrativas. Ao apresentar Carolina aos estudantes da EJA, Oliveira cria um espaço no qual essas narrativas marginalizadas ganham centralidade, permitindo que diferentes sujeitos, trabalhadores informais, mulheres, jovens e idosos, encontrem na literatura um espelho de suas próprias vivências.

Essa leitura se aproxima também das considerações de Sueli Carneiro (2023), para quem o racismo opera como um dispositivo estruturante da sociedade brasileira. A análise crítica conduzida em sala de aula, ao abordar temáticas como fome, moradia, desigualdade e violência, possibilita que os estudantes identifiquem a permanência dessas estruturas e compreendam a escrita de Carolina como um gesto político de confrontação ao racismo estrutural. Assim, a literatura adquire, no trabalho de Oliveira, um caráter emancipatório, capaz de desnaturalizar desigualdades e promover consciência social.

A estratégia metodológica adotada consistiu na construção de um material didático voltado para a EJA, com base na obra *Quarto de Despejo*. O planejamento das aulas priorizou

a seleção de temáticas como desigualdade social, racismo, fome, moradia e autonomia feminina, que dialogam diretamente com as vivências dos estudantes. As atividades foram organizadas de modo a despertar o interesse pela leitura, favorecendo a identificação com a autora e a construção de sentidos entre o texto e a realidade dos estudantes. A proposta buscou, assim, ampliar a competência leitora por meio de reflexões críticas sobre o contexto social e político retratado na obra (Oliveira, 2023 p. 33).

Na proposta metodológica de Oliveira (2023), os sujeitos da pesquisa tinham como características:

Os alunos matriculados nas turmas da EJA, na sua maioria, são trabalhadores rurais, do setor secundário (olarias, cerâmicas...), trabalham no comércio local e outros são autônomos (pedreiros, faxineiras domésticas, encanadores, vendedores ambulantes, feirantes, vigias de rua, entre outros), donas de casa e jovens buscando espaço no mercado de trabalho, adultos e idosos (senhores e senhoras) que retomaram seus estudos) (Oliveira, 2023, p. 27).

O contexto apresentado evidencia que o perfil dos estudantes da EJA é marcado pela diversidade e pela presença de trabalhadores de diferentes setores, que conciliam estudo e trabalho. Essa heterogeneidade revela a necessidade de práticas pedagógicas flexíveis e contextualizadas, que valorizem as experiências de vida e favoreçam a inclusão e a continuidade da formação educacional. Nesse ponto, compreende-se que a obra de Carolina Maria de Jesus oferece uma chave importante para pensar esse cenário, pois sua escrita mobiliza vozes de diferentes grupos sociais, moradores da favela, trabalhadores informais, mulheres negras, mães solas, integrando experiências plurais que, muitas vezes, permanecem silenciadas. Ao transformar essas vivências em narrativa, Carolina legitima saberes populares e convoca sujeitos de diferentes trajetórias a reconhecerem-se como produtores de conhecimento. Assim, sua obra inspira práticas pedagógicas que acolhem a multiplicidade de histórias presentes na EJA e encorajam os estudantes a escreverem a partir de seus próprios contextos.

Sendo assim, a proposta de Oliveira (2023, p. 34) se organizou a partir de uma sequência didática expandida, inspirada em Cosson (2021, p. 76), estruturada nas seguintes etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação, contextualização e expansão. O planejamento foi cuidadosamente elaborado para que os educandos se sentissem representados e respeitados em suas experiências de vida.

Explorar em sala de aula a obra *Quarto de Despejo* (1960), deu aos estudantes a chance de participar de atividades que integraram leitura, produção textual e análise crítica, aproximando-se do cotidiano da autora e dos contextos sociais retratados no livro. Por meio de debates, discussões em grupo e registros em diários, os estudantes puderam relacionar os relatos

de Carolina Maria de Jesus às suas próprias experiências, desenvolvendo empatia, consciência social e reflexão sobre desigualdades e preconceitos. Essa prática destacou o papel da literatura como instrumento de aprendizagem ativa, permitindo que os alunos se tornassem protagonistas de suas leituras e interpretações (Oliveira, 2023). Assim sendo,

[...] a obra literária *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, pode ser uma excelente ferramenta para a utilização da pedagogia do multiletramento e a ampliação da competência leitora dos alunos da educação de jovens e adultos ao nos permitir utilizar uma diversificação de textos como poemas, vídeos e imagens que tratem dos temas presentes na obra, promover uma participação ativa dos alunos em discussões em grupo, debates para pontuar diferentes aspectos da obra, como a vida da autora, o contexto histórico e social da obra e as questões políticas presentes no livro. Além disso, podemos conduzir o aluno desenvolver uma compreensão crítica da leitura, incentivando-os a analisar a obra de forma crítica, questionando os estereótipos e preconceitos presentes na sociedade e refletindo sobre as formas de luta e resistência (Oliveira, 2023, p.33).

Conforme o recorte acima, a proposta apresentada demonstrou uma grande pertinência pedagógica, reconhecendo a relevância da obra de Carolina Maria de Jesus como meio de diálogo entre literatura, sociedade e identidade. O uso da pedagogia dos multiletramentos é especialmente pertinente na EJA, por permitir o acesso a diferentes linguagens visuais, digitais e verbais, respeitando a diversidade das subjetividades que compõem estas turmas. Portanto, entende-se que essa abordagem torna o processo educativo mais inclusivo e dinâmico, respeitando os ritmos e saberes dos alunos, ao mesmo tempo em que estimula o senso crítico e a consciência social.

O trabalho com a literatura na EJA exige sensibilidade e criatividade por parte do educador, especialmente ao considerar o perfil diversificado dos alunos e suas experiências de vida. Nesse cenário, é essencial selecionar obras que dialoguem com a realidade social dos estudantes e possibilitem múltiplas formas de leitura e expressão. Entre esses estudantes, destaca-se a presença de sujeitos mais velhos, que carregam trajetórias marcadas por múltiplos saberes, práticas culturais, memórias de trabalho, desafios enfrentados e histórias familiares que, muitas vezes, não encontram espaço em contextos escolares tradicionais. Esses percursos acumulados ao longo da vida constituem um repertório rico, que pode e deve ser mobilizado como material de escrita e ponto de partida para práticas de letramento que valorizem a voz do aluno.

Nesse processo de ensino-aprendizagem, torna-se essencial selecionar obras que dialoguem com a realidade social dos estudantes e que permitam leituras plurais e identificações possíveis. Quando a literatura acessa temas próximos ao cotidiano desses adultos, ela não só favorece a compreensão e o engajamento, mas também abre caminhos para que os alunos

reconheçam a legitimidade de suas próprias vivências como conteúdo escolar. Assim, a mediação literária ganha força ao incentivar que esses sujeitos transformem suas experiências em narrativas, produzam registros de si e exercitem o olhar crítico sobre o mundo que habitam.

A mediação literária realizada por Oliveira enfatizou a leitura crítica e a construção de sentidos, permitindo que os estudantes relacionassem as experiências narradas por Carolina às suas próprias trajetórias. Os debates sobre racismo, desigualdade e resistência, estruturados em torno da palavra de uma mulher negra periférica, ecoam diretamente a noção de “voz insurgente” analisada por Carneiro (2023), evidenciando que a literatura pode funcionar como espaço de contestação e reivindicação de humanidade.

Para a introdução do tema, a autora utilizou recursos variados para a apresentação contextualizada da obra e da autora, conforme descrição abaixo:

[...] imagens variadas que representam temas abordados no livro *Quarto de Despejo*. Para introduzir o conceito sobre tema, solicitaremos que os alunos digam os temas abordados nas imagens. Logo em seguida, daremos início a introdução, os alunos serão divididos em grupos e farão a relação das imagens com trechos do diário. Após isso, será apresentada uma pequena biografia sobre a autora, o contexto histórico e social do livro, e a partir daí solicitaremos que levantem hipóteses sobre o que será trabalho e apresentaremos a proposta do trabalho. Os alunos deverão fazer a leitura do livro dividido em momentos: na sala de aula e em momentos extraclasse. A cada leitura, eles deverão fazer registros num diário de leitura que estará organizado para essa finalidade, onde deverão anotar as impressões, observações, comentários e dúvidas acerca da leitura feita (Oliveira, 2023, p. 35).

A sequência didática da pesquisadora integra leitura, reflexão e produção, estimulando a participação ativa dos alunos. O uso de imagens, trabalho em grupo e registros em diário torna o aprendizado mais dinâmico, significativo e conectado à realidade dos estudantes que, neste caso, mobilizam conhecimentos prévios para estabelecer relação com a leitura realizada na escola e em casa. Dessa forma, a leitura da obra ganha um contexto amplo e os estudantes aumentam a conexão com a leitura que está sendo realizada.

Por consequência, a proposta didática foi estruturada em três módulos, apresentando uma sequência organizada e coerente para o trabalho com a obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (1960), de Carolina Maria de Jesus, voltada aos alunos da EJA. A metodologia proposta busca integrar leitura, reflexão e produção escrita, articulando literatura e realidade social. Essa abordagem é especialmente significativa, pois assegura que os alunos se reconheçam nos temas abordados, construam sentidos a partir da leitura e desenvolvam competências leitoras e críticas por meio de diferentes gêneros textuais e recursos tecnológicos.

O primeiro módulo tem como foco despertar o interesse e preparar os alunos para o contato com a obra. Inspirado nas etapas de pré-leitura propostas por Isabel Solé (1998), o

módulo estimula a motivação, o levantamento de conhecimentos prévios e a formulação de hipóteses. Através da análise de imagens relacionadas aos temas do livro, os alunos são convidados a refletir sobre questões como pobreza, desigualdade e resistência (Oliveira, 2023, p. 35).

A proposta de manter um diário de leitura, desde o início, fortalece o envolvimento pessoal e o protagonismo dos alunos no processo. Fica claro que este módulo foi fundamental para despertar curiosidade e promover uma leitura com sentido, aproximando o conteúdo literário das vivências dos estudantes. A estratégia de partir de imagens e hipóteses cria uma conexão emocional e cognitiva com o texto.

No módulo 2, que aborda as leituras, interpretações e conexões intertextuais, verificou-se que o foco está na leitura e análise de trechos selecionados da obra, intercalados com outros gêneros textuais que dialogam tematicamente com *Quarto de Despejo*. Conforme Cosson (2021), os “intervalos de leitura” enriquecem a compreensão e ampliam a relação entre diferentes textos e contextos. Além disso, os alunos têm momentos de leitura extraclasse e registro em seus diários. O ponto alto do módulo é a exibição do documentário *Nós Carolinas – Vozes das Mulheres da Periferia*, que estabelece um paralelo entre a realidade retratada por Carolina Maria de Jesus nos anos 1950 e a vida de mulheres periféricas na atualidade (Oliveira, 2023, p.35-36).

Verificou-se que esse módulo é o coração do trabalho, pois resulta em um mergulho temático e crítico na obra, aliando leitura literária, reflexão social e práticas multimodais. A inclusão do documentário reforça o caráter contemporâneo e plural da proposta, tornando a experiência mais significativa e empática. Do ponto de vista pedagógico, o módulo é exemplar por promover uma formação leitora crítica e humanizadora. No entanto, é possível refletir sobre o desafio de garantir que essas leituras intertextuais e extraclasse não se tornem apenas atividades pontuais, mas experiências de aprofundamento contínuo. O envolvimento dos alunos com os registros em diários, por exemplo, pode variar conforme o acompanhamento docente e o espaço dado à expressão pessoal.

Já o Módulo 3 – Contextualização, expansão e produção autoral, tem como proposta a ampliação das reflexões realizadas. Através de pesquisas e discussões, os alunos relacionam as condições de vida descritas por Carolina Maria de Jesus às realidades atuais das favelas. Questões como fome, moradia, violência e projetos sociais são debatidas de forma colaborativa. A expansão do trabalho inclui o estudo do gênero “diário”, suas transformações ao longo do tempo e sua presença na era digital, levando à provocação: “as redes sociais podem ser

consideradas os diários da atualidade?”. O módulo culmina com a produção de um diário de leitura, em que os alunos registram suas percepções e reflexões (Oliveira, 2023, p. 36).

Por fim, neste módulo foi demonstrado o fechamento do ciclo de aprendizagem com uma proposta crítica e criativa. Ao relacionar passado e presente, literatura e realidade, o trabalho consolida a leitura como prática social e instrumento de transformação. A produção final do diário reafirma o protagonismo dos alunos e o poder da escrita como forma de expressão e resistência. Foi possível averiguar que os três módulos articulam de forma coerente motivação, leitura e produção, transformando o ensino de literatura em uma experiência viva e significativa. A metodologia propõe uma aprendizagem que valoriza o diálogo entre texto e contexto, incentivando a reflexão crítica e o protagonismo discente. A escolha de *Quarto de Despejo* como obra central potencializa o desenvolvimento da empatia e da consciência social, fomentando não apenas a formação de leitores, mas de sujeitos capazes de compreender, questionar e reescrever sua própria realidade.

O gênero diário, presente na dissertação de Oliveira (2023), foi explorado como recurso pedagógico para estimular a escrita autoral dos estudantes da EJA, favorecendo o protagonismo e a expressão pessoal. A metodologia adotada baseou-se em uma sequência didática que possibilitou a apropriação do gênero, partindo da análise da obra de Carolina e evoluindo para a produção dos próprios diários pelos estudantes.

A metodologia dialogou com os princípios de Paulo Freire e de Bakhtin, ao reconhecer o estudante como sujeito ativo da linguagem e da aprendizagem. A proposta também incluiu avaliação formativa e processual, valorizando os avanços individuais e a autonomia no processo de escrita (Oliveira, 2023, p. 30).

Entretanto, ao observar os efeitos dessa atividade na EJA, percebe-se que o diário não é apenas um espaço de subjetividade, mas também de afirmação identitária. As narrativas produzidas pelos estudantes, ao dialogarem com a escrita caroliniana, revelam a valorização das histórias de vida dos sujeitos, conferindo-lhes legitimidade e sentido pedagógico. Isso se aproxima da leitura de Gonzalez (2020), para quem as experiências de sujeitos periféricos e racializados constituem saberes fundamentais para a compreensão da sociedade brasileira.

Essa etapa final, que aborda mudanças e permanências nas desigualdades sociais, constitui um momento de profunda reflexão crítica. A análise comparativa permite aos estudantes compreenderem como as estruturas raciais e econômicas descritas por Carolina permanecem operando na sociedade contemporânea, articulando-se novamente às perspectivas de Carneiro (2023). Ao problematizarem fome, moradia, violência doméstica e marginalização,

os discentes exercitam a leitura social defendida por Gonzalez (2020), reconhecendo a literatura como chave interpretativa da realidade brasileira.

Ao trabalhar *Quarto de Despejo* (1960) em sala de aula, os estudantes tiveram a oportunidade de refletir sobre a realidade vivida por Carolina Maria de Jesus e estabelecer comparações com seu próprio cotidiano. A leitura orientada do diário da autora, acompanhada de registros pessoais e discussões em grupo, estimulou o pensamento crítico e a empatia, de sorte que os estudantes compreenderam a complexidade das questões sociais retratadas na obra e a importância da escrita como forma de expressão e resistência (Oliveira, 2023).

Traremos uma discussão e fundamentaremos em pesquisas feitas pelos alunos sobre as condições sociais dos moradores da favela nos dias de hoje. Levantaremos sugestões de pontos como a fome, as condições de moradia, a violência doméstica, a marginalidade, os projetos sociais que transformam a vida de quem vive na favela, e deixaremos que outros pontos sejam sugeridos por eles. O objetivo é relacionar esses aspectos apontados no livro com a situação encontrada hoje. O que mudou? Na expansão será apresentado o gênero diário, suas características e usos nos dias atuais, assim como outros diários famosos na nossa literatura e o diário on-line (Oliveira, 2023, p. 36).

Verificou-se que a proposta apresentada demonstra uma postura pedagógica crítica e contextualizada ao incentivar os alunos a pesquisarem sobre as condições sociais atuais e compará-las às descritas por Carolina Maria de Jesus. Desse modo, promove-se uma leitura ativa e reflexiva, que ultrapassa o texto literário e alcança a realidade social. Essa abordagem desperta a consciência cidadã, facultando que os estudantes identifiquem permanências e mudanças nas desigualdades vividas nas favelas brasileiras. Além disso, a inclusão da discussão sobre o gênero “diário” e suas formas contemporâneas, como o diário on-line, é uma estratégia inteligente e atual, pois conecta a literatura clássica ao universo digital e cotidiano dos alunos. De modo geral, considera-se essa proposta eficaz e transformadora, pois alia o estudo literário à prática investigativa e à valorização das experiências sociais e culturais dos educandos.

### **5.5 Análise comparativa das metodologias: aproximações, distanciamentos e contribuições**

A análise das quatro dissertações selecionadas: Silva (2016), Teixeira (2018), Ferreira (2021) e Oliveira (2023) revela um panorama amplo de práticas pedagógicas que utilizam *Quarto de despejo* (1960), de Carolina Maria de Jesus, como eixo para intervenções educacionais. Essas pesquisas, desenvolvidas em contextos variados do ensino brasileiro, desde o Ensino Fundamental II até a Educação de Jovens e Adultos (EJA), convergem em sua ênfase

na promoção de uma educação crítica e inclusiva, sobretudo quando articulam a leitura de diários autobiográficos ao reconhecimento de direitos e de dignidade humana, em consonância com a Lei 10.639/2003, o que acaba por favorecer o fortalecimento da autonomia e da autoestima de estudantes negros e negras.

Há que se ressaltar, no entanto, que as metodologias adotadas apresentam aproximações e distanciamentos notáveis, que merecem ser explorados para compreender como o gênero diário é mobilizado, ou expandido, como recurso de resistência e visibilização de vozes subalternas. Essa análise comparativa não apenas amplia o escopo da seção, mas também conecta as práticas investigadas às contribuições teóricas de autoras como Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro e Beatriz Nascimento, que enfatizam a interseccionalidade de raça e gênero na luta contra o racismo estrutural (Gonzalez, 1984, p. 15); a Gayatri Spivak, com sua provocação sobre a possibilidade de o subalterno falar (Spivak, 1988, p. 271), orientam a descolonização curricular e a formação de educadores comprometidos com a equidade.

As quatro pesquisas convergem em uma estratégia central: a utilização do gênero diário como catalisador de práticas reflexivas e autorais, inspiradas na escrita íntima e crítica de Carolina Maria de Jesus. Esse gênero, caracterizado por sua subjetividade, fragmentariedade e proximidade com o cotidiano, é explorado não como um formato literário isolado, mas como um dispositivo pedagógico que permite aos estudantes registrar experiências pessoais, fomentando o autoconhecimento e a crítica social. Silva (2016, p. 60), por exemplo, adota a leitura integral da obra seguida de produção de diários pessoais e cartas simbólicas, culminando em um memorial expositivo, o que reforça o diário como espaço de “escrevivência”, conceito cunhado por Conceição Evaristo e ecoado aqui para afirmar identidades negras e periféricas. Essa abordagem se aproxima de Ferreira (2021, p. 39), que integra diários pessoais com elementos multimodais, como fotografias do cotidiano, e resulta em um livro coletivo publicado, ampliando o alcance da escrita autoral para além da sala de aula. Ambas as pesquisadoras priorizam a leitura compartilhada e rodas de conversa, criando ambientes dialógicos que, conforme Spivak (1988, p. 308), buscam romper o silenciamento imposto às vozes marginalizadas, viabilizando que estudantes negros e periféricos “falem” por meio de narrativas que entrelaçam o individual e o coletivo.

Da mesma forma, Oliveira (2023, p. 36) e Teixeira (2018, p. 104) aproximam-se dessa centralidade do diário, mas com nuances que expandem seu potencial. Oliveira, voltada à EJA, propõe diários de leitura e pessoais como parte de uma sequência didática multimodal, incorporando mídias como vídeos, músicas e HQs para ativar conhecimentos prévios e fomentar debates temáticos sobre fome, racismo e protagonismo feminino. Essa estratégia

dialoga diretamente com os princípios freirianos de valorização da experiência do educando, dando origem a uma escrita que resgata memórias de adultos racializados, cujas vozes foram historicamente apagadas, como argumenta Carneiro (1988, p. 22) ao discutir o racismo como mecanismo de exclusão epistemológica. Teixeira (2018, p. 25), por sua vez, utiliza o diário como etapa preparatória para roteiros autobiográficos que culminam em histórias em quadrinhos (HQs), integrando as linguagens verbal e visual em uma pesquisa-ação interdisciplinar. Aqui, o diário não é o fim, mas um meio para explorar a memória pós-moderna, oportunizando que estudantes do Ensino Fundamental II reflitam sobre identidade e pertencimento étnico-racial.

As práticas de leitura crítica e de produção autoral analisadas nas pesquisas dialogam com as reflexões de Sueli Carneiro (2005, p. 67), em *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*, e de Beatriz Nascimento (1989, p. 12), em *O negro visto por ele mesmo*, que sublinham a necessidade de narrativas produzidas por mãos negras para desconstruir estereótipos e afirmar a agência da mulher negra.

À luz dessas discussões, Carolina Maria de Jesus se destaca nas análises como uma figura que apresenta essa política da escrita negra: uma mulher, escritora e trabalhadora que, por meio de sua própria narrativa, expõe as estruturas de racismo e de sexismo que atravessam sua existência. Enquanto Lélia Gonzalez (1984, p. 20), ao discutir a articulação entre raça, gênero e classe no contexto brasileiro, oferece um quadro teórico que ajuda a compreender como as produções estudantis analisadas espelham essas múltiplas formas de opressão e resistência. Desse modo, Lélia corrobora ao entendimento e à percepção sobre como a escrita de Carolina e suas categorias analíticas permitem iluminar a força interseccional presente na obra da autora e nas práticas pedagógicas que dela se inspiram.

Apesar das convergências, os distanciamentos metodológicos revelam variações que enriquecem, mas também desafiam, a aplicação pedagógica do diário em contextos educacionais diversos. Silva (2016, p. 58) e Ferreira (2021, p. 14), por exemplo, mantêm o foco primário no diário como gênero textual tradicional, com ênfase em produções escritas e exposições coletivas, o que as distanciam de abordagens mais multimodais como as de Teixeira (2018) e Oliveira (2023). Enquanto Silva privilegia releituras criativas como dramatizações e ilustrações, sem integração profunda de mídias digitais além de um grupo virtual, Ferreira incorpora oficinas online e redes sociais durante a pandemia, adaptando o diário a linguagens contemporâneas.

Teixeira (2018, p. 130) expande o diário para o gênero HQ, inspirado em novelas gráficas como *Persépolis* e *Carolina*, o que introduz uma dimensão visual e interdisciplinar

ausente nas outras. Essa metodologia de pesquisa-ação, com fases de leitura crítica, análise formal e produção final, prioriza a memória escolar e a identidade pós-moderna, permitindo que estudantes expressem angústias e sonhos por meio de balões, onomatopeias e planos visuais. Diferentemente de Oliveira (2023, p. 33), que usa multiletramentos para contextualizar o diário com mídias variadas (músicas, vídeos), mas mantém a escrita como eixo central em diários pessoais para a EJA, Teixeira transforma o diário em um “roteiro” transitório, focando na expressão artística para públicos adolescentes.

Outro distanciamento reside nos públicos-alvo e contextos: Silva (2016, p. 45) e Teixeira (2018, p. 127) atuam no Ensino Fundamental II (crianças e adolescentes de 13-14 anos), em que o diário e as HQs servem à construção inicial de identidade, enquanto Ferreira (2021, p. 8) e Oliveira (2023, p. 27) atendem ao 9º ano e à EJA, respectivamente, adaptando metodologias a realidades adultas ou pandêmicas. Os contrastes metodológicos evidenciam desafios interseccionais: em contextos de EJA, como o de Oliveira, o diário resgata vozes silenciadas por décadas de exclusão, alinhando-se a Gonzalez (1984, p. 25), nos contextos da EJA, como observado no estudo de Oliveira (2023), o uso do diário funciona como estratégia para recuperar vozes historicamente silenciadas pela exclusão escolar.

A análise comparativa das metodologias reforça a importância da obra caroliniana como elo para uma educação que descoloniza o currículo, estimulando o fortalecimento negro em consonância com os objetivos desta dissertação. As convergências no uso do diário como gênero de “escrevivência” possibilitam que estudantes, especialmente negros e negras, se apropriem de narrativas que ecoam as lutas da mulher negra delineadas por Gonzalez (1984, p. 16), Carneiro (1988, p. 23) e Nascimento (1989, p. 13): o registro da fome e da pobreza como formas de racismo estrutural, a afirmação da maternidade periférica como resistência e a construção de uma história “escrita por mãos negras” que contraria o apagamento colonial. Spivak (1988, p. 310) questiona se o subalterno pode falar sem ser cooptado; nessas pesquisas, as práticas de produção autoral, diários, HQs, livros coletivos, respondem afirmativamente, ao criar espaços onde vozes periféricas são não só ouvidas, mas publicadas e circuladas, rompendo o silenciamento.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação teve como proposta central refletir sobre a importância da obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), de Carolina Maria de Jesus, no espaço escolar, como instrumento de valorização das narrativas negras, de promoção do letramento crítico e da construção de identidades raciais positivas entre estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental. O trabalho consistiu na análise de quatro dissertações desenvolvidas no contexto educacional, todas fundamentadas na leitura e discussão dessa obra literária, permitindo assim observar as metodologias empregadas, os objetivos traçados e os resultados alcançados por diferentes pesquisadores em espaços escolares diversos.

Retomando os objetivos iniciais do estudo, que visaram identificar de que maneira a literatura caroliniana tem sido abordada em sala de aula, especialmente a partir de produções textuais desenvolvidas com estudantes, constatou-se que a autora tem desempenhado papel relevante na formação crítica dos sujeitos envolvidos nas pesquisas analisadas. Conforme defendido na introdução, buscou-se verificar como as vozes das mulheres negras, sobretudo aquelas oriundas das periferias, têm sido acolhidas ou marginalizadas no ambiente escolar, e como a abordagem de sua obra pode fomentar o debate sobre racismo, identidade racial, pertencimento e resistência, à luz da Lei 10.639/03 (Brasil, 2003).

A escolha por desenvolver uma pesquisa de cunho qualitativo e documental se mostrou adequada ao propósito do estudo, uma vez que viabilizou o levantamento e a análise detalhada de dissertações que trataram do ensino de *Quarto de despejo* (1960) em contextos escolares. Através desse recorte, foi possível observar a pluralidade de estratégias pedagógicas utilizadas, bem como os desafios enfrentados por professores e estudantes no tratamento de temáticas tão sensíveis e urgentes.

Ao longo da pesquisa, destacou-se a relevância dos aportes teóricos de Carneiro (2023), sobretudo no que se refere ao conceito de dispositivo de racialidade, que realça os mecanismos estruturais do racismo e sua incidência sobre a trajetória escolar de estudantes negros e negras. Segundo a autora, “a racialização da pobreza no Brasil encontra sua face mais cruel na realidade das mulheres negras, cuja exclusão social é legitimada pelo discurso da inferiorização racial” (Carneiro, 2023, p. 29). Essa compreensão perpassa a leitura de Carolina Maria de Jesus, cujas memórias escancararam, ainda na década de 1960, o abismo racial, social e econômico vivenciado por sujeitos historicamente invisibilizados.

Os estudos de Lélia Gonzalez (2020) também foram fundamentais para compreender a perspectiva da “amefricanidade” e a construção de uma identidade afro-latino-americana no

processo educativo. A autora propõe que o reconhecimento das raízes africanas, indígenas e populares da cultura brasileira deve ser elemento estruturante do currículo, promovendo práticas pedagógicas antirracistas e descolonizadoras. Essa concepção dialoga diretamente com os relatos analisados nas dissertações, nos quais os estudantes se depararam, muitas vezes pela primeira vez, com uma literatura que os representa em sua condição social, étnica e territorial.

A leitura de *Quarto de despejo* (1960), no ambiente escolar, motivou a mobilização de práticas de escrita significativas, nas quais os estudantes puderam expressar suas vivências e percepções sobre racismo, desigualdade e resistência. Tal proposta está em consonância com as ideias de Koch (2018), que defende a escrita como prática discursiva e como espaço de constituição de sentidos e subjetividades. A escrita, nesse sentido, não é apenas exercício mecânico, mas experiência de mundo, e foi isso que se observou nas produções textuais resultantes das pesquisas analisadas.

Além disso, o diálogo com o conceito de pacto autobiográfico, de Lejeune (2008), contribuiu para legitimar a leitura do diário como obra autobiográfica que rompe com os cânones literários tradicionais ao colocar em cena uma autora pobre, negra, favelada e sem formação escolar formal. A escrita caroliniana constitui-se, assim, como gesto político de enunciação e autorrepresentação, uma vez que “a autobiografia é um contrato de verdade entre autor, narrador e personagem” (Lejeune, 2008, p. 21), e é nesse contrato que a literata inscreve sua existência a partir de uma pluralidade de perspectivas.

Como resultado desta investigação, pode-se afirmar que o desenvolvimento de projetos pedagógicos baseados na literatura caroliniana contribui significativamente para a promoção da justiça curricular, da escuta de sujeitos historicamente silenciados e da efetivação da Lei 10.639/03. As dissertações analisadas revelam que, apesar dos desafios estruturais e metodológicos enfrentados pelos educadores, é possível construir experiências formativas capazes de transformar o olhar dos estudantes sobre si mesmos e sobre o mundo.

Conclui-se, portanto, que a literatura de Carolina Maria de Jesus, especialmente *Quarto de despejo* (1960), deve ser cada vez mais incorporada às práticas escolares, não apenas como conteúdo programático, mas como dispositivo de resistência, reconhecimento e emancipação. Espera-se que este estudo possa contribuir para o fortalecimento de uma educação comprometida com a equidade, com a valorização da cultura negra e com a construção de uma escola verdadeiramente democrática e inclusiva.

Retomando os objetivos desta pesquisa e considerando a relevância de suas conclusões para o campo da Educação, torna-se necessário explicitar um aspecto que atravessou todas as

análises aqui desenvolvidas, mas que demandava aprofundamento em suas implicações pedagógicas e epistemológicas: a escrita.

Embora a leitura de *Quarto de despejo* (1960) tenha sido o eixo articulador das propostas pedagógicas analisadas, verificou-se, de modo transversal nas quatro dissertações estudadas, que a escrita se constituiu como espaço privilegiado de formação crítica, produção de subjetividades e exercício da autoria. Nesse sentido, a escrita não aparece apenas como atividade complementar às leituras realizadas, mas como dimensão constitutiva da aprendizagem, assumindo papel central nos processos educativos inspirados na obra de Carolina Maria de Jesus.

As experiências examinadas mostram que a escrita não foi concebida como mero instrumento avaliativo, mas como categoria formativa, em consonância com Geraldi (1991), Didier (1976) e Koch (2018). Nos projetos investigados, práticas como a elaboração de diários, cartas, registros reflexivos, histórias em quadrinhos autobiográficas e memoriais possibilitaram que os estudantes se deslocassem do lugar de espectadores para o de autores, compreendendo-se como sujeitos capazes de narrar, interpretar e ressignificar suas próprias vivências.

Desse modo, confirma-se a perspectiva de Geraldi (1991), segundo a qual a escrita escolar deve possibilitar ao sujeito “dizer-se”, construindo sentidos sobre si e sobre o mundo. As dissertações analisadas demonstram que, ao convidar os estudantes a escreverem a partir da leitura do diário de Carolina, os professores-pesquisadores instituíram ambientes de aprendizagem nos quais escrever não significou apenas cumprir tarefas, mas habitar um espaço de reflexão crítica, agência e elaboração identitária.

A análise também evidencia diálogo direto com Didier (1976), que concebe o diário como gênero em que o sujeito se encontra consigo mesmo, registrando aspectos de seu cotidiano, suas emoções, expectativas e conflitos. Ao utilizarem diários pessoais, de leitura ou de aula, as pesquisas criaram oportunidades para que estudantes e professores experienciassem a escrita como movimento de autoescuta, como construção de subjetividade e como reorganização da própria existência. Assim como Carolina converteu cadernos encontrados no lixo em arquivo de memória, denúncia e resistência, os estudantes transformaram seus cadernos escolares em espaços de ressignificação de experiências e de reconhecimento de si.

Em convergência com Koch (2018), observou-se que a escrita funciona, nos projetos pedagógicos analisados, como ato discursivo social e interativo. Os estudantes escrevem porque encontram, nos textos de Carolina, uma voz que lhes fala e que legitima suas próprias vozes. A escrita emerge, portanto, como prática dialógica: o escrevente responde à autora, à professora, ao grupo e a si mesmo. Essa escrita não permanece restrita ao âmbito privado: ao circular em

varais literários, rodas de leitura, exposições e culminâncias, produz sentidos coletivos, fortalece vínculos e insere os estudantes em comunidades de partilha.

A importância do diário na obra de Carolina Maria de Jesus e ao confrontá-la com as novas formas de narrar o cotidiano nas redes sociais, compreende-se que o desafio atual da escola é justamente criar espaços em que a escrita volte a ser instrumento de autoescuta, memória e resistência. Atualmente, grande parte dos registros do dia a dia migra para as redes sociais, especialmente *stories*, *vlogs* e postagens que expõem rotinas, emoções e opiniões. Se, por um lado, esses espaços funcionam como novas formas de diários públicos, em que sujeitos constroem narrativas sobre si e buscam reconhecimento, por outro, diferem do diário tradicional ao privilegiarem a exposição instantânea, a performance e a interação imediata, nem sempre proporcionando o recolhimento, a reflexão íntima e a profundidade que caracterizam o escrito diarístico.

Os dados analisados comprovam que a escrita autobiográfica desempenhou papel decisivo na ampliação da consciência racial, no fortalecimento das identidades e na elaboração crítica sobre desigualdades sociais. Ao escreverem sobre si após ler Carolina, os estudantes reconheceram a literatura como território possível para suas vozes, rompendo com o silenciamento linguístico e simbólico, que historicamente atravessa a escolarização de jovens negros e periféricos no Brasil. Assim, escrever torna-se, ao mesmo tempo, gesto estético, ético e político.

Nesse sentido, conclui-se que o trabalho pedagógico com *Quarto de despejo* (1960) não forma apenas leitores críticos, mas também escreventes críticos, capazes de transformar vivências em discurso, dores em análise, identidades em consciência e memórias em resistência. A escrita se afirma como recurso de emancipação, como prática de liberdade e como exercício pleno de cidadania.

As análises realizadas permitem afirmar que a literatura de Carolina Maria de Jesus mobiliza a escrita porque convoca o sujeito a olhar para si, a interrogar sua realidade, a nomear suas experiências. Esse movimento revela a importância do ensino baseado no diário: ao escrever sobre a própria vida, o estudante não apenas imita a ação de Carolina, mas continua seu gesto, ampliando-o para novas gerações e para novos contextos sociais.

Dessa forma, as contribuições desta pesquisa sustentam que práticas de escrita inspiradas no diário de Carolina Maria de Jesus fortalecem a autoria e a autonomia dos estudantes; ampliam o repertório linguístico, crítico e expressivo; promovem a escuta da diversidade e das subjetividades; combatem o silenciamento histórico de populações negras e

periféricas; contribuem para a efetivação da Lei 10.639/03; e consolidam a escola como espaço de expressão, memória e resistência.

Reafirma-se, portanto, que o ensino literário no contexto da sala de aula, a partir de *Quarto de despejo* (1960), aliado às práticas de escrita diarística e autobiográfica, configura-se não apenas como metodologia de ensino de língua, mas como pedagogia de humanização, justiça social e reconhecimento, capaz de transformar a escola em um espaço no qual todas as histórias merecem e podem ser contadas.

## REFERÊNCIAS

- ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. Trad. Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- AGOSTINHO, R. **Maria Firmina dos Reis: mulher e poder no Brasil**. Rio de Janeiro: Malê, 2024.
- AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro / Pólen, 2019.
- ALENCAR, T. S. **Escrevivência e dialogismo na obra de Carolina Maria de Jesus: análise dos enunciados nas canções do disco Quarto de Despejo (1961) à luz do livro homônimo**. Dissertação (Mestrado em Estudos Latino-Americanos) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Foz do Iguaçu-PR, 2024. Disponível em: <https://dspace.unila.edu.br/server/api/core/bitstreams/6a85f7d2-6f60-424e-822c-ced9ba8354b5/content>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- AZEREDO, E. G. **As muitas vidas e identidades de Carolina Maria de Jesus: o uso do biográfico e de autobiográfico no ensino das relações étnico raciais**. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional Profhistória). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo-RJ, 2018. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/432029/2/Edson%20Azeredo.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- BARBOSA, S.; PINHEIRO, J. **Carolina**. São Paulo: Veneta, 2016.
- BARTHES, R. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008: altera a Lei nº 9.394/1996 para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 11 mar. 2008. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm). Acesso em: 12 mar. 2025.
- BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”, e dá outras providências. Disponível em: Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm) Acesso em: 12 mar. 2025.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**: estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 12 mar. 2025.
- CAMILO, G. H. **Cartografias identitárias, educacionais e de subjetivação nas manifestações artísticas contemporâneas: a narrativa em Carolina Maria de Jesus**. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual de Londrina, Londrina: UEL, 2021. Disponível em: <https://repositorio.uel.br/srv-c0003-s01/api/core/bitstreams/d245151c-c858-42cd-8d9b-ddc55034614e/content>. Acesso em: 12 mar. 2025.

CAMPOS, C. M. S. **Carolina Maria de Jesus: a preservação da memória e o impacto na contemporaneidade da literatura produzida pela mulher negra brasileira.** Dissertação (Mestrado em Memória e Acervos). Fundação Casa de Rui Barbosa. Rio de Janeiro-RJ, 2022. Disponível em: <https://rubi.casaruibarbosa.gov.br/xmlui/bitstream/handle/20.500.11997/18113/Clarice%20Campos.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 12 mar. 2025.

CANDAU, V. M. Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos. **Educação & Sociedade**, v. 33, n. 118, p. 235-250, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/QL9nWPmwbhP8B4QdN8yt5xg/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 30 set. 2025.

CANDIDO, Antonio. O direito à Literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos.** Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011, p. 171-193.

CAPES - Catálogo de Teses e Dissertações. **Quarto de despejo.** Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Acesso em: 25 jul. 2025.

CARNEIRO, S. **Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser.** 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CARNEIRO, S. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil.** São Paulo: Sueli Carneiro/Editora Ática, 2011. 150 p.

CARNEIRO, S. **Ensaio sobre o racismo: o papel da mídia na reprodução das desigualdades.** São Paulo: Brasiliense, 1988.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. *et al.* (org.). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 295-316.

COELHO, F. Escrito em todos os brasis, em todos os tempos do agora. In: LUDEMIR, J. (org.). **Carolinas: a nova geração de escritoras negras brasileiras.** 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo: Flup, 2021. p. 163-245.

COLLINS, P. H. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento.** Trad. Jamile Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

COLLINS, P. H. **Se perdeu na tradução: feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória.** 5(1). Jan./Jun., 2017.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática.** 2. ed. 11ª impressão. São Paulo: Contexto, 2021, 139 p.

COSTA, H. C. S. **A geografia no Quarto de Despejo: uma contribuição interdisciplinar para a implementação da Lei 10.639/03.** Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Uberlândia, MG, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/33015/8/GeografiaQuartoDespejo.pdf>. Acesso em: 14 maio 2025.

CRENSHAW, K. W. The first decade: critical reflections of “a foot in the closing door.” In: **UCLA Law Review**, 49(5), jun./2002. Disponível em:

[http://www2.law.columbia.edu/fagan/courses/law\\_socialscience/documents/Spring\\_2006/class%20Origins%20of%20Social%20Science%20Law/Crenshaw\\_Foot%20in%20the%20Closing%20Door.pdf](http://www2.law.columbia.edu/fagan/courses/law_socialscience/documents/Spring_2006/class%20Origins%20of%20Social%20Science%20Law/Crenshaw_Foot%20in%20the%20Closing%20Door.pdf). Acesso em: 31 jan. 2021.

DIDIER, B. **O diário íntimo**. Tradução de Maria Helena Kühner. São Paulo: Ática, 1976.

EVARISTO, C. A escrituragem e seus sentidos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrituragem**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Malê, 2020. p. 11-28. Disponível em: [https://presencial.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/404636/mod\\_resource/content/1/EVARISTO%20A%20escrituragem%20e%20seus%20subtextos.pdf](https://presencial.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/404636/mod_resource/content/1/EVARISTO%20A%20escrituragem%20e%20seus%20subtextos.pdf). Acesso em: 14 maio 2025.

FARIAS, T. **Carolina**: uma biografia. 2. ed. São Paulo: Malê, 2018. 402 p.

FERREIRA, J. L. **Quarto de Despejo**: temáticas atemporais para sala de aula. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado de Mato Grosso, Programa de Pós-Graduação em Educação. Sinop, MT, 2021. Disponível em: [https://profletras.ufrn.br/wp-content/uploads/2025/08/DISSERTACAO-POS-DEFESA-Jacinaila-Ferreira-PDF\\_compressed.pdf](https://profletras.ufrn.br/wp-content/uploads/2025/08/DISSERTACAO-POS-DEFESA-Jacinaila-Ferreira-PDF_compressed.pdf). Acesso em: 14 maio 2025.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 47. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

GERALDI, J. W. **O texto na sala de aula**: leitura e produção. 4. ed. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GOMES, N. L. **O movimento negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis. Vozes, 2017.

GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: GONZALEZ, L. (org.). **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1984. p. 15-28.

JESUS, C. M. **Casa de alvenaria, volume 1**: Osasco. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

JESUS, C. M. **Casa de alvenaria, volume 2**: Santana. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

JESUS, C. M. **Quarto de despejo**: Diário de uma favelada. Ilustração Vinicius Rossignol Felipe. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

JESUS, C. M. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

JESUS, C. M. **Pedaços da fome**. São Paulo: Ática, 1963.

JESUS, E. N. **Uma escrita de si como fala do outro**: reflexões a partir da escrita de Carolina Maria de Jesus. (Mestrado Letramento, Identidades e Formação de Professores). Universidade do Estado da Bahia, Alagoinhas-BA, 2016. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/litterata/article/view/861>. Acesso em: 12 maio 2025.

JESUS, M. D. **Práticas pedagógicas antirracistas**: vida e obra de Carolina Maria de Jesus com conteúdo curricular na aplicação da Lei 10.639/03. (Mestrado em Educação). Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos-SP, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/items/ca8c25bc-c00e-4af1-879c-8d55044fa282>. Acesso em: 14 maio 2025.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2018.

KOCH, I. G. V. O desenvolvimento da Linguística Textual no Brasil. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, 15(3), 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/40330>. Acesso em: 18 jul. 2025.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Belo Horizonte, MG: UFMG, 2008.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo, SP: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MEIHY, J. C. S. B. **Carolina Maria de Jesus**: uma biografia. 1998.

MEIRELLES, K. G. **Para além do Quarto de Despejo**: injustiça ambiental, literatura e resistência na obra de Carolina Maria de Jesus. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino em Ciências da Saúde e do Meio Ambiente). Centro Universitário de Volta Redonda. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Volta Redonda-RJ, 2020. Disponível em: [https://sites.unifoa.edu.br/portal\\_ensino/mestrado/mecsma/arquivos/2020/kelen-gurgel.pdf](https://sites.unifoa.edu.br/portal_ensino/mestrado/mecsma/arquivos/2020/kelen-gurgel.pdf). Acesso em: 12 maio 2025.

MOREIRA, S. M. B.; ALVES, R.; ALVES, B. S.; SOUZA, G. R. P.; FERNANDES, G. R.; RIBEIRO, I. L.; SILVA, J. G. S.; CUNHA, J. A.; RODRIGUES, L. M.; SILVA, M. B.; PIRES, M. S.; RAMOS, P. R. O. L. Multiletramentos e o ensino da escrita: relato de experiência de língua portuguesa da FFP. **Revista Aproximando**. v. 6, n. 9, 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/aproximando/article/view/89913>. Acesso em: 12 maio 2025.

NASCIMENTO, B. **Uma história feita por mãos negras**: relações raciais, quilombos e movimentos. Organizador Alex Ratts. Rio de Janeiro: Zahar. 2021.

NASCIMENTO, B. **O negro visto por ele mesmo**: o livro de ouro do negro brasileiro. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1989.

OLIVEIRA, S. O. **Multiletramentos na EJA**: uma proposta de ampliação da competência leitora com a obra *Quarto de despejo*: Diário de uma favelada de Carolina Maria de Jesus. Dissertação (mestrado profissional em Letras). Orientadora: Laura Camila Braz de Almeida. São Cristóvão, SE, 2023. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/18282>. Acesso em: 12 maio 2025.

PERPÉTUA, E. **A escrita de Carolina Maria de Jesus: um grito de resistência**. Salvador: EdUFBA, 2003.

SILVA, E. C. **A violência social brasileira na obra de Carolina Maria de Jesus**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara. Araraquara-SP, 2016, 224. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/e7e3662a-62b0-4673-9177-799cad907cac>. Acesso em: 12 maio 2025.

SILVA, M. P. **A voz e o poder do texto literário afro-brasileiro: uma proposta de intervenção pedagógica para o ensino fundamental com a obra Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Educação. Santo Antônio de Jesus, BA, 2016. Disponível em: [https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=4588826](https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=4588826). Acesso em: 12 mar. 2025.

SILVA, T. M. **Oficinas de leitura baseadas no livro de Carolina Maria de Jesus “Quarto de despejo – Diário de uma favelada”**: contribuições para formação integral e leitura crítica no Proeja do Colégio Pedro II. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica. Mesquita-RJ, 2023. Disponível em: [https://portal.ifrj.edu.br/sites/default/files/IFRJ/PROPI/thais\\_marinho\\_da\\_silva\\_dissertacao.pdf](https://portal.ifrj.edu.br/sites/default/files/IFRJ/PROPI/thais_marinho_da_silva_dissertacao.pdf). Acesso em: 12 mar. 2025.

SOARES, S. K. S.; ELISIÁRIO, S. A. S. B. Narrativas, experiências e conhecimento de si: potencialidades do gênero diário pessoal nas atividades de leitura e escrita. **Revista Humanidades e Inovação**, Palmas-TO, v. 11, n. 7, 2024. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/9785>. Acesso em: 12 mar. 2025.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2014.

SPIVAK, G. C. **Can the subaltern speak?** In: NELSON, C.; GROSSBERG, L. (Org.). *Marxism and the interpretation of culture*. Urbana: University of Illinois Press, 1988. p. 271-313. (Tradução brasileira: **Pode o subalterno falar?** In: \_\_\_\_ (Org.). **Crítica da política pós-colonial**. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 271-313).

SATRAPI, M. **Persépolis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ST. CLAIR, D. Translator's preface. In: JESUS, Carolina Maria de. **Child of the dark: the diary of Carolina Maria de Jesus**. 6. ed. Trad. David St. Clair. New York: New American Library, [1962?]. p. 7-15.

TEIXEIRA, T. F. R. L. **Identidade(s) e memória(s) em novelas gráficas: uma proposta de intervenção na escola**. Dissertação (mestrado) Universidade Estadual de Londrina-PR, 2018. Disponível em: [https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=4588826](https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=4588826). Acesso em: 12 mar. 2025.

TUZZO, S. A.; BRAGA C. F. O processo de triangulação da pesquisa qualitativa: o metafenômeno como gênese. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, SP, v. 4, n. 5, p. 140-158, ago. 2016. Disponível em: <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/38>. Acesso em: 18 maio 2025.

WILLIAMS, P. J. **The Alchemy of Race and Right**: diary of a law professor. Cambridge: Harvard University Press, 1991.

YANG, B. **Adeus tristeza**: a história dos meus ancestrais /. Belle Yang; tradução Érico assis., 1a ed., São Paulo: Quadrinhos na Cia., 2012.